BIZZ

5 ANOS

JULHO '90

EDITORA AZUL

SINEAD O'CONNOR

★ ★ ★ ★ ★

Enfim, o megaestrelato

MADONNA

A Turnê "Ambição Loura" Seduz o Planeta Terra

EXCLUSIVO

THE CHURCH

MIDNIGHT OIL

A FORÇA DO ROCK AUSTRALIANO

MANIA

A NOVA GERAÇÃO NA MIRA DA MÍDIA

INIMIGOS DO REI

NENHUM DE NÓS

UNS E OUTROS

THE MISSION • FRONT 242 • BRUCE DICKINSON • JANET JACKSON • THE WHO • BO DIDDLEY • BLUES, BLUES, BLUES

fernanda abreu sla radical dance disco club

EMI

EM LP, CASSETE E COMPACT-DISC

ÍNDICE

Rock'n'rollers e hip hoppers, dançarinos e exploradores do espaço sideral, reggaemaníacos e psicodélicos, boys and girls. Estabelecer um único perfil para o leitor de BIZZ seria cair na caricatura. Depois de cinco anos e milhões de cartas e telefonemas (e até algumas visitas à Redação), sabemos que lidamos com uma grande família. E, sem essa democracia, dificilmente estaríamos soprando estas velas e fatiando este bolo. E que bolo!

Foto de Capa: WEA (Madonna), Lorraine Day (Sinéad O'Connor)

As anfitriãs dispensam apresentações. **Madonna** foi capa de nossa segunda edição, **Sinéad O'Connor** em agosto de 88. Seus últimos LPs e turnês disputam o Olimpo da *femme fatale* pop, cada uma à sua personalíssima maneira. Ambas estrelam, além de matérias próprias, a seção *Ao Vivo*. O dossiê "A Ambição Loira de Breathless Mahoney" começa na pág. 30, a entrevista com a irlandesa está na pág. 48.

Das avenidas de Tóquio, para cobrir a estréia da turnê mundial de Michael Jackson em 87, às casas noturnas de New Orleans, para entrevistar os Neville Bros., **Ana Maria Bahiana** sempre foi nossa *globe-trotter* de plantão. Desta vez ela mergulhou *down under* — ou "bem lá embaixo", como os ingleses apelidaram a Austrália — para uma investigação completa do vibrante cenário local e sua importância na nova distribuição de forças do rock planetário. Se essa é a sua onda, pule direto para a página 40.

Engrossando a comemoração, estreamos uma nova seção: *Jukebox*. Quem assina é **René Ferri**, enciclopédia ambulante da música pop *em geral*, cujos textos brilhantes permaneciam ocultos em fanzines infelizmente extintos como *Spalt* e *Gass*. Todo mês, René selecionará talentos e genialidades injustamente esquecidos ou ignorados como a compositora/produtora **Ellie Greenwich**, co-autora de uma saraivada dos mais sensacionais hits do começo dos anos 60. Mais detalhes na pág. 92.

Por último, desembrulhamos o presente: as primeiras fichas de uma coleção que, quando completa, será a mais abrangente enciclopédia de pop/rock já editada no país. As *Cruzadas BIZZ*, cujas participações surpreenderam não só pela quantidade como pela qualidade, continuam, é claro.

Um abraço especial a todos os leitores que escreveram para corrigir nossos erros, desferir críticas e enviar sugestões — os nossos co-pilotos, enfim.

6 SHOWBIZZ
Bowie no Brasil, João Gilberto, Vinil Fresco

12 FAST FORWARD
Doors, Cowboy Junkies e muito mais

40 ROCK AUSTRALIANO
Exclusivo: a nova força do som da ilha

57 ENTREVISTÃO
Inimigos, Uns E Outros, Nenhum de Nós

70 FRONT 242
Marketing a serviço do tecnoterrorismo

72 THE MISSION
Wayne Hussey explica como é ser gótico

76 DANCE MUSIC
Notícias quentinhas e três novas seções

78 CONEXÃO BRASIL
Cobertura completa do underground

80 AO VIVO
Madonna, Janet Jackson e muito blues

92 JUKEBOX
A seção que recupera o passado do pop

95 DISCOS
Sugarcubes, Ira!, Depeche e reggae

106 PARADA
Bowie e Legião na frente

108 LETRAS
"Blue Sky Mining", Midnight Oil

110 CARTAS
Nasi X Alex Antunes, Melhores do Ano

112 DISCOTECA BÁSICA
The Who Sell Out, The Who

114 HÁ 5 ANOS
Seção nova: onde você estava em 85?

TUDO O QUE A GENTE TINHA A DIZER SOBRE O NOVO E REVOLUCIONÁRIO EMOTION VAI ACABAR

ENTRANDO POR AQUI

E SAINDO POR AQUI.

PHILCO - HITACHI

A tendência dos anos 90 é a modernidade, os avanços tecnológicos, as inovações de última geração, e não ter a menor idéia de como tudo isso funciona. Para você, que é bem anos 90, a Philco-Hitachi está lançando o novo Emotion: um som sofisticado por um preço acessível. O Emotion tem novíssimas concepções de design, fidelidade e qualidade inigualáveis e mais um monte de inovações técnicas que a gente poderia ficar aqui linhas e linhas descrevendo. Mas que, a gente também sabe, você não iria se interessar tanto quanto só sentar e ouvir um senhor som, na hora em que você quer só sentar e ouvir um senhor som.

emotion

PHILCO - HITACHI

EMOÇÃO AO ALCANCE DE SUAS MÃOS.

PCS-35

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
COMUNICAÇÃO AMAZÔNIA

ROCK SELECIONADO

O futebol brasileiro pode dar samba ou não — mas o inglês dá tecnopop e o irlandês, rock, com certeza. O NEW ORDER fez o hino oficial da seleção da Inglaterra, "World In Motion (E For England)", e o U2 gravou em cima da hora o hino da seleção da Irlanda do Norte. Enquanto isso, o descarado POP WILL EAT ITSELF bolou "Touched By The Hand Of Cicciolina", exigindo que a pornográfica deputada tivesse sido a apresentadora oficial da Copa — e com os seios de fora, claro.

Outra notícia quente para os fãs do New Order: Peter Hook afirmou à BIZZ que pode trazer seu novo grupo, o REVENGE, para tocar no Brasil em janeiro de 91. A entrevista exclusiva com o baixista do N.O. sai no mês que vem.

BARÃO MUDA

Depois de Cazuza e Maurício Barros (que montou o grupo Buana 4), chegou a vez de **Dé** ir cantar em outra freguesia.

A saída do baixista do **BARÃO VERMELHO** aconteceu durante as gravações do novo LP, *Na Calada Da Noite*, que deve sair em agosto. Dé conta: "Eu queria cantar uma música que tem letra minha e do Cazuza, 'Empada Com Birita', mas não foi possível. Acho que se alguém vem crescendo dentro de uma banda, os outros integrantes deveriam dar uma força, ainda mais depois de oito anos de convivência". Sem perder tempo, Dé montou outra banda e prepara uma fita demo. Entre os novos parceiros estão Sérgio Brito (Titãs) e Sérgio Serra (Ultraje).

FREJAT prefere não comentar o assunto: "Iremos falar sobre isso quando sair o novo LP". No lugar de Dé entrou **DADI**, veterano da **COR DO SOM** — de onde saiu também o novo tecladista da Legião Urbana, Mu. Frejat disse ainda que o Barão vai voltar a ser um quinteto: seriam efetivados o guitarrista Fernando Magalhães e o percussionista Peninha, que há mais de três anos acompanha o grupo. Mais detalhes sobre o novo Barão em agosto.

DAVID BOWIE NO BRASIL

Está quase confirmado: David Bowie deve tocar no Brasil em outubro. Quem está tentando trazer Bowie é o empresário Manoel Poladian, que já promoveu os shows brasileiros de Sting e The Cure. Se tudo der certo, a turnê *Sound + Vision* fará três paradas no país, uma na praça da Apoteose, no Rio, e duas em São Paulo em lugar ainda não definido. A filial brasileira da gravadora de Bowie, a EMI-Odeon, não confirmou os shows, mas a diretoria da gravadora em Londres afirma que as datas brasileiras estão previstas no roteiro da tour, cujo repertório é — assim como o recém-lançado LP *ChangesBowie* — um resumo da carreira de Bowie.

Também em outubro pode desembarcar no Brasil um dos grupos mais comentados no último ano, os Stone Roses. O empresário inglês Chris Rawley esteve aqui em maio investigando o mercado de shows de rock. Chris esteve na redação da BIZZ para apresentar seu projeto e pedir umas dicas. Ele tinha duas perguntas básicas: dá pé trazer para tocar aqui *guitar dance bands* de Manchester como os Roses, os Happy Mondays e Inspiral Carpets? Respondemos que com um pouco de promoção dá o maior pé. A outra questão: "E grupos de dance music como Bomb The Bass e S'Express?" Resposta: é retorno garantido. Chris saiu todo animado, dizendo "vejo vocês em outubro!"

SUICÍDIO?

O biógrafo Albert Goldman afirmou num artigo na revista *Life* que Elvis teria se suicidado com uma overdose de drogas. Ele se baseou num testemunho do irmão de Elvis, David, que teria dito que o "rei do rock" conhecia os perigos das drogas que tomava. Ele disse também que o cantor já teria tentado o suicídio antes, na véspera de seu casamento com Priscilla.

O RETORNO DE JOÃO GILBERTO

No mês de agosto chega às lojas o novo LP de **João Gilberto**. É seu primeiro álbum gravado em estúdio desde 81, quando foi lançado *Brasil*. As gravações do 13.º disco de João — sem título definido até o fechamento dessa edição — aconteceram em apenas três dias do mês de maio. Foram registradas treze canções, somente com voz e violão. Outros instrumentos foram acrescentados em algumas faixas, mixadas nos Estados Unidos.

"Me Chama", música de Lobão gravada por João Gilberto em 86 para um futuro lançamento, acabou ficando de fora. No repertório do LP estão "Sampa", de Caetano Veloso, "Ave Maria Do Morro", de Herivelto Martins, e "You Do Something To Me", de Cole Porter. Nos próximos meses, o cantor se apresenta no Rio e em São Paulo, quebrando um jejum de um ano e meio — período em que realizou vários shows nos Estados Unidos e Europa.

LONDON'S BURNING

Enquanto o inverno impera no Hemisfério Sul, Londres vai ferver este mês com a chegada das três maiores turnês da temporada. Primeiro são os **Rolling Stones** com sua *Urban Jungle*, versão revista e melhorada da tour *Steel Wheels*. Depois é **Prince**, que detona sua excursão *Nude*, sem disco novo mas com músicas inéditas. E **Madonna** aterrissa com sua provocante *Blond Ambition Tour* — que, aliás, enfrentou problemas em sua escala em Toronto, no Canadá. A "liga da moralidade" local queria cancelar a apresentação, usando a polícia. Madonna, então, os desafiou a anunciar para o público de três mil pessoas o cancelamento. Ninguém peitou, e o show rolou normalmente.

CENSURA

Roberto Carlos e Erasmo Carlos tiveram duas músicas censuradas em 1974, revelou a *Folha de S. Paulo*. "Vida Blue", que contava a história de um nordestino que é morto pelo Esquadrão da Morte, continua inédita. "Patu" teve seu nome mudado para "Baby" e acabou sendo liberada, saindo num compacto de Erasmo (leia mais sobre censura na pág. 20).

LAMBAHOUSE

A rádio Cidade FM do Rio não queria tocar lambada. Para atender aos ouvintes, seu coordenador Marco Antônio Simões encomendou um medley de lambadas ao DJ **Marcelo Mansur**, o **Memê**. O que ele fez? Adicionou por conta própria uma batida house e alguns samples. Resultado: "Lambahouse" acabou se tornando um hit na programação.

Agora, numa grande jogada comercial, a gravadora PolyGram registrou os direitos autorais da palavra "lambahouse" para o mundo inteiro e resolveu convidar **Memê** para produzir um LP só com o seu cast de lambadeiros, com previsão de lançamento no exterior.

Marcelo Mansur é um dos melhores DJs cariocas. São dele as remixagens de "Romance Ideal" dos **Paralamas**, "Música Urbana", do **Capital Inicial** e de uma versão de **Ed Motta** para "Ma Chérie Amour", de Stevie Wonder. Parceiro do DJ paulista Irai Campos no grupo **Ponte Aérea**, Memê descreve o disco que está produzindo para a PolyGram: "São seis medleys no formato *lambahouse*, em que você poderá ouvir **Caetano** com **Soul II Soul** e **Luis Caldas** com **Eric B.**"

GRACE JONES

Ego/Odeon

OUÇA ESSA

"Eu devia usar sempre uma camiseta escrito 'Nascida para Trepar'... Se eu transo logo de manhã, passo o resto do dia com um sorriso estalado na cara."

Grace Jones

"O Bon Jovi é o melhor *girl group* do mundo."

Vince Neil, Motley Crue

"São só dez musiquinhas pop estúpidas."

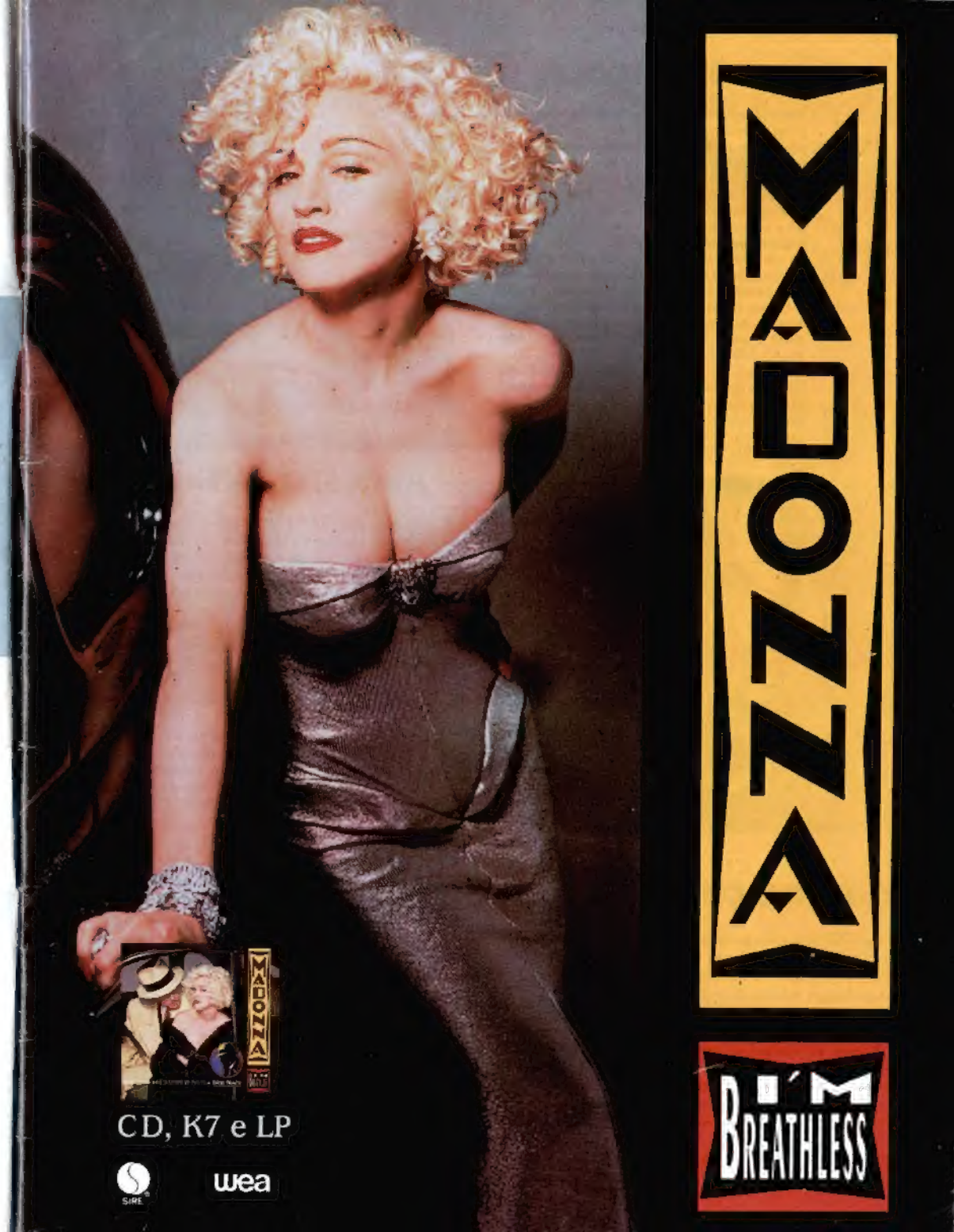
Chrissie Hynde, sobre o novo disco dos Pretenders

CHRISSIE HYNDE (PRETENDERS)

WEA

VINIL FRESCO

Já saiu nos EUA o novo dos Pretenders, *Packed*. Atrações especiais: uma cover de Hendrix, "May This Be Love", e "When Will I See You?", parceria de Chrissie Hynde com Johnny Marr • O mestre do metal Yngwie Malmsteen está de volta, com *Eclipse* • Para cantar em comícios: o novo disco de Billy Bragg, *The Internationale*, é uma coleção de hinos socialistas • Barulho total: os novos de Tad, *Salt Lick*; Bad Brains, *The Youth Are Getting Restless*; Ultra Vivid Scene, *Joy 1967-1980*; e Pussy Galore, cujo *Historia De La Musica Rock* traz o single "Eric Clapton Must Die" • Para dançar feito louco: o estréia do Black Box, *Dreamland*, e a parceria do Coldcut com Queen Latifah, "Find A Way" • Glamour: o ABC volta com *Up* e Smokey Robinson com *Love, Smokey* • Garotas e mais garotas: dois supergrupos femininos "alternativos" estrearam esse mês. O Harry Crews, formado por Kim Gordon do Sonic Youth e a diva *no wave* Lydia Lunch, soltou *Naked In Garden Hills*. A outra banda é The Breeders. Seu LP, *Pod*, reúne Kim Deal dos Pixies e Tanya Donnelly dos Throwing Muses e foi produzido pelo monstro Steve Albini.



VIDEOESCOLA

Se Jane Fonda pode ensinar aeróbica para gordinhas através do vídeo, não há por que não ensinar um instrumento através da telinha. Dois vídeos desse gênero foram lançados no Brasil esse mês. *Violão Em Harmonia* é um curso completo de acompanhamento e solos de violão, bolado e apresentado pelo craque da MPB **Paulinho Nogueira**. O violonista aborda todas as vertentes importantes da música popular brasileira tradicional, passeia pela música clássica e, de quebra, explica por que a bossa nova é muito mais simples que o samba clássico. O vídeo é encontrável na MPO Vídeo (r. Cristiano Viana, 857, São Paulo, CEP 05411, tel. (011) 853-4690).

O vídeo 2.º *Encontro Brasileiro de Bateristas* reúne feras de estilos diversos, entre eles Pixinguinha, Duda Neves, Tony Osanah, Flávio Pimenta e os grupos Kali e Zona Azul (r. Édson, 96, CEP 04618, São Paulo, tel. (011) 533-7721).

PAULINHO NOGUEIRA

Divulgação

QUATRO CORREÇÕES

A BIZZ 59 saiu com quatro erros. O primeiro está no índice, que anuncia uma nota sobre Rita Lee e outra sobre os Simple Minds no *Showbizz*. Ambas foram desmentidas e retiradas na última hora, e o editor não as substituiu. *Sorry*.

Outro é na letra traduzida de "Fame", de David Bowie. A tradução correta (mas não literal) da frase "Got to get a raincheck on pain" é "Tenho que conseguir uma garantia contra a dor".

Os dois outros erros estão na seção *Ao Vivo*. As músicas "The Blues Before And After", "Room With A View" e "William Wilson", dos Smithereens, são do LP *Especially Yours*; e o baterista dos Cramps se chama Nick, e não Mick Knox.

SINEAD O'CONNOR

PROJETO ANTI-AIDS

O projeto **RED HOT + BLUE** reunirá cineastas, músicos, artistas plásticos e designers de moda numa série de eventos beneficentes em favor de entidades que lutam contra a Aids. O primeiro deles será um álbum duplo, com novas versões de músicas do compositor americano **Cole Porter** (1891-1964). O disco será produzido por **Steve Lillywhite** e sai este mês.

A segunda etapa será um programa de TV que irá ao ar em 1.º de dezembro, Dia Internacional da Aids. Vai misturar clips antigos de Cole Porter, pequenos documentários sobre a Aids e clips dos artistas envolvidos. **Wim Wenders** vai dirigir o vídeo do **U2**; **Jim Jarmusch**, o de **Tom Waits**; **Derek Jarman**, o de **Annie Lennox**; e **Jean-Baptiste Mondino**, o de **Neneh Cherry**. O projeto inclui a venda de produtos com a marca Red Hot + Blue. O design ficou a cargo dos artistas plásticos **Jenny Holzer** e **Keith Haring** (que morreu em abril de Aids) e dos costureiros **Jean-Paul Gaultier** e **Rifat Ozbek**.

Abaixo, os artistas que já estão confirmados para o projeto e as músicas que escolheram:

Aztec Camera "Do I Love You?"
Neneh Cherry "I've Got You Under My Skin"
David Byrne "Don't Fence Me In"
Erasure "Too Darn Hot"
Fine Young Cannibals "Love For Sale"
Deborah Harry e Iggy Pop "Well Did You Evah?"
k.d. lang "I Am In Love"
Annie Lennox "Everytime We Say Goodbye"
Mory Kante "Begin The Begine"
U2 "Night And Day"
Les Negresses Vertes "I Love Paris"
Thompson Twins "Who Wants To Be A Millionaire"
Neville Brothers "In The Still Of The Night"
Jimmy Somerville "From This Moment On"
Jody Watley "After You"
Sinéad O'Connor "You Do Something To Me"

Existem mil maneiras de preparar Neston.

Invente uma.

FAST FORWARD

BO É O HOMEM!

O pioneiro BO DIDDLEY dominou o Blues Festival 90

Do alto de seus 61 anos — com seu indefectível chapéu e óculos "fundo de garrafa" —, ele ainda aparenta manter intacta a mesma faísca incendiária que fez dele um dos patriarcas do rock'n'roll. Acompanhado de sua empresária, ele entra displicentemente na sala de imprensa do hotel, assumindo o meso de frente e a voz de comando: "Se vocês quiserem falar, levantem as mãos. Não devem usar câmeras de vídeo sem permissão ou elas serão confiscadas". Pelas cadeiras da plateia, estão espalhados apenas os quatro membros de sua banda.

"Se vocês são *rock'n'rollers*, devem dizer agora no início. Se eu descobrir depois que alguém aqui toca rock'n'roll, vocês estão ferrados."

Para começar esta "coletiva" muito particular, pergunto se ele se considera um *bluesman*. "Não, definitivamente... tenho um pouco de blues, spirituals, country & western e, antes de tudo, rock'n'roll." Desde moleque, quando trocou o violino pela guitarra, este parece ter sido sempre seu principal objetivo: o ritmo, a *bo diddley beat* ("Não lembro bem como comecei. Só sei que, quando criava algo novo, sentia vontade de desenvolvê-lo muito mais"). Logo, Bo já tocava em clubes e nas ruas de Chicago, depois de ter se arriscado pelo boxe ("Desisti, pois era como um Volkswagen tentando pegar um Cadillac. O ditado que diz que quanto maiores eles são maior é a queda, está errado. Na verdade, eu penso que o correto seria dizer que quanto maiores eles são, mais forte eles batem").

Em 55, Bo assinou contrato com o selo Checker, subsidiário da gravadora dos irmãos Chess e fez seu primeiro compacto, com a canção "Bo Diddley". "Tinha 26 anos quando o gravei e ainda considero uma das minhas melhores músicas." A razão dessa preferência é explicada de forma sucinta: "É o meu nome, é a minha canção". Sobre o outro lado de seu disco de estréia — "I'm A Man", parceria imputada a ele e Muddy Waters —, a resposta também é curta e grossa: "A música é minha. Muddy copiou-a depois e deu-lhe outro título" ("Mannish Boy"). Suas prováveis participações em várias gravações famosas de Chuck Berry ("Memphis", "Back In The USA", "Sweet Little Rock'n'Roller") foram todas negadas: "A única coisa que fizemos juntos foi o álbum *Two Great Guitars*, em 64. Foi tudo". Quanto a sua influência no trabalho musical de bandos britânicas como Beatles, Stones, Yardbirds e Animals, Bo afirma que "aqueles grupos não me copiaram, tocavam minhas canções do jeito deles. Posso dizer que até gosto do modo com que os Rolling Stones, por exemplo, interpretavam minhas músicas. Mas uma coisa deve ficar clara: não era daquela maneira que eles realmente tinham que soar".

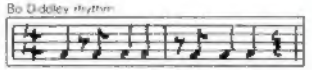
Aproveitando a deixa, digo a Bo que trouxe uma fita com algumas covers de suas canções e outras composições "inspiradas" em sua batida (*ver quadro ao lado*). Peço que escute para opinar a respeito, mas o resposta é categórica: "Não, não quero ouvir. Este assunto me deixa doente". Tento insistir, citando algumas músicas para ver se ele as conhece, mas o resultado é o mesmo: "Não quero falar sobre isso, pois me deixa muito irritado. Há direitos legais e ilegais, ou como você quiser chamá-los. Quem fez o quê? Tudo isso representa grana, um dinheiro que não tive, não tenho e nunca vou ter. Este é o nome do jogo: dólares. Fico muito irritado toda vez que converso sobre isso. Vamos falar de outra coisa".

E quanto ao rock'n'roll de hoje, Bo? "Que rock'n'roll? Essa coisa toda de solos de guitarra estridentes, isso não é música. Imagine um garoto de uns 21 anos que escuta e considera este som como rock'n'roll. Estou no negócio há 35 anos e ele nunca ouviu Bo Diddley. Nunca escutou *ta-rom-tom-tom* (canto o riff de "I'm A Man"), mas deve conhecer George Thorogood tocando *ta-rom-tom-tom* (canto o mesmo riff, bem mais acelerado). Um dia talvez ele descubra alguma coisa sobre mim, de onde vim, o que fiz e o que faço. Mas, quando se fala de rock'n'roll, não é Bo Diddley que ele costuma ouvir. Por isso, deviam dar outro rótulo para isso, *new music*, quem sabe... Rock'n'roll é assunto para mim, Elvis, Gene Vincent, Carl Perkins, Fats Domino... Então eu apreciaria muito que eles inventassem seu próprio nome para o som que fazem e nos deixassem com as coisas que fizemos"

CELSO PUCCI

"Rock'n'roll é assunto para mim, Elvis, Gene, Fats..."

Bo Diddley rhythm



GAFES E JAMS NOS BASTIDORES DO FESTIVAL

• Um ritual se repetiu nessa edição do *Blues Festival*: as *jam sessions* depois dos shows. Só que desta vez, além da infalível reunião de toda noite no bar do hotel, os encontros musicais se estenderam para diversos bares e casas noturnas paulistanas. Porém, nenhum deles deve ter acontecido no Puma Chalet, um nightclub barra-pesada que publicou, na *Folha de S. Paulo*, um convite cheio de terceiras intenções.

HEY BO DIDDLEY
AND MR. SLIM, MR. KINSEY, MR BYRNE
If you wanna meet the sexiest girls in this town go tonight round about midnight to
Puma Chalet
255, Nestor Pestana street
(so close to the hotel) **Phone: 259-1567**
THE PUMA IS ALRIGHT!

• Além das constantes canjas de vários músicos brasileiros, os *bluesmen* contaram com uma presença inusitada na *jam session* de sábado no bar do hotel Hilton: David Byrne, que se apresentou em São Paulo no mesmo final de semana. Depois de improvisar alguns poucos acordes em uma guitarra, o *talking head* se retirou para seu quarto empunhando uma garrafa de cerveja.

• Logo em seu primeiro dia na cidade, o guitarrista Magic Slim foi participar das gravações do programa de Hebe Camargo no SBT. Ao revelar que tinha 28 filhos, a apresentadora observou, espantada: "Veja só, eu tenho só um". "You should had me" (algo como "você devia ter tentado comigo"), retrucou o rotundo *bluesman*, deixando um certo constrangimento no ar.

• Outra situação delicada ocorreu quando Bo Diddley, Magic Slim e suas respectivas bandas foram participar de uma entrevista ao vivo na rádio Transamérica. Ao chegar ao estúdio, Bo percebeu que tudo estava arranjado para que ocorresse uma *jam* no local, ficando muito nervoso e recusando-se terminantemente a participar dela.

• Bo Diddley, além de ser absolutamente avesso a *jam sessions*, também provou que não é muito chegado às badalações que cercam os eventos como o *Blues Festival*. A maior parte das vezes em que saiu do hotel foi para fazer compras ou passear, sempre acompanhado por sua esposa — a *blonde* Marilyn Lyons — 28 anos mais nova do que ele.

• Mas, com todas as suas manias, Bo revelou-se extremamente entusiasmado com o festival em geral. Tanto que foi visto, na noite de domingo na beira do palco do Ibirapuera, registrando em vídeo as apresentações das bandas — inclusive a da Brazilian Blues All-Stars. Bo não poupou elogios aos brasileiros: "Eles são muito bons, principalmente aquele cantor (*Ed Motta*). Eles deveriam ir tocar nos Estados Unidos." C.P.

CHUPAÇÕES E HOMENAGENS

As músicas que Bo Diddley não quis ouvir

• *DESIRE (U2) — U2* Uma das mais recentes e descaradas cópias da batida do mestre. Chega a ser cômica a tentativa frustrada de Bono Vox e The Edge em querer imitar o balanço vocal e a guitarra de Bo.

• *WHO DO YOU LOVE (E. McDaniels) — The Jesus & Mary Chain* Muita distorção, bateria eletrônica e uma harmonia esdruxulamente diferente da original. Apenas a letra resistiu à versão dos irmãos Reid.

• *STORY OF BO DIDDLEY (E. Burdon) — The Animals* Uma verdadeira biografia musicada de Bo, na qual Eric Burdon vai citando os frutos de sua influência: uma lista que inclui Johnny Otis, Beatles, Rolling Stones, Merseybeats, os próprios Animals e outros.

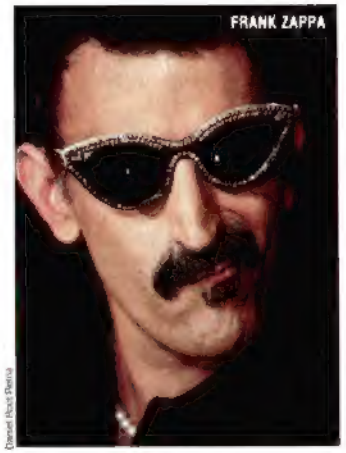
• *I CAN TELL (E. McDaniels/S.Smith) — Dr. Feelgood* Uma releitura que conserva pouco do balanço original, tendendo mais para os riffs de Chuck Berry pelas intervenções de guitarra de Wilko Johnson.

• *MAGIC BUS (P. Townshend) — The Who* Notória por sua inspiração no ritmo e na batida de Bo, aqui agregados a tons psicodélicos. Cortesia maior da levada do violão de Pete Townshend e da trama percussiva elaborada por Keith Moon.

• *NOT FADE AWAY (N. Petty/G. Hardin) — Buddy Holly* Logo na cola de Bo veio esse sucesso de Buddy inspirado em seu som. Difícil dizer qual dos dois a cover que os Stones gravaram posteriormente mais reverencia. Talvez ambos.

• *WHO DO YOU LOVE (E. McDaniels) — The Doors* A pesada versão ao vivo do clássico de Bo, na voz de Jim Morrison. O ritmo básico é mantido por um arranjo descarnado, conduzido pela *slide guitar* de Robbie Krieger. C.P.

Bo Diddley com sua guitarra turbo: *"solos estridentes não são música"*


FRANK ZAPPA

Daniel Ruiz Pinto

CENSURA

PARENTAL ADVISORY EXPLICIT LYRICS

O SELO CLASSIFICATÓRIO

Um sistema de classificação de discos ameaça a liberdade de expressão nos Estados Unidos

Os representantes da RIAA — a associação norte-americana de gravadoras — e da NARM — a associação norte-americana de vendedores de discos — se reuniram num salão em Washington para apresentar à imprensa o artefato mais debatido na indústria fonográfica nos últimos cinco anos. O instrumento que parte da população e dos executivos do disco saúda como necessário, enquanto a outra parte condena por achar que sua implantação colocará os Estados Unidos a meio caminho da censura institucionalizada. É o selo que virá afixado em toda capa de disco editado nos Estados Unidos, para alertar pais e consumidores quanto ao conteúdo potencialmente ofensivo das letras contidos naquele produto.

A implantação dos selos foi decidida voluntariamente pela maioria da indústria fonográfica diante da pressão do *Parent's Music Resource Center*, o PMRC, um lobby liderado pela esposa de um senador do Tenessee, Tipper Gore, e por Susan Baker, mulher do secretário de Estado do governo George Bush, James Baker. Desde 1985 o PMRC vem pressionando a indústria e o legislativo dos Estados Unidos para tornar obrigatória a aplicação do que chamam "selos educacionais". A decisão da indústria de implantar os selos marca a primeira grande vitória do PMRC, que começou suas atividades questionando as verdadeiras intenções de artistas como Prince, Dead Kennedys e W.A.S.P. quando gravaram, respectivamente, "Darling Nikki", "I Kill Children" e "Animal (Fuck Like A Beast)".

O anúncio da aplicação dos selos — em preto-e-branco, no canto inferior direito de cada capa — neutralizou ações mais drásticas. Sem eles, provavelmente seriam instauradas outras medidas, que já vinham sendo planejadas pelo PMRC. Através de grupos de influência que agiam sobre vários deputados estaduais, o PMRC estava prestes a conseguir que vinte estados americanos aprovassem uma legislação que tornava crime, punível por multas pesadas e prisão, a venda de determinados discos que não contivessem selos de alerta. Também seria considerado crime a venda de tais discos a menores de dezoito anos. Estima-se que em menos de dois anos os mesmos medidos seriam tomadas por todo o país.

Mesmo sem que as normas sugeridos pelo PMRC tivessem sido votadas e transformadas em lei, alguns estados chegaram a experimentá-las. Um balconista de uma loja de discos na Flórida foi preso por ter vendido um disco do 2 Live Crew a uma criança de onze anos. Com medo de atos semelhantes (e da represália que poderiam sofrer de comunidades conservadoras), muitas cadeias de lojas de discos simplesmente deixaram de vender os discos considerados perigosos ou questionáveis.

O próprio FBI já havia se envolvido no entrevero meses antes, quando mandou uma carta à gravadora do grupo de rap N.W.A. (Niggers With Attitude), fazendo ameaças veladas à empresa caso não "tomasse providências" em relação à música "Fuck Tha Police", que, para o FBI, incitaria à violência contra os defensores da lei.

Etiquetar discos é uma questão que inspira debates inflamadíssimos nos Estados Unidos, um país onde a liberdade de expressão em qualquer área artística é um direito defendido pela Constituição. A noção dos selos dá margem a raciocínios preocupantes para o americano médio e causa pavor à comunidade artística. Com a existência dos selos, passa a haver um critério discriminatório para decidir o que toda a população pode ou não ouvir ou ler; isto se chama censura prévio. Outro problema: os selos podem estigmatizar o produto onde aparecem, fazendo com que os lojistas simplesmente não trabalhem com ele — o que condenaria o produto ao fracasso por antecipação. Nas palavras do presidente da Academia Nacional de Artes e Ciência Fonográficas (a NARAS, que distribui os prêmios Grammy), Michael Greene, o etiquetagem cria "alvos visíveis". As maiores redes de lojas de discos nos Estados Unidos já avisaram que em hipótese alguma trabalharão com discos etiquetados.

Mais um efeito da medida: se as próprias gravadoras determinarem os discos a serem etiquetados, elas próprias estarão exercendo autocensura e reduzindo a liberdade de expressão de seus artistas — o ponto de poderem não contratar os artistas com certo potencial de "problemas". A indústria contra-argumenta dizendo que decidirá o uso dos selos junto com seus artistas.

Por outro lado — como vinha acontecendo até agora —, o uso de selos pode transformar um disco medíocre num produto muito procurado, o síndrome do "fruto proibido". Esta possibilidade, contudo, é neutralizada pelo fato de que apenas maiores de dezoito anos poderão comprar os discos etiquetados. Isso, quando eles forem encontrados nas lojas.

A opção da indústria pelos selos não foi uma decisão unânime. Os cinco por cento que discordam da medido fizeram questão de expressar seu ponto de vista. Num debate sobre os selos promovido pela NARAS, Jeff Ayeroff, diretor-superintendente da Virgin americana (gravadora de Paula Abdul, Lenny Kravitz e Keith Richards), bradava em alto e bom som que achava repugnante o fato da indústria estar "se curvando diante de extremistas de direita", uma clara referência aos membros do PMRC. "O rock'n'roll é a nova caça às bruxas", exclamou numa entrevista David Geffen, fundador da Geffen Records (lar do Guns N'Roses), recordando-se da perseguição governamental que a indústria cinematográfico sofreu nos anos 50. "Não que seja uma caça nova, porque essas pessoas (que propõem a legislação) são as mesmas que tinham certeza de que Elvis Presley iria corromper as criancinhas."

Enquanto indústria e lobbistas se engalfinhavam nos corredores da política, a discussão se espalhava por revistas e jornais. Em uma reportagem de capa a respeito do que batizou de "a cultura pop desbocada", a revista *Time* indagava: "Será que esta cultura tem algum mérito artístico? É tônica ou tóxica?" Lá pelas tantas, a *Time* se abraça ao símbolo máximo da liberdade de expressão nos Estados Unidos — a Constituição — para alertar as partes mais exaltadas de que mesmo que "o som das ruas não seja aquilo que o interior do país queira ouvir... mesmo em sua forma mais grosseira, esta é uma expressão vital dos ressentimentos vividos por muita gente: acorde, América! Estamos vivendo num mundo com palavrões".

PRINCE

WEA

Algumas facções da indústria examinam os selos com cabeça fria. Bryan Turner, presidente do selo independente Priority Records, espera que os selos "causem um curto-circuito nas propostas de legislação estadual que sugerem selos regulamentados pelo governo, mas a batalha não terminou e o pior está por vir. Os selos darão uma chance à indústria de se reunir e debater o que fazer para combater o próximo ataque destes fundamentalistas que querem alterar nossa constituição".

Pode ser — mas os efeitos nefastos do selo já estão se aproximando do nonsense. Como no caso de uma rede de lojas de discos americana, que proibiu a venda para menores de dezoito anos do disco *Jazz From Hell*, de Frank Zappa, alegando "letras de conteúdo duvidoso". O disco é inteiramente instrumental.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Nosso repórter em L.A. visita o set em que o diretor Oliver Stone faz seu filme sobre os

DOORS

Quem passasse por Sunset Strip na segunda semana de março poderia pensar que havia entrado em algum túnel do tempo. O Whiskey A Go Go — um prédio baixo de esquina, todo preto, que abriga diariamente bandos ascendentes de heavy metal — estava todo pintado de vermelho (sua cor original), com anúncios de shows futuros anunciando apresentações dos Byrds e dos Beau Brummels. Do outro lado da rua, o microbar The Central anunciava como atração da noite "uma banda de Venice: The Doors". A impressão de deslocamento no tempo se dissipava, no entanto, quando se percebiam as filas de caminhões estacionados nos quarteirões adjacentes ao Whiskey e ao Central, dos quais iam sendo retirados inúmeros refletores, câmeras e lentes. Sim: é Oliver Stone, que está filmando uma cinebiografia da mais ilustre — e importante — banda saída de Los Angeles.

Naquela semana, o diretor estava cruzando a cidade de ponta a ponta para rodar algumas cenas-chave do filme, indo de Venice, no litoral, até o centro, passando por West Hollywood (a meca dos clubinhos de rock) e Westwood (onde fica a UCLA).

Foi só então que se conheceu quase todo o cast principal do filme que tem o título de trabalho de *The Doors*. Além de Val Kilmer (Jim Morrison), compõem os Doors Kyle MacLachlan (como Ray Manzarek), Frank Whalley (Robby Krieger) e Kevin Dillon (John Densmore). Meg Ryan faz a mulher de Morrison, Pamela. Além destes, inúmeras figurinhas carimbados dos anos 60 farão aparições-relâmpago na tela, entre elas o recém-rebadalado Ron Kovic, Eric Burdon (ele mesmo, dos Animals, saindo de um período de hibernação artística auto-imposta no deserto da Califórnia) e o diminuto compositor/ator Paul Williams. Para dar ainda mais realismo aos trabalhos, Oliver Stone convocou o chefe Corvo Vermelho, cacique da tribo Oglala Sioux, para que realizasse um ritual de purificação pré-filmagens. Um ato que teria feito todo o sentido do mundo para Jim Morrison, que achava ser ele mesmo possuído, às vezes, por um espírito indígena.

Uma brasileira que participou das filmagens, a modelo Teca Macedo, diz que Val Kilmer não apenas está ultraconvincente como Jim Morrison, como "parece o próprio, está supergual". Teca ficou quinze horas sob a batuta de Stone, filmando uma cena num *loft* no centro de L.A. Viu Kilmer em ação, vestindo uma calça cinza imitando pele de cobra, botas de cowboy pretas e camisa preta de mangas compridas aberta no peito.

Apesar dos muitos visitantes que vinham ao set para confabular com colegas — como Nicholas Cage e Dennis Quaid, que acompanhava a esposa, Meg Ryan —, a cena conseguiu ser filmada. Na festa, Andy Warhol está insultando Jim Morrison, que não pára de reclamar do convescote. Terminado o bate-boca, Jim/Val já está no maior pilo e se retira da festa junto com a banda. Antes, porém, se "envolve romanticamente" com três garotas e um travesti.

O próprio Val Kilmer cantará as canções dos Doors no filme, que serão mixados com os vocais originais de Morrison. "Assim", disse Stone numa entrevista, "ninguém saberá onde começa e termina o verdadeiro Jim Morrison".

Mesmo que o filme de Stone esteja se beneficiando de um esquema de badalação prévia, já está sendo preparado outro filme sobre os Doors. *Bird Of Prey* começou a ser filmado em junho, e parte do pressuposto de que Jim Morrison não morreu. Ele seria descoberto, barbado e quarentão, por uma jovem repórter de férias em Paris.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

PREPARE-SE PARA VIAJAR DE DISCO

Origem: *PHILIPS*. Nome: *CD SOUNDMACHINE*. Código de série: AZ8391. Especificação: destinado a viagens de curta, média e longa duração, a um simples toque de botão. Identificação: fácil.

O design não é deste planeta. Movido a: som puro, especialmente laser. Recursos: muitos. É melhor você ler aí embaixo. *LEITURA DE BORDO.* ▶ *CD PLAYER PROGRAMÁVEL COM INTROSCAN.* Primeiro, você tem a alternativa de selecionar até 20 músicas na seqüência que quiser. Com o Introscan isso fica mais simples e preciso. Este sistema dá automaticamente uma amostra dos primeiros segundos de cada música. ▶ *CD LINE OUT.* Além de máquina de som portátil, o CD SoundMachine pode ser utilizado como instrumento de bordo do equipamento de som HiFi de sua casa, conectando-o através da saída CD Out. ▶ *DOUBLE DECK & AUTO-REVERSE.* Os dois decks-cassete funcionam conjugados ou independentemente. De um jeito você copia de fita para fita, inclusive em alta velocidade (High Speed Dubbing). Do outro jeito você pode ouvir suas melhores fitas, sem ter que parar para mudar o lado. O sistema é auto-reverse e você pode ainda dar um comando para que ele se desligue no final. E ele obedece. *OUTROS DETALHES.* ▶ Tem muitos, como o *GRAPHIC EQUALIZER, RÁDIO AM, OC e FM ESTÉREO* e *DYNAMIC BASS BOOST.* Mas as explicações não cabem no anúncio. O melhor é voar até o revendedor Philips mais próximo e ver - e sentir - essa emoção de perto.

COMPACT disc DIGITAL AUDIO

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

PHILIPS CD SOUNDMACHINE

BEM-VINDO AO FUTURO. BEM-VINDO À PHILIPS.

PHILIPS

MISTER METAL

BRUCE DICKINSON fala de seu primeiro álbum solo e das mudanças no IRON MAIDEN

Quando o Iron Maiden resolveu tirar longas férias, seu cantor Bruce Dickinson não deixou por menos. Escreveu um livro de humor negro, *The Adventure Of Lord Iffy Boatrace*. Dedicou-se a seu hobby predileto, a esgrima, chegando a competir pela Grã-Bretanha em Paris. E gravou um disco solo, *Tattoed Millionaire*, cujo lançamento coincidiu com a saída do guitarrista Adrian Smith do Maiden, o que detonou um boato de que a banda estaria acabando.

"Nada disso", explica Bruce. "Depois da minha turnê, o Maiden volta com tudo." Estamos no escritório onde dezenas de pessoas cuidam dos negócios da banda, que vão desde uma agência de turismo até uma companhia de seguros. Bruce toma um café e conta a história de sua carreira solo. "No ano passado, fiz uma música sozinho, para a trilha de *A Hora Do Pesadelo 5*, e ficou tão boa que eu quis gravar um disco." Bruce diz que sua era predileta do rock "foi o início dos anos 70: Free, AC/DC, Bad Company, Deep Purple. As bandas de hoje são cópias mal-feitas dessas, só laquê e maquiagem e nada para dizer, nenhum senso de humor. Meu disco, então, é uma tentativa de trazer o rock dos 70 para os anos 90".

Para *Tattoed Millionaire*, Bruce convocou o guitarrista Janick Gers, com quem compôs todas as músicas. Janick é agora o novo guitarrista do Maiden, no lugar de Adrian Smith, que montou um novo grupo, o ASAP. "Nós todos conhecemos Janick há dez anos. A sugestão de convidá-lo para a banda foi do Steve." A produção ficou a cargo de Chris Tsangarides, "responsável por meu disco predileto do Thin Lizzy, *Renegade*". Para a cozinha, foram recrutados o baterista italiano Fabio Del Rio (da banda Jagged Edge) e o baixista Andy Carr, contratado quando Bruce o viu tocando na rua. A turnê "será em lugares pequenos, com um palco simples".

Voltando ao Iron Maiden. É verdade que Adrian Smith saiu por não estar contente com a direção que o novo álbum estava tomando? "É, foi isso. Estamos voltando ao nosso estilo antigo, tipo 'Number Of The Beast', voltando ao material pesado e abandonando aquele tipo de som mais lustroso que dominou nossos últimos dois ou três álbuns."

No ano passado, 40% dos discos vendidos nos EUA foram de heavy metal. Dá para dizer que o metal está renascendo?

"Para mim, esses números são enganadores, porque tem muita banda posando de heavy metal."

> ***"Adrian Smith saiu porque estamos voltando ao estilo de 'Number Of The Beast'"***

"O pop também foi pasteurizado, e qualquer garoto que tenha um pouco de rebeldia ou ambição recusará esse pop. A solução, então, é comprar ou rap ou heavy metal."

E que tal bandas que misturam as duas coisas, como o Faith No More e os Red Hot Chili Peppers?

"Acho ótimo, extremamente saudável! Leva o metal de volta ao mainstream. Acho que o metal tem muito a oferecer ao mainstream e vice-versa... mas sabe como é, o pessoal que curte metal não tem a cabeça mais aberta do mundo" (risos).

ANAMARIA G. DE LEMOS

ML S10

UM PROFISSIONAL QUE ACREDITA NO SEU TALENTO.

O novo ML-S10 da LE SON é um microfone dinâmico com características realmente profissionais, e ao mesmo tempo com um preço acessível.
Ele possui conector profissional XRL-3P, com pinos banhados a ouro, e cabo coaxial blindado. Sua cápsula também é blindada, o que garante seu perfeito desempenho, eliminando interferências de origem elétrica.
O ML-S10 tem um peso adequado, com um design que oferece uma empunhadura agradável. É o microfone ideal tanto para instrumentos musicais e voz, quanto para uso em palestras ou instalações para convenções. E pode ser conectado em qualquer amplificador, mesmo doméstico.
Acredite em você, solte seu talento: tenha um ML-S10.

LE SON - Marca Registrada de Le Son - Laboratório de Engenharia Sônica S.A.

Le son
MICROPHONES

COWBOY JUNKIES

O que há de tão especial com a família Timmins e seus amigos?

Doug Ande

Contam que quando os Cowboy Junkies tocaram em Londres pela primeira vez, no começo de 89 aconteceu um milagre: o platéia silenciou, em reverência absoluta. Um jornal sto chegou a se referir à noite como "uma experiência religiosa". Comecei a ficar celtica — o que há de tão especial nesta banda canadense formada pela família Timmins e seus amigos?

Em primeiro lugar, há os discos. O primeiro, *Whites Off Earth Now*, quase ninguém ouviu. Foi com *The Trinity Session* que eles começaram a seduzir o mundo com sua receita de blues, country e folk. Agora, com o lançamento de *The Caution Horses*, eles dão um passo adiante. *Trinity Session* é sobre amor e fantasia. O novo disco é sentimental de maneira diferente — é mais real, mais sofrido. Um retrato da inocência perdida.

Além disso, há os shows. O palco recria um ambiente de bar, uma mesa com copos e um vaso de flores. Eles se apresentam de maneira informal. A aparição de Margo Timmins, sempre de saia larga e cara limpa, atrai a maior parte dos aplausos. Natural: o grande estrela da banda é sua voz, etérea e primitiva.

E há seu irmão Michael. Embora não seja um virtuoso da guitarra, é claramente o condutor da banda. Escreve todas as músicas e participa na composição de todas as letras. Mostra extrema sensibilidade quando escreve do ponto de vista feminino — vide "If Your Were The Woman And I Was The Man".

Falando à BIZZ em Londres, Michael define a música dos Junkies: "Neste momento, eu diria que ela tem fortes influências country, com arranjo e arquestração simultaneamente luxuosos e tranqüilos. Está na tradição musical texana. Quando começamos há uns quatro anos, nossa idéia era pegar as idéias, os temas e o sentimento do blues e adaptá-los".

"Nossa música está na tradição texana: country com arranjos luxuosos"
(Michael Timmins)

Por que *The Trinity Session* foi gravado numa igreja?

"Na época, nossa música exigia uma atmosfera espaçosa. Aí, alugamos a igreja por um dia, fomos lá e gravamos tudo ao vivo, como sempre fazemos."

Que diferenças você vê entre os dois discos?

"O aspecto principal foi o crescimento da instrumentação e dos arranjos. E no parte da composição, investimos mais nas nossas próprias idéias musicais e líricas, porque muita gente tendia a gostar muito das nossas *cover versions*". Mesmo assim o novo disco inclui duas: "Powderfinger", de Neil Young, e "You Will Be Loved Again", de Mary Margaret O'Hara.

Não foi só isso que mudou. O novo também é muito emocional, mas tem um outro clima.

"Sim. *Trinity Session* tinha um *mood* bem quieto, uma coisa que foi imposta pelo ambiente da igreja. *Caution Horses* é muito mais sombrio e intenso. E, gravado, as pessoas sempre me dizem como acham *Trinity Session* um disco triste. Eu não o acho triste, o acho... quieto."

ANAMARIA G. DE LEMOS

HENDRIX CONTINUA IMBATÍVEL

Sessenta guitarristas elegem Jimi o melhor

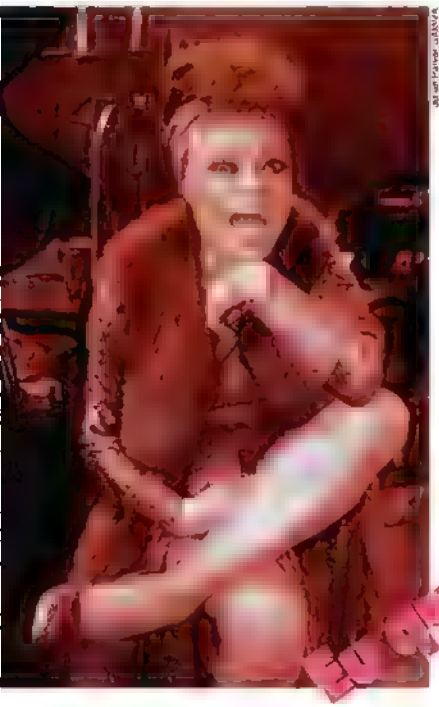
Jimi Hendrix é o melhor guitarrista de todos os tempos. Esse foi o resultado de uma votação realizada pela semanário *New Musical Express*, que consultou sessenta guitarristas de estilos diversos. Entre os eleitores estavam John Lee Hooker, Carl Perkins, William Reid (Jesus & Mary Chain), Will Sergeant (Bunnymen), Vini Reilly (Durutti Column), Steve Vai (Whitesnake), Ray Davies (Kinks), Robert Cray, [illegible] Cale, Steve Rothery (Marillion), Graham Lambert (Inspiral Carpets), Mike Rutherford (Genesis) e Joey Santiago (Pixies).

O voto mais curioso foi o de **Barney Sumner**, que incluiu na sua lista Nile Rodgers (Chic), Bruno Battisti D'Amario (músico de estúdio que trabalhou com Ennio Morricone e Jimmy Page [illegible] Zeppelin). O guitarrista do New Order justificou-se dizendo que "todos eles representam o máximo em suas áreas."

No resultado final, as maiores surpresas foram as ausências das lendas do blues Muddy Waters e B.B. King, ou de alguns nomes consagrados como Jeff Beck, Santana, Mark Knopfler ou The Edge.

OS 20 MELHORES

1. Jimi Hendrix
2. Keith Richards
3. Richard Thompson
4. Neil Young
5. Django Reinhardt
6. Tom Verlaine
7. Stevie Ray Vaughn
8. Ry Cooder
9. Dave Gilmour
10. Pete Townshend
11. John Lee Hooker
12. Johnny Marr
13. Jimmy Page
14. Charlie Christian
15. George Harrison
16. Scotty Moore
17. Eddie Van Halen
18. Prince
19. Eric Clapton
20. Paco De Lucia



Eu quero ser malvada!

Este é o lema da *femme fatale* EARTHA KITT

Para Orson Welles, "a mulher mais excitante do mundo".

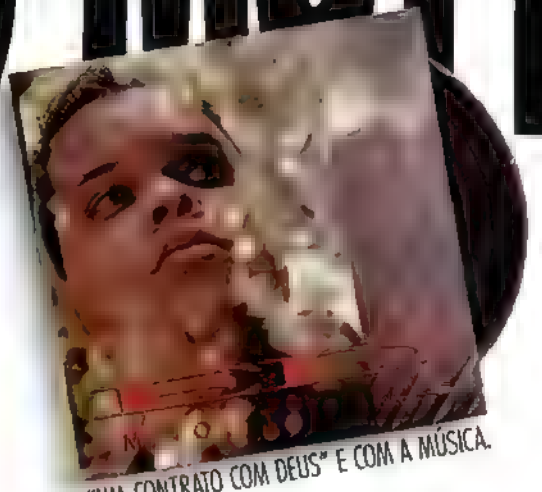
Para a CIA, que a colocou em sua lista negra, uma perigosa "ninfomaníaca sádica".

Dançarina, atriz e cantora — amicíssima de James Dean —, Eartha Kitt conheceu de perto a face moralista da América do macartismo e do *Bible Belt*. Mas, como diz o título de um de seus grandes sucessos, e que agora batiza sua volta ao vinil (ver *Discos* desta edição) e sua recém-lançada autobiografia (*I'm Still Here*), ela ainda está aqui, para de leite [illegible] trito de seus fieis idolatras — a maioria rapazes sensíveis e de pulsos frouxos, o que explica a produção do novo disco vir assinada pelos Bronski Beat (ou o que restou deles após a saída de Jimmy Somerville).

Infelizmente, nem o novo LP nem sua última aparição nas telas — no frustrante *Eric, O Viking* de Terry Jones — fazem justiça ao mito Eartha Kitt. Ele deve ser procurado em coletâneas que traçam "I Want To Be Ev[illegible]" seu cartão de visitas. "Estou cansada de ser pura/ e não ser caçada/quero ir ao demônio/eu quero ser mal" — e outras gemas envoltas em seu personalíssimo ronronar rouco, em filmes como o *Faustus* de Orson Welles (em que faz Helena Staro) e *St. Louis Blues* (com Nat King Cole) e em episódios do grande monumento cantado do milênio que é aquele seriado estrelado por Adam West e [illegible] Ward (como a Mulher Gat[illegible]).

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

ED MAIS, ED MOTTA.



"UM CONTRATO COM DEUS" E COM A MÚSICA.

À VENDA EM LP E K7

wea

CABRA-CEGA

HERBERT VIANNA

O compacto "Cisco Kid" do **War** e o LP *Jeff Beck Group* foram os primeiros aquisições de Herbert Vianna, ainda garoto. Hoje, sua discoteca abriga cerca de quatrocentos títulos, em sua maioria clássicos do rock, "fundamentais como **Led Zeppelin**, **Who**, **Steely Dan**". Entre os guitarristas, suas escolhas recaem sobre **Tom Verlaine** e **Fito Paes**. Dos nacionais, tem ouvido **Olodum**, **Ilê Ayê** e **Paralamas do Sucesso**. "Ao terminar um LP, costumo ouvir nossos trabalhos mais antigos, que, por acaso, só tenho em cassete. Como música ambiente, para acompanhar refeições, por exemplo, ele convoca **Harry Belafonte**, **Nat King Cole** e **Frank Sinatra**. "Sou muito conservador", justifica, destacando na BIZZ a seção *Discoteca Básica*. Por considerar muito ruim a qualidade dos produtos nacionais, Herbert volta de suas viagens ao exterior sempre com alguns CDs na bagagem, sem contudo dispensar o formato LP. "É mais bonito.

THE CLASH "SHEPHERD'S DELIGHT" (Dread/The Clash)
"Algumas coisas foram gravadas no dobro da velocidade. É legal, nunca tinha pensado nisso... depois voltou para a velocidade normal e está tocando em cima. Boa guitarra. Adoro músicas assim, de barulhos e com formas originais de construir a estrutura. Acho genial aquela coisa do Tom Waits, a forma como suas músicas são tocadas, com muito pouco, com instrumentos antigos... Por exemplo, o reggae que tem no Jeff Beck é bastante bem feito, mas dá para ver que é de branco. É legal."

WALTER FRANCO "O DIA DO CRIADOR" (Walter Franco)
"Deve ser brasileiro... reggae de brasileiro... o som da guitarra é extremamente mal gravado, você reconhece por aí. Isso é uma tentativa de reggae, mas pode ser classificada como triste. Quando começaram a gravar reggae no Brasil, acharam que era isso. E essa letra é horrorosa. Não sei, não conheço a banda. Você sabe quem é? Essa música é horrorosa."

BOB MARLEY AND THE WAILERS "DO YOU REMEMBER" (Bob Marley)
"É alguma coisa antiga de ska. Pode ser Melodians, algum grupo vocal de ska. Eu adoro... a gente persegue um pouco isso dos metais acompanharem a guitarra. É chacante! O som da bateria superambiente. Acho que a gravação digital chegou num ponto em que é preciso retroceder um pouco para trazer esse tipo de respiração."

TIM MAIA "OVER AGAIN" (Tim Maia)
(Assim que a música começa.) "Parece uma levada tipo Tim Maia, antiga. Quero te dizer... (*cantando*) é tipo "Reu Confesso". É Tim, uma coisa meio Marvin Gaye. É o Tim, sim. Nunca tinha ouvido essa música. Outro dia, ouvi no rádio uma música do Tim cantando em inglês com Elis Regina. E legal porque ele não está falando nada, ele gosta é do som das palavras."

STEWART COPELAND "KEMBA" (Stewart Copeland/Ray Lema)
"Isso é Stewart Copeland. Acho que é um 'cotela', a gente até brincava com isso. É demais, ainda só, parece um maxixe. É Ray Lema cantando. Por causa desse disco, eu comprei um disco solo do Ray Lema (*cantarola*). Os baterista quando fazem música normalmente não tocam muito bem instrumentos harmônicos, mas têm sempre um *approach* original."

BANDA BLACK RIO "LEBLON VIA VAZ LOBO" (Oberdan/Banda Black Rio)
"Eu conheço essa música. Não gosto dessa fusão. Isso pode ser... é Banda Black Rio. Se for, eles são demais, essa música é até legal, mas quase todo mundo que faz música instrumental no Brasil acaba nessa fusão de samba/funk que eu acho superfraco."

UM PROJETO COM 5 ANOS DE SUCESSO MERECE

BIZZ

Uma homenagem do Projeto SP à revista Bizz que juntos completam 5 anos de muito **sucesso**.

Agradecimentos especiais

FAST FORWARD

RESISTINDO

Os HERÓIS DA RESISTÊNCIA não desistem

[illegible]

[illegible]

LORENA CALABRIA

ALTA ROTAÇÃO

"Dance E Balance Com BB" é a obra-prima do último LP de **Beto Barbosa**. Um refrão matador, backing vocals cheios de soul e grande arranque rítmico. **(J.A.L.)**

VIOLATOR, Depeche Mode O disco mais equilibrado da carreira do melhor grupo de tecnopop na ativa. "Enjoy The Silence" empata com "Vogue" de Madonna como dance track do mês. **(A.F.)**

CHANGESBOWIE, David Bowie Antes a máquina do tempo do que a Tin Machine. As várias fases de Bowie remasterizadas digitalmente. **(L.C.)**

LIFE IS A DANCE – THE REMIX PROJECT, Chaka Khan Uma trilha na medida para quem gosta de cair no *groove* mas já se encheu dos bati-cuns acids, houses e hip-hopescos. Vale a pena. **(C.M.)**

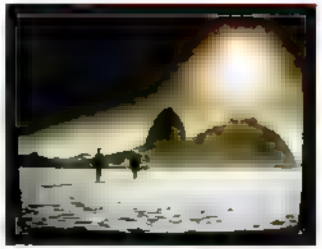
THE LEGACY OF THE BLUES VOL. 5, Snooks Eaglin Ele não é só um *bluesman*. Vindo de New Orleans, Snooks leva em sua voz e guitarra ecos de *cajun*, r&b e jazz. Um raro achado. **(C.P.)**

I DO NOT WANT..., Sinéad O'Connor Ela realizou dois feitos notáveis: colocar Prince nas FMs e passar emoções fortes com um pop quase convencional. **(M.A.G.)**

HUNKY DORY, David Bowie O LP — obrigatório em qualquer discoteca que se preze — ganhou, neste relançamento, um atrativo irresistível: a bela versão acústica de "Quicksand", uma das *bonus tracks*. **(M.A.G.)**

VOTE NO CLIP QUE VAI REPRESENTAR O BRASIL!

Todo ano a MTV promove a *Video Music Awards*, o Oscar do videoclip, cuja premiação é acompanhada por uma festança recheada de participações especiais ao vivo. Com o Brasil integrado à rede, através da TV Abril, este ano um clip nacional estará concorrendo na categoria *Melhor Video Estrangeiro*, e você pode ajudar a escolher nosso representante. Envie seu cupom para **Redação BIZZ Promoção MTV — Cx. Postal 60081, CEP 05069, São Paulo - SP.** As primeiras sessenta respostas, pela data do correio, ganharão duas camisetas: uma da BIZZ e outra da MTV!



Caetano Veloso
"Estrangeiro"
Direção Caetano Veloso

Djavan
"Oceano"
Direção Roberto Talma

Engenheiros do Hawaii
"Alívio Imediato"
Direção Paulo Trevisan

Paralamas do Sucesso
"Perplexo"
Direção Jodele Archer

Titãs
"Flores"
Direção Jodele Archer

O CLIP QUE DEVE REPRESENTAR O BRASIL NA CATEGORIA *MELHOR VIDEO ESTRANGEIRO* DA MTV VIDEO MUSIC AWARDS É:

☐ "Estrangeiro" (Caetano Veloso) ☐ "Oceano" (Djavan) ☐ "Alívio Imediato" (Engenheiros) ☐ "Perplexo" (Paralamas) ☐ "Flores" (Titãs)

Nome ____________________

Endereço ____________________

Cidade ____________ Estado ____________ CEP ____________

A banda que eu gostaria de ver se apresentar no Brasil é ____________________

UNITED COLORS
OF BENETTON.

GOSSSTOOOSAAA!!!
A MULHER IDEAL?
...ELA PODE SER
QUENTE
FRIA
LOIRA
MORENA
SANTA
PROFANA
DOMINADORA
SEDUTORA
(PREENCHA VOCÊ MESMO)

Breathless Mahoney no traço de Chester Gould, o criador de Dick Tracy, na pele de Madonna e na versão quadrinizada do filme pelos estúdios Disney

© DISNEY

Mesmo com a enxurrada de matérias de capa em revistas do mundo todo, um detalhe passou despercebido. *Blond Ambition* — ou "Ambição Loira" — é o título de um dos grandes clássicos do cinema pornô dos anos 80. A referência cabe como um corpete de Jean-Paul Gaultier na garota de 31 anos que, um dia, declarou ter encarado a perda da virgindade como um importante degrau em sua carreira.

Ambição Loira, a turnê, promove o disco *I'm Breathless*, que promove o filme (*Dick Tracy*). E equacionar Deus e liberdade sexual não é mais a única interseção espiritual entre Madonna e Prince. Agora ela também não fala com a imprensa... ou quase. Curiosamente, a maioria das entrevistas recentes driblou publicações sobre música para atemissar em revistas de comportamento, moda e estilo — como *Vanity Fair*, *Cosmopolitan*, *Harper's Bazaar*. A TV teve mais sorte. Madonna concedeu em Tóquio, onde estreou o show, uma exclusiva a Kurt Loder, da MTV, e outra a Arsenio Hall, popularíssimo entrevistador — em que aproveitou para comparar seu par de seios com os da pobre LaToya Jackson (siliconada!) e chamar a atenção para a celulite nas coxas de Paula Abdul. "Quem tem belos seios precisa exibi-los, certo?" Certíssimo. Ainda mais quando o fotógrafo é Helmut Newton, autor das fotos que tornaram a *Vanity Fair* de abril um item de colecionador. O melhor momento, porem, veio com a seguinte pergunta de Hall: "Você não sente ciume de Joan Collins?" (*um dos itens do colecionador Warren Beatty*). Madonna: "Você a viu recentemente?" Obviamente, o caso entre o dom-juan número um de Hollywood e o objeto do desejo masculino número um do planeta (que, na verdade, é um sujeito ativíssimo) ajuda a promover o filme que promove o disco que promove a turnê.

Sobre "Hanky Panky", faixa de *I'm Breathless* que celebra carinhos sado-masô sutis, Arsenio perguntou se ela tinha sido espancada ultimamente. "Sim, mas não gosto quando é muito forte (*ouviu, Sean Penn?*). Umas palmadinhas no traseiro podem ser muito gostosas", respondeu a vegetariana viciada em pipoca e que vive numa dieta à base de banana e iogurte. Já a crítica, que só se rendeu a ela no terceiro LP (*True Blue*), fez seus reparos ao disco. O clima anos 40, com *torch songs* de cabaré — três delas assinadas por um mestre da Broadway, Stephen Sondheim —, seria um pulo maior que suas musculosas pernas. De fato, Madonna não é nenhuma Julie London, e sua pequena voz nunca se deu muito bem com canções lentas e sim com seu mais sacolejante e dourado pop, de forte inspiração nas Supremes e outras *girl groups* dos anos 60. A impecável competência de seu parceiro e produtor, Patrick Leonard, porem, não deixa a massa fina desandar. E, quando "Vogue" quebra a linha do filme e encerra o disco numa *house* frenética, a sedução derruba qualquer prevenção.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

Na TV americana, entrevistada por Arsenio Hall (suposto affair de Paula Abdul), Madonna não hesitou em dar uma esculachada na ex-coreógrafa

O PARCEIRO E PRODUTOR

Ao telefone, o braço direito de Madonna no estúdio surpreende pela fala pausada e reticente, tímida até, de quem não se sente muito à vontade fora de sua toca. Nesta rápida entrevista, de seu estúdio em Los Angeles, Patrick Leonard passou sua ficha completa

Formação Nascido em Chicago, foi um daqueles moleques prodígios que começam a tocar o piano da sala aos cinco anos de idade.

Profissionalização "Depois de estudar muito piano e teoria musical e terminar o colegio, excursionei com varias bandas principiantes. Aí, em 81, me tornei músico de estúdio em Chicago durante três anos, até mudar para Los Angeles. Toquei os teclados e fiz toda a programação de sintetizadores da turnê *Victory*, dos Jacksons. Foi logo depois disso que comecei a trabalhar com Madonna."

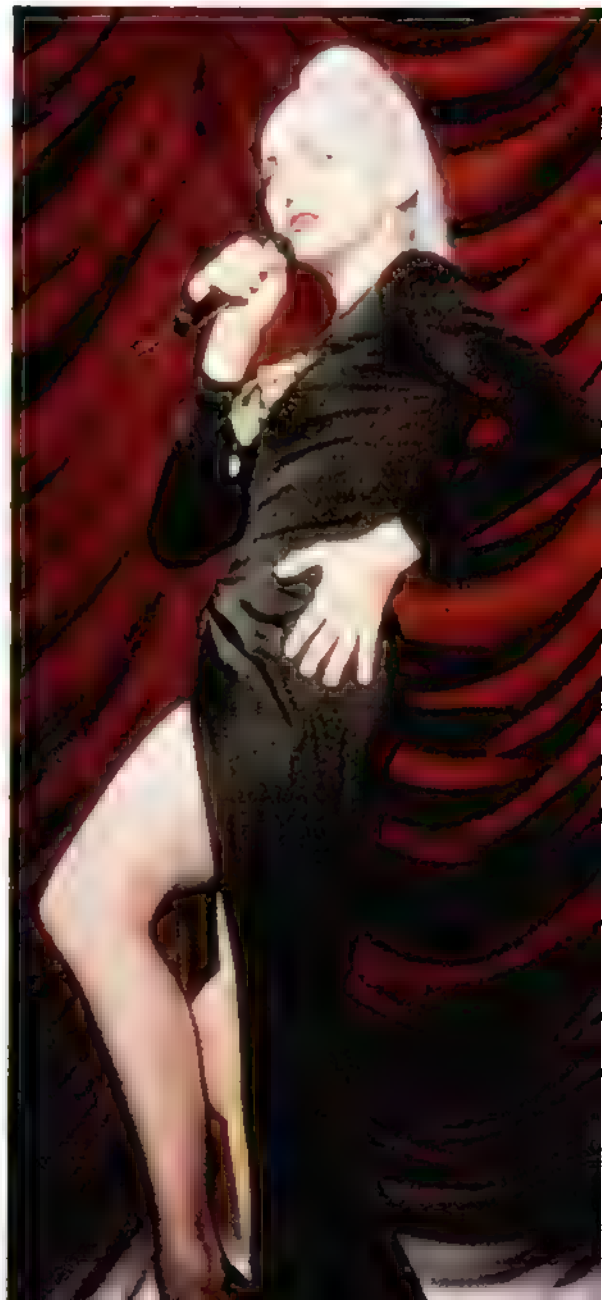
Músicos/compositores favoritos Led Zeppelin, Pink Floyd, Chick Corea, Herbie Hancock, George Gershwin, Gustav Mahler, Aaron Copeland, Joni Mitchell.

Favoritas entre suas próprias produções/composições *com Madonna* "Oh Father", "Live To Tell", "Something To Remember". *Com Bryan Ferry* "Limbo". *Com Julian Lennon* "Make It Up To You". *Com Pete Cetera* "Body Language".

Madonna "O empresário dela estava procurando um diretor musical para sua primeira turnê e me chamou. Nos demos bem imediatamente. Ela é uma pessoa ótima de se trabalhar em conjunto: objetiva, decidida, rápida. Geralmente começamos com uma idéia musical minha, quando mostro para ela fazemos alterações — é aí que entra a parceria — e gravamos uma demo com sequenciador. Ela começa a cantar e geralmente faz as letras ali, no ato."

Bryan Ferry "Foi seu agente que nos colocou em contato. Aprendi muito com ele. Bryan tem um método de trabalho completamente diferente do de Madonna. Traz os músicos para o estúdio e os põe para tocar de cara, sem passar nem uma fita nem uma partitura. Faz quatro, cinco takes e os despacha. Aí edita os melhores momentos de cada um. Cria primeiro uma grande bagunça desorganizada para depois ordená-la, estruturá-la e enxugá-la. Eu achava isso uma loucura, seria muito mais fácil dar uma partitura ao músico, mas não obteríamos a mesma vitalidade. A qualidade eterna de seu trabalho está nessa filosofia obscura, abstrata, um caso sério de maturidade e sabedoria."

Este mês, apesar de se considerar mais um compositor do que produtor ou *performer* ("um homem de papel e lápis, quase não uso computador"), Patrick Leonard lança nos EUA sua própria banda e prepara um concerto para orquestra no estilo de seu mestre, Gershwin, para estrear em Londres, no ano que vem. J.A.L.



VOGUE

(Madonna Ciconne/Shep Pettibone)

Strike a pose, strike a pose... vogue, vogue, vogue, vogue
Faça uma pose, faça uma pose... vogue, vogue, vogue

Look around, everywhere you turn is a heartache
Olhe em volta, para todo lugar que você se vira há um coração sofrendo
it's everywhere that you go (look around)
está em todos os lugares que você vai (olhe em volta)
you try everything you can to escape the pain of life
você tenta tudo que pode para escapar da dor da vida
that you know (nobody has to know)
que você conhece (ninguém precisa saber)
if all else fails
se todo o resto falhar
and you long to be something better than you are today
e você ansiar ser algo melhor do que é hoje
I know a place where you can get away
eu conheço um lugar, de onde você pode fugir
it's called a dancefloor... and here's what it's for, so...
chama-se pista de dança... e é para isso aqui que ela serve, assim...

Come on, vogue... let your body move to the music
Vamos lá, vogue... deixe seu corpo se mover com a música
come on, vogue... let your body (go with the flow)
vamos lá, vogue... deixe seu corpo (seguir o fluxo)
you know you can do it
você sabe que pode fazê-lo

All you need is your imagination, so use it
Tudo que você precisa é sua imaginação, portanto use-a
that's what it's there for (that's what it's for)
é para isso que ela está aí (é para isso que ela serve)
go inside for your finest inspiration
vá para dentro atrás de sua mais refinada inspiração
your dreams will open the door (open up the door)
seus sonhos abrirão a porta (abrirão a porta)
it makes no difference if you're black or white
não faz diferença se você é negro ou branco
if you're a boy or a girl
se você é garoto ou garota
if the music's pumpin', it will give you new life
se a música estiver bombeando, te dará nova vida
you're a superstar, yes... that's what you are, you know
você é um superstar, sim... é isso que você é, você sabe

Come on, vogue... let your body groove to the music
Vamos lá, vogue... deixe seu corpo curtir o ritmo da música
come on, vogue... let your body go with the flow
vamos lá, vogue... deixe seu corpo seguir o fluxo
you know you can do it
você sabe que pode fazê-lo

Beauty's where you find it
A beleza está onde você a encontra
not just where you bump and grind it
não apenas onde você solta seu tesão
soul is in the musical
a alma está no musical
that's where I feel so beautiful, magical
é onde me sinto tão bonita, mágica
life's a ball so get up on the dancefloor
a vida é um baile por isso vá para a pista de dança

Vogue... let your body move to the music
Vogue... deixe seu corpo se mover com a música
come on, vogue... let your body go with the flow
vamos lá, vogue... deixe seu corpo seguir o fluxo
you know you can do it, do it, vogue
você sabe que pode fazê-lo, faça, vogue
beauty's where you find it (move to the music)
a beleza está onde você a encontra (mova-se ao ritmo da música)
vogue... beauty's where you find it (go with the flow)
vogue... a beleza está onde você a encontra (siga o fluxo)

Great Garbo and Monroe, Dietrich and DiMaggio
Grandiosa Garbo e Monroe, Dietrich e DiMaggio
Marlon Brando, Jimmy Dean on the cover of a magazine
Marlon Brando, Jimmy Dean na capa de uma revista
Grace Kelly, Harlow Jean, picture of a beauty queen
Grace Kelly, Jean Harlow, imagens de uma rainha de beleza
Gene Kelly, Fred Astaire, Ginger Rogers dance on air
Gene Kelly, Fred Astaire, Ginger Rogers dançam no ar
they had style, they had grace
eles tinham estilo, tinham graça
Rita Hayworth gave good face
Rita Hayworth, um dos rostos mais fotogênicos
Lauren, Katharine, Lana too, Bette Davis we loved you
Lauren, Katharine, Lana também, Bette Davis, nós amávamos você
ladies with an attitude, fellas that were in the mood
damas de atitude, rapazes que estavam no clima
don't just stand there, let's get to it, strike a pose
não fique parado aí, vamos começar, faça uma pose
there's nothing to it... vogue (vogue) vogue (vogue)
não tem nenhum segredo... vogue (vogue) vogue (vogue)

Oooh, you got to let your body move to the music
Oooh, você tem de deixar seu corpo se mover ao ritmo da música
oooh, you've got to just let your body go with the flow
oooh, você simplesmente tem de deixar seu corpo seguir o fluxo
oooh, you've got to...
ooh, você tem de...
vogue!
vogue!

WB Music Corp./Bleu Disque Music Co./Webo Girl — Direitos cedidos para o Brasil à Warner Chappell Ed. Musicais Ltda.

Malcolm McLaren foi o primeiro a tirar o *voguing* do semi-anonimato. Eis sua própria definição, em uma entrevista exclusiva publicada em BIZZ 52

"A dança foi criada a partir de várias poses de modelos da revista *Vogue*, por pessoas que queriam imitar modelos e manequins. Foram os gays de Nova York... Eles gostavam de se exibir e se vestir de mulher, então começaram a imitar essas poses. De repente, virou um tipo de dança, as pessoas como que desfilavam pelos nightclubs gay de NY. Existe há uns vinte anos. No ano passado, mais gente começou a reparar. Era importante significativa para aquele momento, embora talvez há dez, vinte anos não fosse o caso."

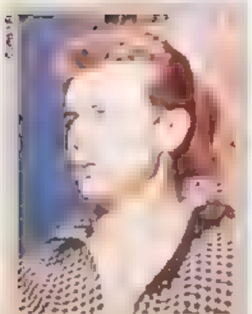
E a garotada começou a entrar para as *voguing gangs*. Competem entre si na pista de dança, em vez de brigar nas ruas. De uma hora para outra, esses bailes não eram mais apenas para os gays. "De repente, enquanto o resto de NY procurava uma nova moda, essa garotada toda começou a baixar nos bailes de *voguing*. O movimento todo ficou mais esperto, mais articulado, e se encaixou bem com o clima do momento, porque a música que dançavam era disco dos anos 70, a era Barry White (...) Eu gosto da idéia dessas pessoas tentarem parecer importantes, tentarem ser notadas. Ser uma estrela por um momento numa pista de dança... Quando saem do nightclub, talvez não sejam ninguém. Foi essa tragédia romântica que eu achei fabulosa."

GRETA GARBO
Foi a deusa de Hollywood nas décadas de vinte e trinta, brilhando em filmes como *Ninotchka* e *Camille*. Em 41, abandonou o cinema, permanecendo reclusa até sua morte, em quinze de abril deste ano.

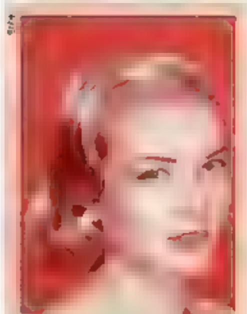
MARILYN MONROE
O maior sex symbol do cinema foi também uma de suas figuras mais trágicas. O auge do seu sucesso foi nos anos 50. Suicidou-se em 62. Joe DiMaggio, o segundo marido, era herói do beisebol nos EUA.

MARLENE DIETRICH
Atriz alemã, uma das figuras mais enigmáticas de Hollywood. Alcançou o estrelato com *O Anjo Azul*, em 1930. Foi ainda bem-sucedida como cantora. Seu maior hit: "Falling In Love Again".

MARLON BRANDO
O ator americano construiu sua carreira apoiado em personagens marcantes e filmes polêmicos. A reputação de ator "difícil" não impediu que ganhasse dois Oscars, um deles por *O Poderoso Chefão*.



JAMES DEAN
Eterno símbolo do jovem rebelde, o ator alcançou fama mundial com *Vidas Amargas* (54). Dois filmes depois, ele morria num desastre de automóvel, e se transformava numa das maiores lendas de Hollywood.



GRACE KELLY
A loira preferida de Alfred Hitchcock — com quem trabalhou em três filmes — interrompeu uma carreira meteórica ao casar-se com o príncipe de Mônaco, em 56. Morreu em 82, vítima de um acidente de automóvel.

JEAN HARLOW
Uma das estrelas de Hollywood nos anos 30, estabeleceu o padrão para as futuras sex symbols do cinema. Morreu aos vinte e seis anos, de peritonite, após protagonizar vários filmes ao lado de Clark Gable.

GENE KELLY
Foi um dos maiores astros dos musicais de Hollywood entre 45 e 55, tendo como único rival Fred Astaire. Atuou como ator, cantor, dançarino e diretor em filmes como *Cantando Na Chuva* e *Convite À Dança*.

FRED ASTAIRE E GINGER ROGERS
Nos anos 30, eles foram parceiros em alguns dos mais famosos musicais de Hollywood, como *Picolino* (35). Depois, Fred prosseguiria no teatro e no cinema, enquanto Ginger se afirmaria como atriz.

RITA HAYWORTH
Sex symbol dos anos 40, conquistou público e crítica com sua atuação em *Gilda* (46). Na década de 50 foi relegada a papéis menores. Morreu aos 68 anos, em 87, de uma doença cerebral incurável.

LAUREN BACALL
Estreou no cinema aos vinte anos, contracenando com Humphrey Bogart, em 44. Sua melhor fase aconteceu nos anos 40, mas a atriz prosseguiu com aparições esporádicas nas telas ao longo das décadas seguintes.

KATHARINE HEPBURN
Em uma carreira de mais de cinqüenta anos, acumulou cinco Oscars, além de várias indicações. Durante 25 anos, sua imagem esteve associada à de Spencer Tracy, com quem contracenou em oito filmes.

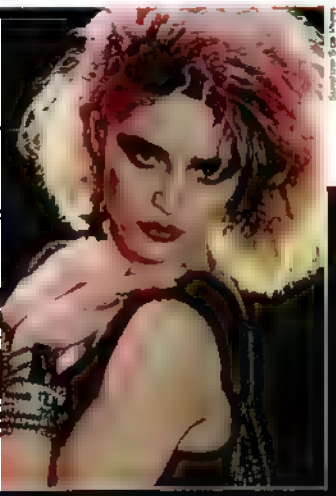
LANA TURNER
Uma das atrizes mais populares dos anos 40, sua vida foi marcada pelo escândalo: casou sete vezes, teve o amante esfaqueado pela filha e o pai assassinado. Mesmo assim, sua carreira durou 35 anos.

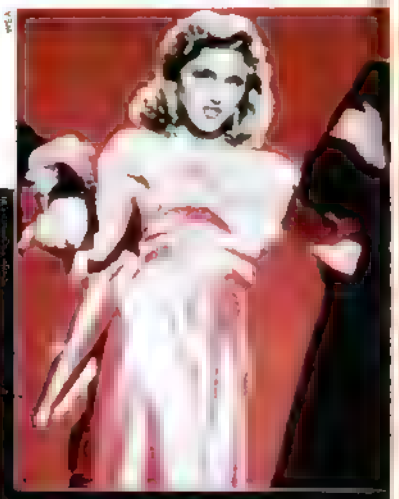
BETTE DAVIS
Uma das melhores atrizes de todos os tempos, apelidada de "Rainha do Mal", devido à natureza de alguns de seus personagens. Iniciou sua carreira nos anos 30, e morreu em 89, vítima de câncer.

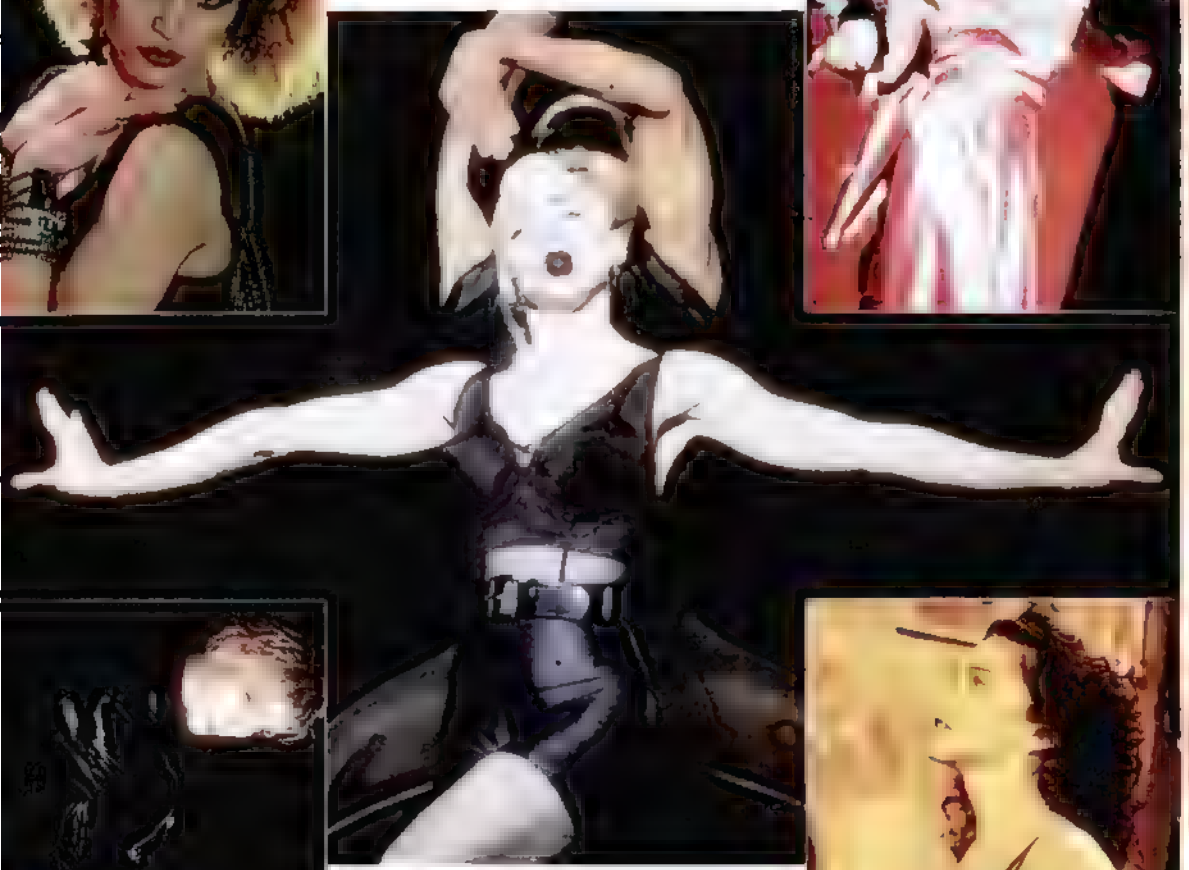
MADONNAMANIA!

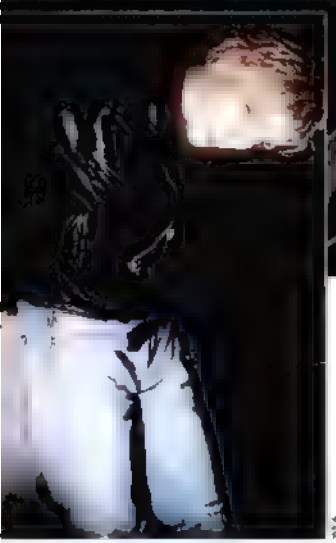
RAPTE-ME, CAMALEOA!!

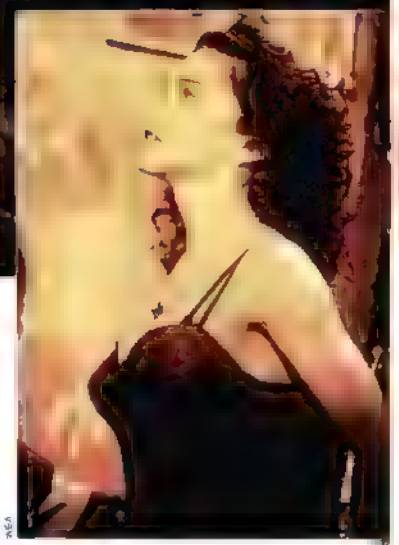
Da "geração 80", Madonna foi quem melhor aprendeu as lições de Bowie nos 70



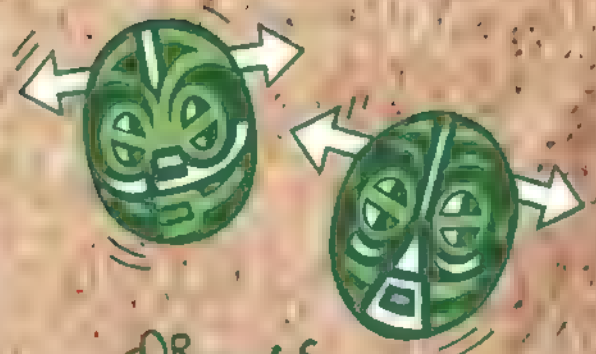








Do canto superior esquerdo, no sentido horário: 1 Moleca de rua pós-new wave entre 83 e 84, ganhando toda a identificação de garotas que queriam a mesma vida; 2 A primeira homenagem a Marilyn, reproduzindo cenário e figurino de "Diamonds Are A Girl's Best Friends" em *Gentlemen Prefer Blondes* (*Eles Preferem As Louras*), para o clip de "Material Girl"; 3 Look de entressafra, pós *Like A Virgin* e pré *Who's That Girl*; 4 Morena e blasfema, no polêmico clip para "Like A Prayer" (89).



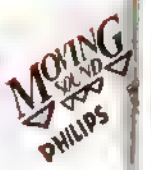
Bimbo/Del Mercato - Foto Saul

SP (011) 299-4065
SP - INT. (011) 468-3013
SP - ABC (011) 745-2810
SP - LITORAL (0132) 55-4104
RS (0512) 22-9070
SC (0482) 23-5863
PR (041) 222-5854

GOOFY
SURF STYLE

BIZZ Moving Sound BIZZ

A PROMOÇÃO QUE VEIO PARA ENLOUQUECER.



PHILIPS

Se você está a fim de curtir o som mais pirado do momento, você não pode perder a promoção Moving Sound Bizz. É a maior moleza participar e ganhar o Kit Moving Sound que tem boné, lapiseira, botton, camiseta, pipa, bolsa supertransada e um aparelho ROME da linha Moving Sound. Preencha o cupom abaixo com seus dados pessoais, responda quantas vezes aparece o selo dos produtos Moving Sound nesta edição de Bizz e crie uma frase supercriativa para a linha Moving Sound. Mande tudo para a caixa postal 20.321 - São Paulo/SP - CEP 04034 e torça para você ser escolhido como o mais louco dos participantes.

Moving Sound Bizz. A promoção que não precisa explicar por que veio. Ou precisa? Que coisa de louco!

Regulamento - O critério de avaliação do concurso levará em conta a criatividade e a originalidade usada para a realização do trabalho, assim como a resposta correta. Os trabalhos serão selecionados por um juri especial, formado por profissionais da área, sendo o resultado considerado irrecorrível. Serão distribuídos um total de 15 (quinze) prêmios, sendo que as 05 (cinco) melhores frases ganharão 01 (um) toca-fitas ROME e 01 (um) kit Moving Sound cada. As demais 10 (dez) frases vencedoras receberão 01 Kit Moving Sound cada. Estes kits são compostos de: uma (1) bolsa, uma (01) camiseta, um (1) boné, uma (1) lapiseira, uma (1) pipa e um (1) botton. Os vencedores serão notificados em suas respectivas residências, através de telegrama, e terão seus nomes divulgados na Revista Bizz do mês de outubro/90. A entrega dos prêmios será realizada na Editora Azul, Av. das Nações Unidas nº 5.777 - Brooklin - São Paulo/SP, ou através de transportadora. Participarão desta promoção todas as cartas enviadas até 31.08.90. Todas as frases enviadas, classificadas ou não, pertencerão à Philips do Brasil Ltda. Participe preenchendo o cupom abaixo ou transcreva as informações nele contidos e envie para:

PROMOÇAO MOVING SOUND - REVISTA BIZZ
C. POSTAL 20 321 - SÃO PAULO - SP - CEP 04034

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____

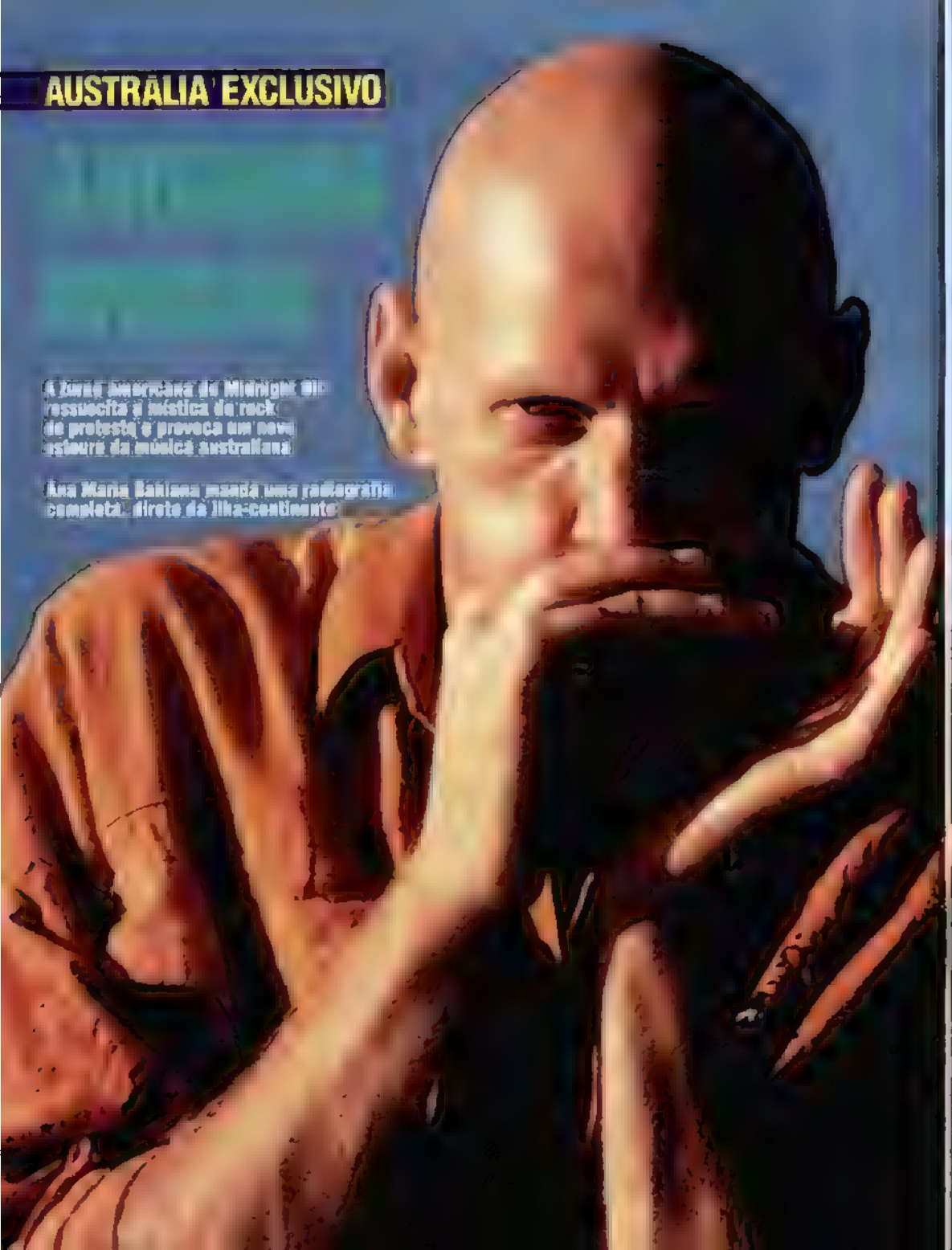
Estado _____ Telefone _____

Grau de Instrução _____ Idade _____

Assinatura _____

Os selos dos produtos Moving Sound aparecem na Bizz _____ vezes. A minha frase para os produtos Moving Sound é _____

AUSTRÁLIA EXCLUSIVO



A turnê americana do Midnight Oil ressuscita a mística do rock de protesto e provoca um novo estouro da música australiana

Ana Maria Bahiana manda uma radiografia completa, direto da ilha-continente

O momento mais importante para o rock australiano — assim como para o cinema, a literatura, as artes plásticas e toda a vida cultural da ilha/continente que um dia foi odiada colônia britânica — aconteceu em 1972 e não teve, a princípio, nada a ver com rock. Neste ano, terminou uma hegemonia que durava décadas, a do Partido Liberal Australiano — que, ao contrário do que o nome indica, é de direita, extremamente conservador e obstinado em manter o país dentro da esfera colonial inglesa. Ele foi fragorosamente derrotado nas eleições para Primeiro Ministro. Para o segundo posto mais importante do país, que é, na prática, o concentrador do poder executivo — foi eleito Gough Whitlam, do Partido Trabalhista, de centro-esquerda.

Seu primeiro ato foi ordenar a retirada imediata das tropas australianas do Vietnã, para onde tinham sido mandadas, num "gesto de solidariedade aos Estados Unidos", pela administração Liberal. Nos três breves anos de sua administração — encerrada ruidosamente em 75 com um escândalo financeiro que acabou levando ao *impeachment* de Whitlam —, o governo trabalhista provocou, com sua simples existência, uma verdadeira renascença na vida cultural do país.

"Foi como um enorme despertar", diz Toby Creswell, editor da *Rolling Stone* australiana que, não por acaso, surgiu em 1972. "Até então era como se o país estivesse dormindo, anestesiado por um enorme complexo de inferioridade, atrelado à Inglaterra, agindo como colônia e pensando como colônia. De repente, bam! — nós podíamos ser australianos, pensar como australianos, escrever sobre nossos temas. Da noite para o dia essa era a discussão. As pessoas debatiam sem parar o que era a Austrália, ser australiano, e todas essas bandas brotaram do nada, das garagens, das escolas... todo mundo dizendo 'foda-se, vou cantar como eu quiser, vou compor sobre temas e assuntos que são verdadeiros para mim'."

Na verdade foi aí que tudo começou. Não que não existisse música pop australiana antes disso. Havia, é claro, Easybeats e Bee Gees ("eles não eram australianos", resmunga Creswell. "Eram ingleses que moravam aqui por acaso") no lado mais ameno dos anos 60. Havia ícones pop como Sheena Easton, Olivia Newton-John e Air Supply nos primórdios dos 70. Além, claro, da banda que ainda hoje é reverenciada na Austrália por seu papel pioneiro em derrubar fronteiras e preconceitos e estabelecer, nas palavras de Brad Shepherd, dos Hoodoo Gurus, "o fundamento da barulheira australiana" — o AC/DC, integrado, não por coincidência, por dois irmãos de um Easybeat, Malcolm e Angus Young.

Mas foi a partir deste extraordinário período na vida política australiana que uma cena rock — com vida, temas e características próprias — começou a se definir e desenvolver. A comoção punk de 76/77 contribuiu para acelerar o processo, de forma muito peculiar. Nas bandas protopunk americanas — MC5, Stooges, Black Flag, Cramps, Ramones — os australianos identificaram a capacidade de fazer barulho, de estabelecer uma comunhão com a platéia e de botar para quebrar que espelhavam perfeitamente o espírito de esculhambada diversão da ilha. Nas bandas inglesas — especialmente no Sex Pistols — havia a raiva que só um marginalizado pode sentir — e era assim que os australianos se sentiam, tão marginalizados pelas rebarbas do Império Britânico quanto os moleques dos conjuntos habitacionais ingleses. Os australianos costumam dizer, orgulhosamente, que a primeira banda punk a gravar um disco é oriunda da ilha/continente, mais exatamente da cidade de Brisbane: The Saints.

Toda a maré australiana que começou a bater nas portas do mercado exterior nos anos 80 pode ser remetida a este momento dos anos 70, em que a Austrália acordou, se olhou no espelho e se reconheceu como nação. Do pop luxuoso do Men at Work, Crowded House e Inxs à fúria articulada do Midnight Oil, passando por vertentes tão diversas quanto as guitarradas funosas dos Hoodoo Gurus, o ruído industrialista do Birthday Party, as obsessões pseudo-revivalistas de Nick Cave e a serenidade cool de Church e Icehouse

Entrevistas com The Church • Hoodoo Gurus • Black Sorrows e um mapa do underground australiano

Esta expansão rumo ao exterior foi o desdobramento natural da incrível movimentação dos anos 70. País de menos de quinze milhões de habitantes, servido por poucas redes de rádio — todas atreladas ao *top 40* americano —, a Austrália pode absorver de forma limitada a verdadeira explosão de talento que cresceu em proporção geométrica desde o final dos anos 70. As cinco grandes gravadoras multinacionais e as duas nativas de médio-grande porte, Mushroom/Festival e Regular, podem ir apenas até certo ponto no sustento e desenvolvimento das carreiras. Depois, o caminho aponta necessariamente para o outro lado do Pacífico, onde há gente e dinheiro de sobra para comprar discos. "Esta é uma das primeiras coisas que pergunto a uma banda — se eles querem ou não desenvolver uma carreira no exterior", diz Martin Fabinyi, gerente-geral da Regular, responsável pela carreira do Icehouse. "Se não querem, é melhor nem assinar. O futuro é extremamente limitado se a banda fica apenas por aqui."

ANA MARIA BAHIANA

AUSTRÁLIA EXCLUSIVO

HOODOO GURUS

A *Família Do-Ré-Mi* encontra o psicodelismo de Jimi Hendrix

No início, explica Brad Shepherd, baixista e vocalista dos Hoodoo Gurus, havia guitarras, Beatles, punk e televisão. As guitarras, ele elabora, são fundamentais para definir "a essência do rock australiano, ou pelo menos o modo como o rock australiano é percebido: alto, barulhento, agressivo, divertido". Os Beatles são uma influência principal. "Outras pessoas na banda gostam também do Who e do MC5, mas o que todos nós temos em comum é a adoração pelos Beatles.

O punk, digerido de um modo peculiarmente australiano, foi o catalisador da união dos quatro Gurus e a espoleta que os tirou da garagem. "No início dos anos 80 começaram a aparecer essas bandas punk por aqui, e logo havia um público enorme atrás delas. O som não era bem punk, era mais Stooges, New York Dolls, MC5, Black Flag e glam dos 70, mas foi uma loucura... todo mundo tinha uma banda, criava coragem para tocar..." A televisão foi o outro ponto comum, a educação básica, o fio condutor que os levou a sonhar com a América, esse continente perdido. "Nós somos a primeira geração de australianos totalmente criada sob a influência da TV", diz Shepherd. "*Perdidos No Espaço*, *A Família Do-Re-Mi*, *A Feiticeira*, *Jennie E Um Genio*... essa foi nossa formação."

Posto isso, não é difícil entender as particularidades sonoras dos Gurus — uma caudalosa muralha de eletricidade e ruído por onde se esgueiram melodias pop impecáveis, com todos os truques e ganchos — e letras que oscilam entre o nonsense, a banalidade e a introspecção. Nem a extraordinária popularidade da banda, não apenas em sua terra natal mas também nos Estados Unidos, por onde excursionam regularmente desde 1984. "Fico feliz que as pessoas gostem de nós. Já tocamos bastante no rádio, e isto é um ótimo sinal". Shepherd diz enquanto perambula de um quarto para o outro em seu apartamento de Sydney, tentando fugir de um amigo barulhento que insiste em perturbá-lo com arrotos e outros sons revoltantes. A América é o berço do rock'n'roll. Foi lá que tudo começou, a conexão é muito forte. Todo mundo que diz que faz rock'n'roll tem de pagar algum tributo à América."

Os Gurus surgiram na alvorada dos 80, do encontro entre Shepherd — ex-vocalista da banda protopunk de Sydney Radio Birdman — e o guitarrista Dave Faulkner, egresso de outra banda cultuada, os Scientists. Entre um pub e outro, eles estrearam numa novela de TV no papel de uma gangue de motociclistas. Em 85, seu segundo LP, o portentoso *Mars Needs Guitars*, foi não apenas um dos quindins da crítica americana como um favorito de clubes e estações independentes de rádio nos Estados Unidos. Elvis Costello, Dweezil Zappa, os Replacements e Los Lobos professaram seu eterno amor pelos Gurus.

Dois discos depois, os Gurus estão no tênue limite entre o cult e o sucesso, o *underground* e o *establishment*. Seu último LP, *Magnum Cum Louder*, inclui mais baladas do que seus fãs de primeira hora poderiam desejar — mas é seu disco mais bem-sucedido, em vendas e execução, na Austrália e fora de lá. E é isso que a gente quer, diz Shepherd. "Acho que toda banda almeja o sucesso, não? Você não pode traçar um limite. Pelo contrário, quanto mais sucesso você tem, mais energia para continuar e fazer as coisas cada vez melhor. Nós somos apenas uma banda pop, que faz, e sempre fez, canções incrivelmente comerciais."

E o que esperar do novo LP que os Gurus acabam de começar a gravar? "Hummm... sabe que eu estava pensando nisso hoje mesmo no chuveiro", diz Shepherd, subitamente reflexivo. "Acho que vai sair uma coisa meio psicodélica. Todo mundo tem ouvido muito Hendrix e visto muitas fitas de *Família Do-Re-Mi* e *Perdidos No Espaço*. Acho que é por aí."

A.M.B.

Os Hoodoo Gurus são
Brad Shepherd — baixo, vocais
Rick Grossman — guitarra
Mark Kingsmill — bateria
Dave Faulkner — guitarra

Discografia
Stoneage Romeos (Indep., 1983)
Mars Needs Guitars (A+M, 1985)
Blow Your Cool (RCA, 1987)
Magnum Cum Louder (RCA, 1989)

AUSTRÁLIA EXCLUSIVO

THE CHURCH

Surf Music bizarra e poética para espíritos sensíveis

Das bandas de primeira linha da geração 80 do rock australiano, a única que já tocou no Brasil é o Church, que esteve aqui em 88. A experiência parece ter sido interessante: o grupo deve voltar para mais uma temporada. Fará dobradinha com outra banda que cultiva ares de mistério, os britânicos Psychedelic Furs. Os shows devem acontecer dia 25 no Hotel Nacional (RJ) e dia 27 e 28 no Projeto SP.

Por que isso? Boas recordações de primeira viagem? "Gostamos do Brasil e estamos ansiosos para voltar", confirma o guitarrista Marty Willson-Piper, co-fundador e um dos compositores principais do Church. "Foi uma experiência iluminadora. O Rio não é tão glamouroso quanto as pessoas pensam. Eu sempre acreditei nas revistas, cresci pensando que o Rio era só mulheres bronzeadas e piñas coladas. Mas não é... há muita pobreza, mendigos.

Há também uma cultura de surf forte e em expansão, o que é garantia de prestígio para os grupos australianos que desembarcam por aqui. Por alguma razão, o som que vem da Austrália exerce uma atração irresistível na comunidade surfística brasileira. "Sei disso — e para mim, que nasci em Liverpool e morei na Noruega, é estranhíssimo", diz Marty. Mas ele mesmo confirma que não é só neste país tropical que surf e rock australiano andam de braços dados. "Morei na Austrália quatro anos e meio, entre 82 e 86, e me envolvi tanto com a cultura do país e com as influências do resto do pessoal do Church que hoje, às vezes, me pego escrevendo uma música com influências de surf."

Relacionar Midnight Oil e Hoodoo Gurus com o surf de uma maneira automática já é meio estranho. Fazer a ponte entre um esporte ensolarado e o glacial *guitar rock* do Church raspa no absurdo — afinal, os caras abrem seus shows com cantos gregorianos.

Mas Marty Wilsson-Piper encontra pelo menos uma conexão entre o Church e a surf music. "Esse termo, 'surf music', me faz pensar em música instrumental com guitarras ou no lado mais alegre dos Beach Boys, que eu odeio. Mas se você pegar o disco *Pet Sounds*, dos Beach Boys, vai ver que pode existir surf music linda e introspectiva. O Church às vezes faz esse tipo de música, e deve ser por isso que os surfistas gostam da gente."

O Church, portanto, faz — de uma certa maneira — surf music. Faz também "música atmosférica", segundo Marty, ou "neo-psicodelismo com *acid guitar*", segundo definiu um jornal no início da carreira do Church. Faz parte do mesmo saco rotulado "novo rock australiano" que a mídia internacional jogou no mercado, em 1986. E faz, principalmente, muito sucesso — desde 88, quando o grupo tomou de assalto o mercado inglês e o circuito universitário americano com o LP *Starfish*. Sucesso que perigo se repetir com o novo LP da banda, *Good Afternoon Fix*.

"Não entendo esta história de sucesso. Quando *Starfish* estourou, ficamos chocados — achávamos que tínhamos feito o mesmo disco de sempre! Epa, novidades à vista: uma banda que acha que não está evoluindo? "Musicalmente acho que ainda estamos no mesmo lugar em que começamos. Há dez anos e sete álbuns repete Marty. "Continuamos fazendo o tipo de música que gostamos.

sem dar bola para o potencial comercial dela. Para nós, o importante são boas melodias e boas letras (Steve Kilbey é respeitadíssimo pelo lirismo sombrio de suas letras) — e ao vivo, a improvisação.

Outro elemento-chave do "conceito Church, segundo o guitarrista, é a ambiguidade. Para ele, é nesse setor que o grupo leva uma vantagem sobre a dance music, que no momento domina as paradas do mundo inteiro. "Eu não consigo aceitar a idéia de que o ritmo seja mais importante que tudo, e essa é a idéia por trás da dance music. Tanto que as pessoas não vão aos shows do Church para dançar — e sim para estimular sua imaginação e sentir a atmosfera, coisas que vem da maneira ambígua como nos expressamos."

Seria isso uma crítica velada ao principal rival do Church ao trono de rei do rock australiano — o nada ambíguo Midnight Oil? Nem pensar: Marty curte o Oil, é amigo de seus integrantes. É só uma definição de princípios do Church. "Queremos que cada pessoa interprete nossa música à sua maneira. Queremos que a música do Church mantenha as pessoas curiosas — como uma mulher misteriosa."

A&L/AT

Formação:
Steve Kilbey — baixo, vocais
Marty Willsson-Piper — guitarra
Peter Koppes — guitarra
Jay Dee Daugherty — bateria

Discografia:
Of Skins And Heart (81)
The Church (82, inclui a maior parte do anterior e algumas faixas extras)
The Blurred Crusade (82)
Seance (83)
Remote Luxury (84)
Heyday (86)
Starfish (88)
Good Afternoon Fix (90)

Projetos Solo:
Steve Kilbey
Unearthed (87)
Earthed (88)
The Slow Crack (88)
Hex (90, disco creditado à banda Hex)

Peter Koppes
Manchild And Myth (88)

Marty Willsson-Piper
In Reflection (87)
Art Attack (88)

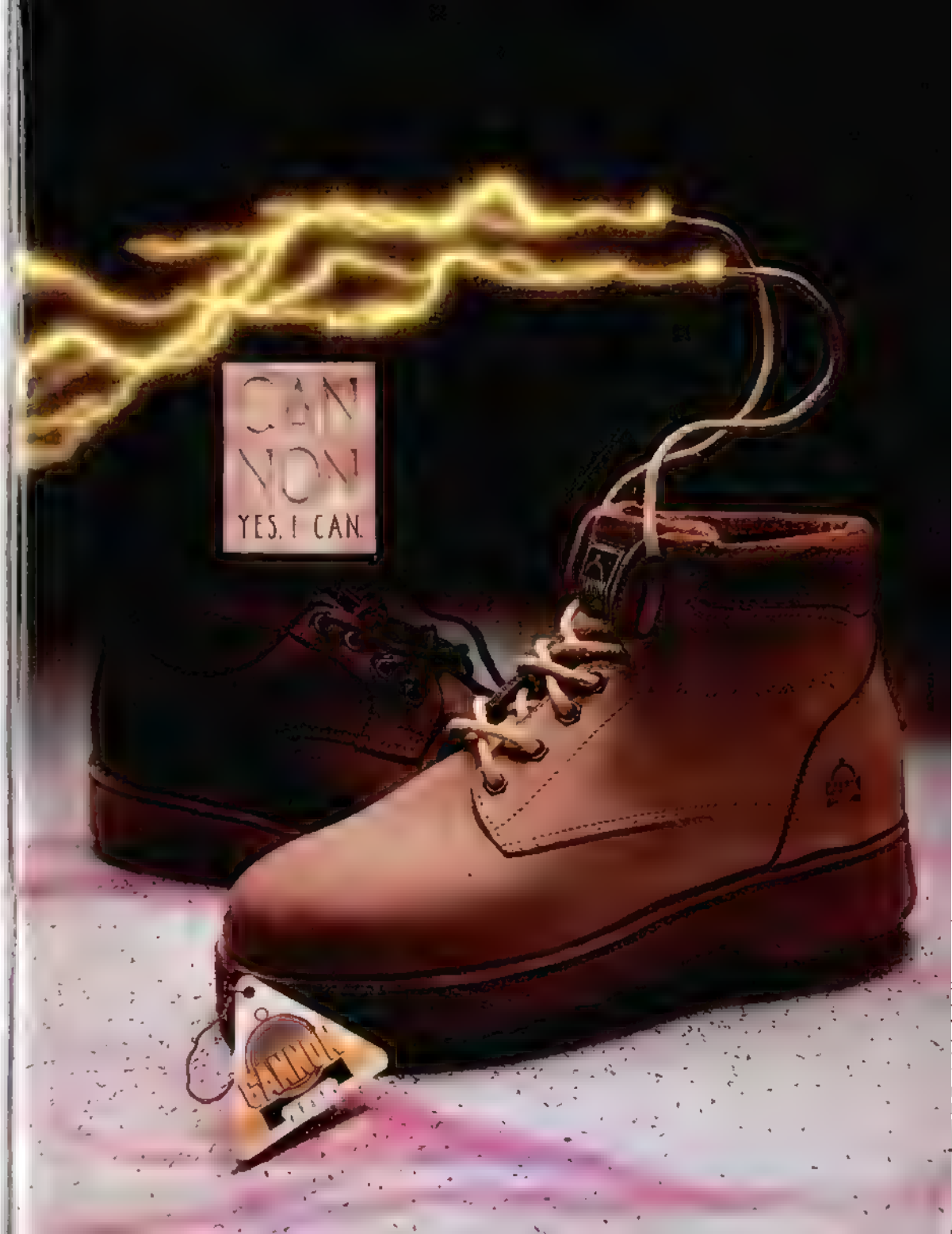
BLACK SORROWS

AUSTRÁLIA EXCLUSIVO

O rhythm'n'blues de raiz que já ameaça o reinado do Midnight Oil

Por mais estranho que possa parecer, as origens da banda que, hoje, está mais próxima de morder os calcanhares do Midnight Oil — sair da esfera de gravidade da Australia e explodir pelo mundo afora — podem ser encontradas em algum ponto de um modorrento verão em Miami, Florida.

Pelo menos é assim que Joe Camilleri, líder e fundador dos Black Sorrows, conta a história, entre goles de chá e o tumulto dos dois filhos, em sua aconchegante casa vitoriana num subúrbio de Melbourne: "Era 1983, eu



estava meio deprimido, meio entediado, não muito bem resolvido a ter uma carreira solo", ele conta. "Não sei por que, achei que devia gravar nos estudios Criteria, em Miami. Foi horrível. Todo mundo me tomava por cubano e eu estava compondo umas coisas esquisitas, um arremedo de dance music com baterias eletrônicas, porque tinham me vendido a ideia de que isso era o que eu devia fazer, era isso que era 'popular' estava na moda... entrei em depressão profunda." Ele toma um grande gole de chá. "Para mim, foi o fim de um ciclo e o começo dos Black Sorrows."

Camillen é cantor, compositor, tecladista, saxofonista ("por falta de talento para tocar o que eu realmente adoro, que é guitarra"), nascido na ilha de Malta e emigrado para a Australia com sua família quando tinha dois anos, vinha de uma carreira razoavelmente bem-sucedida a frente do Jo Jo Zep and the Falcons, uma banda de rock basico que caiu bem no paladar hard da America nos ultimos anos 70. A ascensão do tecnopop, na Europa, e do punk e pos-punk, na America e na Australia, deixou-o saudavelmente confuso. "Eu tive de olhar profundamente, por muito tempo, para dentro de mim mesmo", ele diz. "O que eu realmente gostava de tocar? O que eu realmente queria fazer? E a resposta veio bem clara: blues, rhythm'n blues, musica simples, acustica, de raiz. Pouco me importava o que era a moda. Era isso que eu queria fazer, era isso que eu ia fazer."

De volta a Melbourne, Camillen arregimentou três amigos — um acordeão, um violino e uma bateria — e tendo em comum esse amor pelo blues e uma recente paixão por *zydeco* e musica *cajun*, eles começaram a fazer o velho circuito de clubes e pubs pregando seu evangelho fundamentalista. Que afinal estava apenas alguns anos adiante de seu tempo: encontraria eco no final da decada em bandas como os Cowboy Junkies e Texas. Os primeiros discos foram inteiramente independentes, com capas de papelão carimbadas uma a uma, vendidos pelos proprios Sorrows na porta de seus shows. Na altura do quarto LP, o volume de fãs e o interesse das radios era tal que a CBS australiana rendeu-se às evidencias e contratou a banda.

Lançado em 88, *Hold On To Me* uma brilhante coleção de canções inspiradas por um saudavel amor às raizes do rock e executadas pela nova encarnação dos Sorrows — um septeto que inclui os vocais de duas excepcionais cantoras da ilha de Tonga —, tornou-se o primeiro disco de ouro, platina e dupla platina dos Sorrows. Agora, a banda prepara um novo LP e olha, feliz mas um tanto desconfiada, para os planos de torná-los a proxima grande exportação australiana. "É bom vender um monte de discos mas... é um pouco assustador", diz Camillen, que professa ainda o mesmo credo que o levou aos Black Sorrows. "Eu acredito em musica viva, tocada com instrumentos de verdade, musica que respira, música real. Musica eletrônica pode ser otima mas, para mim, não está viva, e não me interessa."

A.M.B.

Os Black Sorrows são:
Joe Camilleri — sax, vocais
Linda e Vika Bull — vocais
Jeff Burstin — guitarra
Wayne Burt — guitarra, baixo
Peter Luscombe — bateria

Discografia:
Sonora (Indep., 1984)
Rockin' Zydeco (Indep., 1984)
A Place In The World (Indep., 1985)
Dear Children (Indep., 1987)
Hold On To Me (CBS, 1988)

O SOM DO UNDERGROUND AUSTRALIANO

Porque está fisicamente isolada do resto do mundo, a Australia conseguiu o feito de não apenas ter especies animais esdrúxulas como gerar as mais interessantes formas de hibridismo musical. Longe dos centros de decisão e poder, à margem das pressões de moda e estilo, o país abrigo e alimenta gêneros que, alhures, extinguiram-se há décadas. Mais que isso, permite a fermentação dos mais insuitadas misturas.

Na realidade, a estreiteza do mercado e o provincianismo dos programadores de radio e TV virtualmente transformam a ilha num enorme underground. A melhor forma de tomar contato com as dúzias de bandas e artistas que brotam das brechas ensolaradas de *down under* ainda é ao vivo, nos igualmente onipresentes pubs, bares e clubes.

Gravar um disco é feito caro que nem todos podem encarar. Dentro desta limitação, eis aqui um roteiro seleto do que os subterrâneos australianos têm registrado em vinil.

Louis Tillet O bardo dos angustiados, uma voz que lembra o melhor de Neil Young e letras que podem começar com "estou lutando por minha sanidade mental" ou descrever o sul dos Estados Unidos do ponto de vista de um cavaleiro da Ku Klux Klan. Ultimo disco: *A Cast Of Aspersions*, selo Blue Mosque.

Celibate Rifles Barragens eletrônicas funosas sobre as quais deslizam melodias absolutamente pop. Ultimo disco: *Blind Ear*, selo Two Tone.

Doctor Glockenspiel And The Operation Frank Zappa está vivo, feliz e morando em Sydney, disfarçado no som desta banda, que prefere investigar os aspectos menos risonhos do continente ensolarado. Ultimo disco: *Foot In The Door*, selo Red Eye.

Beasts Of Bourbon Formada por ex-integrantes dos Hoodoo Gurus e dos Scientists, a banda tem o tipo de revisionismo radical do rock americano que a Australia adora: blues e country com crueldade, *à la* Nick Cave. Ultimo disco: *Sour Mash*, Red Eye.

Mass Appeal Meta-intelectual, politicamente engajado e funoso. Referência direta: Husker Du, Damned. Ultimo disco: *Jazz*, selo Waterfront.

Vanilla Chainsaws Guitarras limpas e onduantes na tradição de Byrds e R.E.M., mas com um gume mais afiado. Ultimo disco: *Wine Dark Sea*, selo Phantom.

Rock Aborigene Mais para country e reggae que propriamente rock, as bandas aborigenes estão concentradas em sua cooperativa, C.A.A.M.A., e seus discos são distribuidos na Australia pela PolyGram. Alguns nomes: **The Tjikala Desert Oaks, Warna Wanti, Bushfire Radio**, e a compilação *From The Bush*.

Alguns endereços:

C.A.A.M.A. Music, P.O. Box 2923, Alice Springs, N.T. 08070, Australia.

Waterfront Records: P.O. Box A537, Sydney South 2000, NSW, Australia.

Red Eye Records: G.P.O. Box 211, Sydney 2001, NSW, Australia.

Two Tone/Midnight Records, P.O. Box 398, Old Chelsea Station, New York, NY 10011 USA.

A.M.B.

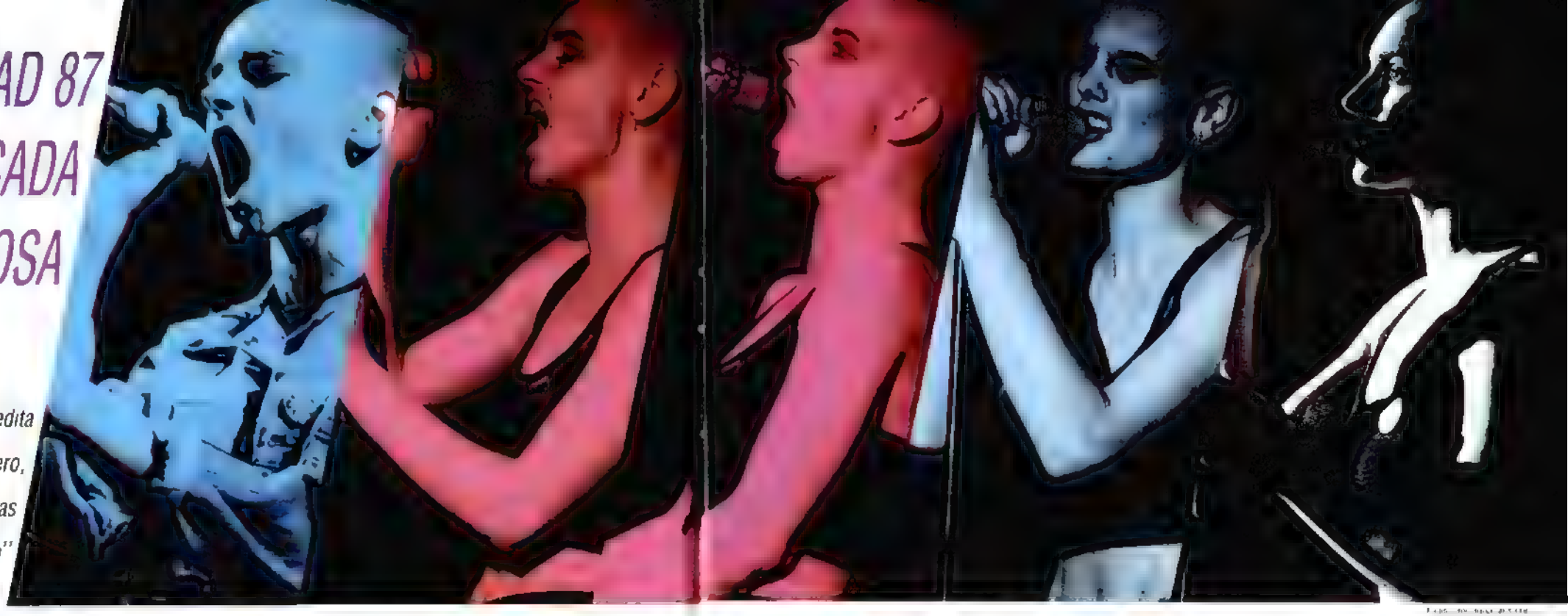
PAZ AMOR ANGÚSTIA E RAIVA

SINEAD O'CONNOR deixa os bate-bocas para trás, encontra o equilíbrio espiritual nas prendas domésticas e, de quebra, alcança o estrelato

SINÉAD 87 DESBOCADA E FURIOSA

"Bono acredita ser sincero, mas é apenas um merda"

(BIZZ 37)



Até bem recentemente Sinead O'Connor confessa, com seu suave sotaque dublinense ligeiramente audível acima do barulho da rua lá fora, eu era esta pessoa desesperadamente infeliz. Infeliz e cheia de problemas. Essa era a razão principal por que saía por aí irada e agressiva com todo mundo. Estava totalmente obcecada por minha infelicidade pessoal a ponto de tornar todo mundo que estava à minha volta infeliz também. So depois que fiquei feliz percebi o quanto horrorosa eu era. Agora, olho para trás e penso: que *babaca*. Que completa desmiolada. Porque agora sou feliz. Simples.

Houve um tempo, sem dúvida, em que o outro nome de Sinead O'Connor era Encrenca. Parecia que, toda vez que ela abria a boca, as controvérsias desabavam sem piedade sobre seus ouvidos despreocupados. Na onda de seu LP de estréia, aclamado pela crítica — *The Lion And The Cobra* em 88 —, ela ficou famosa, na Europa e nos EUA, como o mais desbocado poço de veneno do pop. Durante um período, sua música — cheia de raiva adolescente sem desculpas, ligeiramente histérica — parecia um mero apêndice à desproporcional imagem pública de durona. De coturnos e cabeça raspada, entrava de sola onde todos temiam pisar, falando mal do U2 até Dublin inteira parecer disposta ao linchamento e expressando abertamente uma postura pró-IRA (o *terrorista Exército Republicano Irlandês*) que a tornou alvo preferencial dos tabloides ingleses. A imprensa musical a adorava, claro. Ela era o novo punk pelo qual vinham esperando desde que Johnny Rotten pendurara os adereços sadomaso e comprara uma passagem só de ida para Los Angeles. Ela tinha chegado lá, ao sucesso. Tinha um visual fantástico. E era perfeita matéria-prima para o noticiário.

Nos dois anos que se passaram desde então, Sinead teve bastante tempo para refletir sobre o processo que havia transformado uma garota tímida de cabeça raspada num monstro da mídia, ainda que com sua cooperação voluntariosa. Basicamente, ela ficou pensando sobre a crise pessoal, a confusão e as depressões que surgiam assim que baixou a poeira de mais uma controvérsia.

Aquela história toda do U2 foi a pior", ela admite, "e não quero remexer neste assunto a não ser para dizer que fiquei muito prejudicada, física e mentalmente. Acho que fui uma porta-voz conveniente para um monte de coisas que as pessoas diziam na intimidade. Também acho que houve uma certa armação, que a imprensa pop me usou para vender mais jornais e revistas. Eles nunca levam em conta o ser humano ou a dor que este tipo de coisa pode causar. Não me arrependo das coisas que disse porque são verdadeiras. Mas me arrependo do modo como as disse: xingando, esbravejando e gritando em vez de ser totalmente clara.

Clara" é uma palavra recorrente nesta entrevista, junto com "espiritual" e "feliz". São as palavras-chave no vocabulário pós-epifânico de Sinead O'Connor. Atrás de um copo de suco de laranja orgânico, sem aditivos", a transformação que começou há quase um ano é descrita em sentenças adequadamente serenas que quase sempre terminam com um sorriso largo e pleno de beatitude. A raiva se foi, substituída por um equilíbrio plácido livre de culpa, que encontrou sua fruição criativa nas novas canções de seu segundo álbum, *I Do Not Want What I Have Not Got* ("Eu Não Quero O Que Eu Não Tenho"), lançado em abril.

Essas músicas são sobre minha nova posição", ela diz. "E há um desdobramento cronológico de forma que ainda restaram algumas... ahn... ligeiramente angustiosas no começo do disco. Fora isso, é um disco plácido. Componho sempre num sentido de textura e sentimento, então enquanto *The Lion And The Cobra* era um pouco histrônico, este é sobre beleza, paz. Quero transmitir uma atmosfera de prece. Não me importo de parecer uma completa hippy pois estou sendo honesta. É um disco muito *espiritual*. As canções são como orações. Não *literalmente*, mas no sentido de emanar um sentimento religioso — a felicidade espiritual.

Ela sorri. A beatitude encarnada. Eu fico com a boca aberta, o queixo caído, paralisado pela demolição de preconceitos. Parece, eu balbucio, que foi visitada pelo Espírito Santo. "É exatamente como me sinto", ela diz.

Quando Sinead O'Connor chegou pela primeira vez em Londres — uma garota de dezessete anos, cheia de teorias abertas e sangue frio — só pensava em escapar. O colapso do casamento de seus pais e uma temporada num reformatório por uma série de pequenos delitos haviam deixado uma cicatriz psicológica que ficou eternamente ligada a sua cidade natal.

Quando volto a Dublin, a depressão se instala assim que saio do avião. E como voltar a um apartamento que você dividiu com um velho namorado. Não tenho nada contra o lugar nem as pessoas — é apenas uma conotação pessoal de Dublin. Não gosto da cidade porque nunca fui feliz lá.

Em Londres, Sinead se aliou a Fachtna O Ceallaigh, outro dublinense exilado com um colorido currículo no meio musical, incluindo o empresariamento dos Bomtown Rats em sua ascensão de banda de bar a popstars punk. Após uma atrapalhada saída do selo do U2, Mother Records — documentada com grande ânsia na imprensa de rock irlandesa —, Fachtna começou a empresariar Sinead e, em retrospecto, foi um catalisador indireto das tiradas anti-U2 da cantora.

Ele é meu melhor amigo e procuro aprender com ele", ela diz, "e minha inclinação natural era fazer algo por um amigo que estava chateado. Fiquei muito magoada com o que fizeram com ele, mas hoje acho que deveria ter sido mais cuidadosa e percebido que ele provavelmente também tinha feito algo que havia desgostado o U2.

A intimidade persistente desta relação de amizade e negócios é evidente pelo fato dessa entrevista acontecer no apartamento londrino de Fachtna. Menos de uma semana após nosso encontro, porém, chegaram notícias através de figuras ocultas do meio musical, de que Sinead havia demitido Fachtna como empresário. A gravadora admitiu o fato e pediu que todas as referências a ele [illegible] extraídas da entrevista (pois haviam se tornado irrelevantes).

O trajeto de Sinead, de heroína cult

SINÉAD 90 "VOCÊ DEVE ME ACHAR A MAIOR HIPPIE"

a pop star de porte internacional, não foi sem acidentes. É de se perguntar se essa nova calma não é apenas superficial. "Eu não sou a durona retratada pela imprensa musical, mas suponho que poderia ser acusada de ser minha pior inimiga. Talvez tenha sido aberta e honesta demais no passado e, decididamente, eu disse um monte de merda. Mas quem nunca fez isso? Ultimamente venho me tornando mais adulta.

The Lion And The Cobra não era particularmente um LP "adulto". Na verdade, grande parte de seu poder vinha de uma fúria enfaticamente adolescente e apenas toscamente articulada. A Sinead mais doce e sossegada assente com a cabeça, concordando com esta afirmação, acrescentando ela mesma o termo "histrônico". "Eu não o ouço mais, pois já não é relevante para mim. Em vários sentidos, era eu eliminando dezessete anos de Irlanda do meu sistema. Fico um pouco preocupada porque muitos dos meus fãs foram atraídos justamente por essa raiva. Duvido que as canções agradarão a eles, mas tenho de ser verdadeira comigo mesma. Sou uma pessoa diferente agora.

As novas canções, assim como a nova Sinead, devem muito à influência calmante de seu mando, John Reynolds. Casaram-se em março do ano passado após um período de separação que se seguiu ao nascimento do filho deles, Jake. "Saíamos os dois com outras pessoas, mas não importava com quem eu saísse, ficava sempre com essa sensação de vazio, uma constante insatisfação. Solitária. A John começou a ver esta garota que eu conhecia, e isto me deixou ainda mais perturbada. Achei que era porque eu ainda o amava e queria de novo nos três juntos como uma família de verdade. Me dá tanta felicidade essa união a três que eu gostaria de ter me casado muito antes. Foi a melhor coisa que já fiz em minha vida."

Assim, vai emergindo na conversa que a Sinead O'Connor renascida é uma dona de casa sem culpa, vegetariana, holística, espiritual e feliz, que considera a melhor coisa do mundo "preparar lanchinhos" para John levar com ele para o trabalho; que encontra nos papéis de mãe e esposa as experiências mais gratificantes sobre a terra; e que acha que este envolvente sentimento de segurança é o que estava procurando o tempo todo.

Segue-se então uma longa análise de seu modo de vida atual, uma sabedoria do dia-a-dia que abraça sistemas esotéricos de autoconhecimento, incluindo numerologia, reencarnação, cromoterapia, musicoterapia, cânticos purificadores, ioga para meditação e estudo da cabala. "Não quero soar como Terence Trent D'Arby, que é pomposo e arrogante o suficiente para se achar um presente especial de Deus à humanidade. Não tenho nenhuma grande mensagem para ninguém, a não ser para mim mesma, por isso não quero ler que Sinead O'Connor se considera algo do outro mundo. OK?

As raízes deste espiritualismo recém-descoberto remetem à Irlanda, onde a jovem católica Sinead implorou com sucesso à sua mãe que a acompanhasse numa viagem até Lourdes, meca dos peregrinos em busca de curas milagrosas. Quando sugiro que todos os católicos, praticantes ou não, são magnetizados pelo romance e pelo mistério

BRINCANDO COM ROCK

Rio de Janeiro, Saara 93. O Mississippi é aqui. O som da melhor banda nacional de blues está em suas mãos. Não deixe escapar essa emoção.

BRINCANDO COM COISAS SÉRIAS NÓS DO ESTÚDIO ELDORADO ESTAMOS REVELANDO AS GRANDES ESTRELAS DOS ANOS 90. CONFIRA NESSES LANÇAMENTOS.

São Paulo, Zona Norte. Não Religião e não viver em ilusões, a realidade é dura. Precisamos deixar o culto e ir à luta. Apenas rezar não resolverá. Levante-se, deixe a religião um pouco de lado e diga não a tudo que está errado, incluindo os sucessos: Coração de Papel, Juventude à Vácuo e Brasil.

São Paulo, Zona Sul. A palavra-chave para os integrantes do Law é profissionalismo. "Profissionalismo para nos dar música organização, seriedade e preocupação com a evolução musical". Pop da mais alta qualidade. Participações especiais: Brandford Marsalis, Rita Lee & Roberto de Carvalho e André Christovam.

São Paulo, Periferia. O ex rapper MC Jack é hoje o artista mais completo do Hip-Hop Brasileiro. É o maior símbolo da estética do exmorbundo Hip-Hop. Muito sexo, no drugs, absolutely not rock'n'roll. Dance. Fique parado se conseguir.

São Paulo, Periferia, Hip-Hop, House, Dança, clubes... Porque se você se preocupa com a vida pode ser que você não viva. Hip-Hop... pra quem quer entender loucura não.

estúdio eldorado

EM SINTONIA COM OS ANOS 90

SINÉAD O'CONNOR

do espiritualismo, sua resposta é tão intensa quanto inesperada.

"Não é o *romance* que há nisso que me atrai e sim sua *realidade*. A *verdade* que há nisso. Minha vida tem um propósito agora que não tinha antes. Estou mais segura de mim mesma agora e de por que estou aqui. Gosto mais de mim mesma.

Talvez, eu arrisco, ela acredite nestas filosofias esotéricas porque oferecem um sentido de propósito, auto-estima e integração ausente desde a ruptura em sua vida familiar.

Não, não, não e por isso que eu acredito. De fato, eu sei que é *verdade* que Deus me pôs aqui com um propósito que não é simplesmente servir de alimento às minhocas. Há um propósito em tudo que fazemos — mesmo nas coisas ruins, como gritar com o marido ou... o bem vem dos erros. Os erros são ótimos para aliviar o velho sentimento de culpa católico. Há um propósito real na vida e toda uma outra vida posterior à morte. Eu *sei* disso. Para mim é tão real quanto esta cadeira em que você está sentado.

Inevitavelmente, desembocamos num tortuoso debate sobre todas as vertentes espiritualistas à medida que tento investigar a natureza amorfa da fé de Sinead. Discutimos reencarnação ("você escolhe sua vida antes de nascer"); inferno ("você cria seu próprio inferno"); e o delicado conceito do mal em estado puro ("acho que alguém como Hitler ficou *desequilibrado* e, depois de morrer teve de encarar o horror do que havia feito e voltar para consertar as coisas"). Finalmente ofereço a teoria, abraçada por Norman Cohan em um estudo intitulado *O Fanal Do Milenio*, de que os anos finais de cada século são um campo de cultivo de estranhas seitas e filosofias esotéricas de todas as cores.

Oh sim, mas isso tem tudo a ver com a numerologia. 1989 foi um ano grandioso — o muro de Berlim, a ascensão dos Verdes, o começo do fim do thatcherismo e todas as outras grandes mudanças. Na numerologia, o nove significa mudança e humanismo, por aí você vê.

Estou pronto para perguntar por que 1979 foi tão *pouco* grandioso para ela, mas Sinéad antecipa meu cinismo. "Sei que você está sentado aí morrendo de vontade de esculachar comigo, mas tudo bem. São apenas minhas crenças pessoais. Cada um com suas preferências. Suponho que você me ache uma completa hippy?"

A primeira manifestação pública da nova Sinead O'Connor foi o compacto com "Nothing Compares 2 U", uma canção originalmente composta por Prince para uma banda de Minneapolis chamada The Family. Nas mãos de Sinead ela se torna uma climática, quase melodramática ode ao homem de sua vida. *I Do Not Want What I Have Not Got* preenche no geral esta descrição de "preces e orações" oferecida acima, principalmente no sereno testemunho de fé da faixa-título. A calma zen desta composição anuncia o fim de uma jornada de "autodescobrimento" que leva finalmente ao contentamento" e, adequadamente, encerra o disco. Ela se esquiva de conversar a fundo sobre composições individuais, mas descreve o conjunto como um documentário da "transformação da infelicidade em felicidade". "Three Babies" corta o realinhamento espiritual prevalecente com uma sensualidade fincada na terra, enquanto a provocativa "You Caused As Much Sorrow Dead As You Did Alive" confessa algumas sombras mais escuras entre a luz branca das preces e orações.

Há também uma canção chamada "Black Boys On Mopeds", referindo-se à morte de um garoto do bairro de Ladbroke Grove, Nicholas Bramble. "Alguns policiais o acusaram de roubar uma bicicleta que havia emprestado de um amigo, e, na perseguição que se seguiu, o garoto trombou com alguma coisa e morreu. Aí disseram que não estavam nem envolvidos", ela conta. "Eu moro aqui perto e não consigo evitar reparar como os negros são maltratados. E o mesmo na América. Se bem que, na Inglaterra basta você não ser inglês para ser tratado como merda."

O que nos leva, inevitavelmente, a Irlanda do Norte, outro tema espinhoso. Pergunto se ela realmente *apoia* o IRA ou se aquilo era a *letra* Sinead falando?

"Oh Deus! Veja, vamos deixar as coisas bem claras. Alguém me perguntou, nos EUA, se eu conseguia entender a profundidade do sentimento humano que levou dois soldados britânicos a serem arrastados para fora do carro e assassinados por uma multidão republicana. Eu disse que conseguia entender esse sentimento, a raiva e a opressão que provocam acontecimentos desse tipo. Também disse que não era correto, que era horrível mas, obviamente, o que se publicado é que Sinead O'Connor apoia o IRA. Isso precisa ficar bem claro — eu *não* apoio o IRA e acho que explodir um bando de fuzileiros, ou seja lá o que for, é um ato abjeto. Não apoio e nunca apoiei o IRA. Não tenho nenhum respeito por eles no momento.

Não é estritamente verdadeiro. Numa entrevista ao *Melody Maker* (publicada em BIZZ 37), em junho de 88, Sinead afirma o seguinte: "Eu apoio o IRA e Sinn Fein. Não gosto da violência, mas consigo compreendê-la, e necessária apesar de ser terrível". Ela também apareceu numa manifestação contra a presença das tropas inglesas em Dublin, dividindo o palanque com Sinn Fein e Gerry Adams.

"Não. Eu apareci por conta própria, por minha causa, cantando uma canção. Eu sou uma republicana na medida em que acho que o exército e o governo britânico não deveriam estar na Irlanda, por isso esta manifestação me parecia lógica. Mas, para ser totalmente honesta com você, gostaria de não ter participado porque não quero ser rotulada como uma cantora de slogans republicanos. Deixe-me apenas dizer que há coisas horríveis acontecendo todos os dias na Irlanda do Norte — blitz do exército em que crianças são molestadas por recos de 16 anos que entraram para o exército porque não conseguiam nenhum outro emprego e ficam atormentando as famílias católicas, dia após dia.

Eu vi um vídeo em Derry em que 250 soldados cercaram a casa de uma mulher que estava tentando enterrar o marido, só para evitar que a bandeira irlandesa fosse colocada no caixão. A mulher, em frangalhos, implorando que a deixassem em paz, e eles rindo da cara dela, rindo de sua dor, isso não é mostrado no noticiário. Você pode imaginar o que aconteceria se soldados irlandeses fizessem isso com uma família inglesa? Jesus! Dá para imaginar a reação?"

A raiva e a frustração de Sinead com a guerra irlandesa encontraram um foco em um filme recentemente terminado por ela em Derry. Produzido pela Film And Video Collective local *Hush A Bye Baby* foi feito para o Channel Four da TV britânica e traz uma ponta da pop star como amiga de escola de uma adolescente que engravida. Filmada com locações nos estados de Creggan e Bogside, é uma olhadela aspera, evocativa e de baixo orçamento na vida adolescente da classe trabalhadora da Irlanda do Norte.

O filme foi inspirado em parte pela

LAMBADA

DE BRASILEIRO PARA GRINGO NENHUM BOTAR DEFEITO!

BETO BARBOSA
MARCIA FERREIRA
CHICLETE COM BANANA
BETTO DOUGLAS
AVATAR
OLODUM

PARABÉNS PARA BIZZ, CINCO VEZES!

DISCOS Continental

SINÉAD RUIVA ESTREANDO COMO ATRIZ

morte de Anne Lovett, uma jovem irlandesa encontrada, com seu bebê morto numa gruta-santuário à Nossa Senhora em County Longford. (O incidente e as questões que ele levanta sobre opressão religiosa e hipocrisia católica na Irlanda inspiraram também uma canção em parceria entre Sinéad e Christy Moore, 'Middle Of The Island', que apareceu no LP desta última.) O filme, assim como as novas canções, fala por si mesmo e ela relutou em se estender sobre as possibilidades abertas por sua estréia na tela.

"Foi ótimo, mas minhas negociações posteriores com pessoas da indústria cinematográfica me fizeram pensar duas vezes antes de atuar num filme. Fiz recentemente um teste para um grande filme — não vou dizer qual porque ainda estou me recuperando da rejeição. Mas nem preciso dizer que esta experiência me deu um belo chute no traseiro no que se refere a uma possível carreira cinematográfica.

O filme inteiro também é a primeira chance para muitos de nós podermos ver como Sinéad O'Connor fica com cabelo. "Oh merda. Meu corte de cabelo também se tornou uma grande distração. Você sabia que o pessoal da gravadora americana apareceu todo com perucas carecas na revista *Billboard* quando o disco começou a estourar? Fazem papel de idiotas e depois ficam se perguntando por que odeio tratar com eles. Mas eu tive minha vingança. Um cara disse que viraria *skinhead* se meu disco vendesse mais de 25 mil cópias. Quando chegou a cem mil, compareci à gravadora e raspei cerimonialmente sua cabeça.

Assim ela caminha, da angústia à raiva, da aceitação ao absurdo. O estranho mundo de uma pop star contemporânea com os pés em terra firme e a cabeça nas nuvens paradisíacas do júbilo espiritual. No final da entrevista, ela pega um cigarro com a testa franzida pela culpa que se tranquiliza com o estranho racionalismo que embala a essência de Sinéad O'Connor: "Me sinto mal sobre meus eventuais cigarros mas meus professores dizem que tudo bem, pois não devemos tentar viver no céu, e sim sempre na terra, no mundo real. Isso não me impede, porém, de me sentir mal. Veja, eu quero muito ser uma *boa* pessoa. Atualmente me sinto como se valesse alguma coisa. Mas, em última instância, quero ser a criatura *mais pura* do mundo inteiro.

Ela ri. Mas tanto eu como ela sabemos que esta falando sério.

SEAN O'HAGAN

PROGRESSIVE ROCK
Rock'n' Roll - The First Option
Importados e Nacionais
Videos, Lps, Camisetas, Patches, Posters
Compra, venda, troca e consignação de discos
Raros e fora de catálogo
• Gnidrolog • Budgie • Eloy • Clearlight • Lamel • Dust • Latte E Miele • Van der Graaf • O.V.L. • Acqua Fragile • Reale Accademia di Musica • Passe de Balocchi • Ibis • Anyone's Daughter • Wallenstein • Aquarius • Pall Mall • Grobschnitt • Jane • Nektar • Omega • Novalis • Jonathan • Necronaum • Frouzis • Pekka Pohjola • Satin Whale • Agitation Free • Mythos • Parzival • Curved Air • Greenslade • Hawkwind • Wolf • Marillion • I.J. • Machiavel • Finch • Mike Oldfield • Hoelderlin • Maneige • Asia Minor • Mona Lisa • Wapassou • Firebirket • Frank Zappa • Gentle Giant • Cactus • Jefferson Airplane • Gary Moore • Ten Years After • Grateful Dead • Yardbirds • Biglietto per L'inferno • Chicken Shack e outros
MUSEO ROSENBACH · AREA · P.F.M.
SOLARIS · ATOLL · AMEBOPHIS
ELOY · LOCANDA DELLE FATE · R.D.M.
L'UOMO DI COLOMBO · SENSITIVE · THE TRIP
Distribuidor autorizado de camisetas e patches by HIPGNOSIS Tudo pela rock
Rua Arthur de Azevedo, 760 - Pinheiros
São Paulo - SP - CEP 05404
Tel. (011) 881-8943
De 2ª a sábado, das 11 às 19:30 horas

Dois meses antes da BIZZ chegar às bancas, a Redação desliga os telefones e senta-se à távola redonda para sua famosa "reunião de pauta". Auxiliados por muitas sugestões de colaboradores e leitores, tentamos chegar a um consenso sobre o melhor recheio possível para o número de páginas estabelecido. Aí então começa a correria para entrevistar, pesquisar, fotografar, redigir, editar, diagramar etc etc.

A reunião de pauta para esta edição foi uma das mais intensas e divertidas dos cinco anos que estamos comemorando. Só no final, porem, percebemos que não havíamos pautado uma matéria sequer com bandas ou cantores nacionais. A consciência começou a pesar, até percebermos que a culpa não era exclusivamente nossa. O pop/rock brasileiro atravessa uma séria estagnação. Separe do baralho cartas marcadas como o triunvirato Legião-Titãs-Paralamas (todos cobertos em edições recentes) e verás que sobra uma ... clara evidência de falta de renovação. A "geração 80" parece ter cumprido seu papel e, nos últimos dois anos, apenas três grupos conseguiram cruzar o turbulento rio que separa aspirantes da grande mídia radiofônica e televisiva.

Aviso importante: tirando o fato de Inimigos do Rei e Uns e Outros serem cariocas e pertencerem à mesma gravadora, essas bandas nada têm em comum. Mas será que elas representam *renovação* ou .. **(a)** Inimigos do Rei estariam mais para um novo Espírito da Coisa, se é que você se lembra do hit "Ligeiramente Grávida"? **(b)** Uns e Outros se limitariam a reciclar clichés pós-punk, com um vocalista dado a repetir melismas e divisões da escola Morrissey/Renato Russo? **(c)** Nenhum de Nós pareceriam condenados a serem lembrados como "a banda de 'Camila' " que, incapaz de um novo hit, abregalhou um clássico de David Bowie?

Perguntas, perguntas, perguntas... Fomos buscar as respostas não só junto às bandas, como entre os que foram impulsionados ao sucesso de uma hora para outra e viveram a ascensão e queda da geração que disseminou o rock no país, surfou uma onda chamada Plano Cruzado e agora encara uma tremenda ressaca. Leia, tire suas próprias conclusões e escreva para a gente dizendo qual a banda surgida nos últimos dois anos que, para você, pode de fato representar uma nova geração e — obviamente — facilitar nossas próximas reuniões de pauta.

ENTREVISTÃO ESPECIAL

UNS E OUTROS
••
NENHUM DE NÓS
••
INIMIGOS DO REI

Formação Marcelo Hayena, vocal; Nilo Nunes, guitarra; João Carlos Silva Galvão (Cao), baixo; Ronaldo de Souza, bateria. **Discografia** *Nos Normais* (PolyGram, 87, dezoito mil copias vendidas); *Uns E Outros* (CBS, 89, sessenta mil copias). O terceiro LP do grupo deve ser lançado este mês. **Perfil Marcelo** tem 25 anos, é casado e pai de Ian, com cinco meses. Gosta de Camus e Dostoievski. Não tem "saco" para cinema, prefere mergulhar. Começou ouvindo Elvis; hoje, prefere R.E.M., New Model Army e Echo And The Bunnymen. Cita *Mudança De Comportamento*, do Ira!, como seu disco favorito no rock nacional. **Cao** tem 26 anos, é casado e pai de Branda, com dois anos. Gosta da revista *Mad* e de literatura kardecista. Ouve Rush, Van Halen, Dregga. Melhores discos nacionais: *O Passo Do Lui*, dos Paralamas, *A Revolta Dos Dândis*, dos Engenheiros do Hawaii e "o primeiro do Ultraje". **Nilo Nunes**, 25, gosta de Deep Purple, Led Zeppelin, Steve Vai e Joe Satriani. Rock nacional: Casa Das Máquinas, o LP de estréia do Harva Doca e um disco da fase progressiva dos Mutantes, *Tudo Foi Feito Pelo Sol*. **Ronaldo**, 25, casado, é tá de futebol e ouve Rush e Nazareth. O grupo foi eleito pelos leitores como revelação de 89, *no Prêmio BIZZ Melhores do Ano*

CBS

UNS E OUTROS

Quando vocês começaram a tocar? Como se encontraram?

(MARCELO) Eu trabalhava numa banda com varias pessoas, gente de teatro, enfim, entrava quem quisesse. Em 83, teve um rocha e levei alguns musicos comigo. Tinha gaita, era meio country. A gente levava na brincadeira, fazia shows com qualquer nome. Em 84 eu precisava de um baixista. O Cao entrou na banda, e resolvemos fazer mais musicas nossas. Antes, so metade do repertorio era nosso.

Isso tudo aconteceu paralelamente a uma banda que eu tinha com o nosso baterista atual, o Ronaldo (*que não compareceu a entrevista*). Éramos da Vila da Penha e tocavamos em festinhas. Num determinado momento, as duas bandas se encontraram.

Como vocês foram parar na coletânea *Banda Contrabanda* (um pau-de-sebo lançado pela PolyGram em 86)?

Moramos num lugar meio afastado (*a Ilha do Governador*) e tudo que acontece no suburbio fica esquecido. Eramos meio marginalizados por isso. Mesmo assim, já estávamos tocando em algumas danceterias.

Ai resolvemos entrar num concurso promovido pela danceteria Metropolis, chamado Banda Contrabanda.

Não tinhamos nem fita demo. Era uma fita gravada no nosso estudio caseiro, com um gravador pendurado no teto. Ate hoje e assim. Ainda tinha isso para piorar, sempre fomos duros. Não adiantava ir para a Zona Sul, porque havia um preconceito brabo. Acabamos tirando o segundo lugar no concurso. A PolyGram lançou um disco com as doze bandas finalistas. Sabiamos que não ia dar em nada, mas a musica "Dois Gumes" estourou em Porto Alegre e aqui no Rio tocou em algumas radios. Ai, a gravadora resolveu lançar um LP em 87 e depois abortou a gente.

Como foi a gravação deste primeiro disco?

Não ficamos satisfeitos. Foi a estreia do Memê (*o Du Marcelo Mansur*), que so tinha produzido um disco antes, e de funk. Foi uma imposição da gravadora.

A má-fe da gravadora já veio da...

O Memê não teve culpa. O problema é que ele entrou no estudio como a gente, cru. Para piorar pegaram os tecnicos acostumados a gravar com Bethânia, Chico, Caetano. Era calcol pegarem o espanto do nosso trabalho.

Outro dia, fui ao estudio da PolyGram ver a gravação da demo da Plebe Rude e encontrei o mesmo cara que ficava abrindo portão, na época que gravamos, como auxiliar de estudio.

E o tempo de gravação?

Foi muito curto. Numa das musicas, eu tive sete minutos para gravar todos os vocais. Mas nos sempre gravamos muito rapido. Já entramos com o repertorio pronto.

A gravadora não chegou a trabalhar o disco?

Não fizeram praticamente nada. Nem mandar para os jornais, para alguem meter o malho.

Como foi a rescisão de contrato e a transferência para a CBS?

Nao estavamos aguentando mais. No dia em que fomos na PolyGram pedir a rescisão, eles falaram "tudo bem". Não chegamos a ficar nem um ano lá. Então, resolvemos não procurar mais gravadora nenhuma e começamos a fazer musicas. Estavamos nos lixando para tudo. Começamos a compor trancados, sem mostrar para ninguem. Queriamos agredir. Voltamos a escutar Led Zeppelin, Deep Purple, Rush. Passamos a colocar nas musicas todos os nossos problemas. Os colegas achavam as letras muito pesadas, mas é que a gente resolveu assumir o papel da mao que soca o estomago e faz o cara vomitar. Talvez vomitando ele tenha uma reação.

Como são feitas as letras?

Eu escrevo com o Cao.

E um parto. Ate por causa de titulo a gente briga.

E as musicas vão chegando...

Não tem nada preparado. No estudio, eu já troquei vários pedaços de letra, já trocamos arranjos inteiros.

O nosso estudio fica na minha casa, e o som nao é grande coisa. Para compor, isso ajuda: para uma musica ficar boa com um equipamento ruim, tem de ser realmente boa.

Continuamos ensaiando com o mesmo equipamento do começo. Para shows, alugamos tudo.

Vocês estão acabando o terceiro disco. O que mudou do segundo para este?

As letras não estão tão agressivas. A nossa cabeça mudou com tudo que aconteceu. Vendemos sessenta mil discos, foi legal. Este terceiro LP esta mais "civil", uma coisa que eu nunca pensei que iamos fazer, porque a gente

> **"O que a gente faz no banheiro, a Legião faz no palco... O disco deles não tem uma letra boa"**

PORTÁTEIS SONY

ENTRE UNS E OUTROS, FIQUE COM A LINHA DE RÁDIO GRAVADORES SONY.

SONY

não faia de poiuca. Nós podemos falar das coisas que afligem a maioria das pessoas porque somos fodidos, vemos da classe media baixa. Não sou filho de embaixador nem passei a vida meditando sobre livros. Inclusive essa entrevista esta sendo boa porque muita gente pensava, inclusive a propria revista BIZZ, que a gente era armação da gravadora. E nos ficamos putos com isso, nao vou te enganar.

Todo artista é passivel de critica. Mas tem critico que parece que pegou um livro de piadas para falar mal da banda.

O Mauricio Kubrusly fez uma critica em que ele pegou a musica "O Aborto" como bandeira, considerou um absurdo.

E ainda chamou a gente de feio!

Talvez porque a gente nao seja o tipo de homem que ele gosta. Chamou a musica de reacionaria, por que nao era a favor do aborto.

Com a cultura que ele tem, chamar um feto de coisa...

E um cara da Bahia o Hagamenon Brito, que se nao me engano é colaborador da BIZZ (*é*), copiou a critica do Kubrusly. As fizemos um show na Bahia, eu soube que ele estava lá e falei em publico: "Oh Hagamenon, se você quiser malhar a gente, faça isso com suas próprias palavras. Você esta sendo porco!"

Samplear critica já é sacanagem!

Se não gostou, mete o malho, a gente caga e anda para isso. Mas faz com dignidade. E não é só critico nao, mas até pessoas do meio, que nao sabem o que falam.

Por exemplo, aqueles que vivem de propaganda. No caso do Renato Russo, o cara chega sem mais nem menos e vive colocando notinhas na BIZZ, metendo o pau no fulano, no sicrano. Pô, o cara não faz show, nao aparece...

E demora quatro anos para fazer um disco e faz aquela merda. Disseram para a gente que um critico de São Paulo falou que nos pegamos as letras no lixo da casa do Renato Russo. Tenho um recado para essa pessoa: se a gente pegava as letras no lixo do Renato, acho que essa fonte secou, porque as letras que não prestavam ele colocou nesse ultimo disco. O que a gente faz no banheiro, a Legião faz no palco. E o tempo vai mostrar isso! Eu não ouvi esse ultimo disco da Legião, mas pelo que ouvi no radio... acho que uma banda que lança um LP desses nao tem muito o que falar dos outros.

O que aconteceu foi uma inocencia nossa. Para a gravação do primeiro disco, nos queriamos uma pessoa que tivesse vivencia de rock. Eu liguei para o Renato e pedi para ele produzir o disco. Disse que nem precisava usar o nome dele, se fosse o caso. Ele achou que queriamos usar o nome dele para vender discos e disse uma serie de barbaridades... Depois se desculpou por ter me ofendido. E não tentamos falar so com o Renato. O Herbert Vianna estava ocupado. Ele até me perguntou se queriamos tentar com um outro dos Paralamas. Mas não estavamos atras de um nome, e sim de alguem que puxasse pelo nosso som.

Quanto à voz, houve muitos comentarios no Rio e em São Paulo de que minha voz era parecida com a do Renato Russo. Engraçado que voce pega criticas do resto do Brasil e vem coisas do tipo: a voz é parecida com a do Amaldo Antunes", "com a do Belchior...

DRENA CALABRIA

NENHUM DE NÓS

Cristina Granato

Como surgiu o grupo?

T Os tres eramos amigos ha muito tempo. Desde o colegial trocávamos discos, chegamos ate a montar um grupo meio folk, mas nunca saimos dos ensaios no quarto. Ai, o Carlao comprou uma guitarra e montou uma banda, mas os outros dois caras se tornaram tao insuportaveis que ele foi embora.

Que banda era essa?

Os Engenheiros do Hawaii. Eu só toquei nos primeiros dois shows. Acabei saindo porque nao tinha dinheiro para ficar em Porto Alegre nas ferias — minha familia estava na praia —, e eles continuaram a banda sem mim.

Ai eu falei que, se o que faltava nos Engenheiros era amizade, nos tres deviamos montar uma banda nossa. A gente nao tinha baixo nem bateria, e foi improvisando com um surdo de escola de samba, uma caixa emprestada e um violao convertido. A gente ensaiava na garagem da minha namorada

Entao era aquela velha historia, os vizinhos jogando pedra e a gente tocando Clash e rockabilly, que era o que as nossas limitaçoes permitiam

E quanto tempo durou isso até vocês conseguirem gravar o primeiro disco?

Um ano. Nos trabalhavamos em outras coisas para comprar os instrumentos, mas considerávamos a banda como nosso trabalho de verdade. Alias, a gente so conseguiu comprar uma bateria de verdade muito tempo depois, um pouco antes de lançar o segundo disco. Mas voltando ao inicio, naquela época, a gente ensaiava todos os dias. Depois de seis meses a gente saiu da garagem e foi ensaiar num bar, o Bangalo.

Era otimo, a gente nao pagava aluguel e podia deixar os instrumentos la. Acabamos estreando nesse mesmo bar. Ai caimos no palco, em shows totalmente sem produçao. Esse primeiro show foi em outubro de 86. Em maio de 87 fomos chamados para gravar pelo selo Plug, da RCA, que estava começando.

Vocês imaginavam que seria tao rapido?

A gente pensou que levaria anos

Todo mundo ficou achando que a gente era armação da gravadora. Não éramos conhecidos nem no Rio Grande. A gente sofre ate hoje por isso, a imprensa regional faz olho branco para nos. Quando ganhamos o disco de ouro, a gravadora teve de pagar para sair no jornal.

A que vocês atribuem essa contratacao?

Ao nosso empresario, o Antonio Meira, que pegou uma fita com umas musicas gravadas em estudio e outras no bar Ocidente — foi a primeira vez que tocamos "Camila" — e levou para o Tadeu Valerio (olheiro da RCA). O Tadeu ligou às tres da madrugada e disse para nao levarmos a fita a lugar nenhum, que a banda ia gravar com a RCA. Resultado: fomos gravar o disco em junho, com apenas seis shows nas costas

Vocês acham satisfatório o contrato feito na epoca?

Nos éramos muito inexperientes. Era o contrato padrao... No contrato de edicão, por exemplo, cedemos irrevogavelmente os direitos de varias musicas, entre elas "Camila

E depois do sucesso de "Camila" o contrato melhorou?

Ai foi uma coisa engraçada. Nosso contrato valia por um ano e tinha vencido. Se eles quisessem, podiam renovar automaticamente por mais tres anos, mas eles fizeram uma rescisão de contrato e renovaram so por mais um ano.

E depois do *Cardume*, propuseram mais uma vez o mesmo contrato?

Astronauta De Marmore estourou, o tempo foi passando, e so entao eles se deram conta de que o nosso contrato tinha vencido.

Nos estavamos com dezenas de mil copias vendidas e sem gravadora! Foi uma situaçao muito desconfortável para a BMG

Eles mandaram cartas para outras gravadoras, mentindo que nos ja éramos contratados deles. Foi uma coisa absolutamente irregular

Por que entao vocês renovaram com a BMG?

A BMG tem seus defeitos, mas todas as gravadoras tem. E os divulgadores já sabiam vender a gente. Só que dessa vez fizemos o contrato atraves de um advogado, com mais exigencias. Mas deviamos ter exigido ainda mais.

PORTÁTEIS SONY

O SOM QUE NENHUM DE NÓS DEVE DEIXAR DE OUVIR.

SONY

Geralmente, as bandas novas tem de arcar com muita pressao das gravadoras. Como foram as condicoes de gravaçao e produçao dos dois discos?

Foi liberaçao geral. Eles indicaram o produtor, mas tudo bem — o Reinaldo Barriga se tornou quase um quarto integrante da banda. Ele já produziu todos os grupos do Rio Grande: TNT, De Falla, Garotos de Rua, Replicantes e Engenheiros. Fez tambem o Violeta de Outono

E depois? Os discos foram bem divulgados?

Nenhum dos dois. Foram simplesmente atirados no mercado

Fizeram isso com todas as bandas do selo Plug. As que se deram bem continuaram na BMG

Mesmo depois de "Camila" isso continuou. E *Cardume* só teve divulgaçao depois que "Astronauta De Marmore" estourou. O engraçado e que "Astronauta" nem fazia parte da

> Do pouco que ouvi, não achei nada de excepcional. Mas ninguém é obrigado a fazer um primeiro disco genial. Não seria elegante da minha parte julgar, é melhor esperar para ver o que essas três bandas querem dizer.
> A renovação vai acontecer, fatalmente. O mercado abre e fecha, nao vai ficar assim para sempre. Agora está tudo parado, mas as radios nao têm muita coisa para tocar, o mercado esta carente. No ano passado, estouraram as bandas que estavam ai. Foram essas três bandas, era o que havia para tocar dentro das gravadoras. De repente, se tivessem lançado um pau-de-sebo, vai saber o que teria tocado... Hoje preferem investir num produto mais bem-cuidado, as pressões sao maiores porque a oferta de bandas e maior que a necessidade das gravadoras. Os Inimigos, por exemplo. Não sei se era isso que eles queriam fazer, se não houve pressao por parte da gravadora. Não vou pre-julgar o grupo.
>
> **Luis Schiavon**

> Para ser franco, não me empolgo muito com esses três grupos. Acho que os Inimigos tem um trabalho interessante porque no fundo nao sao um grupo de rock, sao um grupo vocal. Acho os talentosos e tenho medo de serem manipulados pelo aspecto humoristico que eu sei que nao e necessariamente o forte deles. Estive conversando com alguns deles e senti um ressentimento muito grande por serem rotulados pela gravadora e pelo publico e não terem condicoes de divulgar seu trabalho, que e muito mais amplo. Eu vi acontecer comigo e com n conjuntos brasileiros que fizeram um pouco de sucesso e ficaram marcados por uma musica ou por um estilo musical e nao tiveram oportunidade de crescimento. O Nenhum de Nos, francamente, acho um certo equivoco. Não quero ficar criando rixas dentro de uma coisa que já é tão dificil de unir, mas pessoalmente nao tenho o menor apego a eles. Tem de aprender a tocar, a cantar, a fazer uma porção de coisas antes. Fazem sucesso e pronto, mas não sao um grupo tao importante assim. Gosto dos Uns e Outros, mas acho os muito clonificados. ... The Cure e não sei mais o que ... eu tambem sei fazer isso. Falta um pouco de originalidade. Temos de buscar isso e não ficar vendo ... estrangeira e imitando os passos do Bono. Ainda sao muito derivativos, mas tem futuro se batalharem e descobrirem um estilo.
>
> **Ritchie**

Formação Thedy Correa, vocal e baixo, Carlos Stein, guitarra, Sady Homrich, bateria.
Discografia *Nenhum De Nos* (87, BMG-Ariola, sessenta mil cópias vendidas).
Cardume (88, BMG-Ariola, 210 mil copias).
O terceiro disco está programado para setembro.
Perfil O Nenhum de Nós foi formado em Porto Alegre, em 86, por três amigos de infância. Gravou seu LP de estreia seis meses após fazer seu primeiro show. O disco não foi bem promovido, mas acabou dando certo, puxado pelo hit "Camila, Camila", que acabou recebendo uma versao em espanhol e fazendo sucesso nos paises do Cone Sul. *Cardume* ampliou o status do grupo, apos o estouro de "Astronauta De Marmore", versao para "Starman", de David Bowie — uma ousadia pela qual a banda foi crucificada pela critica. Nas letras, Thedy cita como influencias Albert Camus, Jorge Luis Borges, Oscar Wilde, surrealismo, Mario de Andrade, Smiths e histórias em quadrinhos. Musicalmente, as preferências do grupo são Bowie, Prince, Rush, Bauhaus, R.E.M. e Bruce Springsteen. Entre os nacionais, Paralamas do Sucesso e Replicantes. De inesperado, o gosto por musica clássica, tangos e canções gauchescas. Os três são fanaticos por Batman e pela série *Viagem Ao Fundo Do Mar*. **Thedy**, 25, estuda engenharia, **Carlos**, 25, faz arquitetura, e **Sady**, 26, se forma esse ano em engenharia quimica.

"Só conheço essas bandas através das rádios e, particularmente, acho que não são uma nova geração. Os primeiros trabalhos são sempre fracos. Mas não acho que a renovação esteja na ponta, ela não vem através de quem toca muito no rádio está escondida. Mas acho bom essas bandas terem entrado é sinal de que elas tinham algo a dizer"

Nando (Titãs)

"Uns e Outros é um clone da Legião. Inimigos do Rei, um clone engraçadinho dos Titãs. Nenhum de Nós não é clone de ninguém, é uma banda da mesma safra dos Engenheiros, mais pop e honesta"

Kid Vinil

"Não os vejo como uma nova geração. São os últimos da mesma geração. Existem as bandas novíssimas, como o Sexo Explícito. Agora, o fato dessas bandas terem estourado é uma prova de que o espaço continua aberto. Não como em 85, 86. Mas o gênero continua nas paradas, na mídia"

Paulo Ricardo

"Falar em nova geração é exagero. As pessoas têm a mesma idade e esse bolo todo teve a mesma informação musical. Eu estou esperando uma nova geração que radicalize ou no texto ou no uso instrumental. Mas hoje não há espaço para radicalização. O mercado está cada vez mais fechado e estagnado. É preciso que apareçam bandas novas para que não haja uma regressão.

Não foi difícil para essas bandas tocar no rádio. O próprio rádio dá sinais do que quer. Não foram as gravadoras que apostaram, elas gravaram e abriram. Nenhum de Nós não teve apoio da gravadora — acho que a música do Bowie ajudou. Quanto ao Uns e Outros, não tem nada a ver dizer que uma banda imita a Legião Urbana. A Legião não é matéria-prima a ser imitada. Digam então que imita os Smiths. Vamos à origem, a banda teve as mesmas influências que a Legião. Mas isso não é uma coisa só da crítica. Quando a gravadora pega o disco de uma banda nova, a primeira pergunta é: 'É parecido com o quê?' Incentivam isso. Nós, no começo, éramos os 'Paralamas do Sul'. Mas é preciso que haja tempo para essas bandas amadurecerem, criarem identidade. A nossa geração só está criando sua identidade agora"

Humberto Gessinger

relação de cinco músicas que eles decidiram que iam trabalhar.

E vocês? Previam que "Astronauta De Mármore" podia ser um sucesso?

THEDY De jeito nenhum!

CARLOS Essa música nem ia ser gravada. A gente estava tendo problema com a música no estúdio, aí resolvemos gravar "Starman" em inglês, só para nós. Nós tínhamos preconceito com versões, nunca fica legal. Aí tomamos isso como um desafio. Fizemos uma letra com referências a várias músicas do Bowie. A gente sempre foi lá dele e acabou levando uma música do Bowie para todo o Brasil! Pode ter certeza, o dia que ele tocar aqui vai ser obrigado a tocar "Starman".

E com "Camila"? Também foi ao acaso?

THEDY Nós nunca fizemos uma música pensando que ela ia fazer sucesso. Hoje não, já pensamos no que toca no rádio como um referencial.

MELO Temos uma posição de fazer uma música que vá ter uma resposta comercial, pois só assim nossa mensagem chega a um grande número de pessoas levando uma informação nova.

A banda foi formada durante o período do *boom* do rock, em 86. Depois houve uma queda nas vendagens, as bandas emergentes acabaram virando instituições. Com recessão e tudo, como vocês vêem a situação do rock no Brasil hoje?

MELO Acho que tem uma perspectiva boa para as bandas novas. A gente respeita Paralamas, Titãs e tal, mas eles não têm mais nada para mostrar. Acho que vai haver uma estratificação do mercado de rock. O hard rock está chegando à mídia, os estilos estão se diversificando.

Vocês vêem alguma ligação entre o trabalho de vocês e os dessa geração do *boom*?

THEDY Não, a maior influência em termos de música nacional foi da MPB. Na postura — não no comportamento — tivemos uma influência grande dos Replicantes.

MELO E nos temos gostos e influências radicalmente diferentes. Uma das poucas unanimidades é o Luis Carlos Borges, um músico gauchesco. Nós buscamos uma identidade de banda gaúcha. Já usamos alguma coisa de gaita em *Cardume*.

E quanto ao rock internacional?

MELO Eu tenho ouvido os Smiths, pela guitarra do Johnny Marr, o R.E.M., o próprio Bowie e o Billy Bragg, que nos influenciou bastante.

BLEY Já o Sady gosta de Rush, Bill Bruford, Genesis. Gosta também de samba, já foi puxador de escola. O Sady é o mais progressivo da banda, musicalmente. No comportamento é o mais regressivo, suas leituras pretendas são o *Planeta Diário* e a *Casseta*.

CARLOS Eu ando lendo a edição encadernada do *Watchmen*.

THEDY Eu sou fanático por quadrinhos, mas ando lendo bastante poesia. Maiakovsky, Cummings. Em música eu tenho escutado Pogues e Stone Roses. Como cantor tem uns básicos na minha formação, Iggy Pop, Bowie, Jim Morrison e Bruce Springsteen.

Última pergunta: como o sucesso mudou a vida de vocês?

BLEY Nisso a gente é bem diferente. O Carlão é caseiro, o Sady é o que mais gosta de gandaia. Eu também gosto, mas não como o Sady. Beber é mais para depois dos shows, e junto com a equipe técnica, que é como uma família. Mas nas turnês, é muita gandaia e bacana.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

"A BMG simplesmente atirou os discos do selo Plug no mercado. Quem sobreviveu, continuou na gravadora"

INIMIGOS DO REI

Ilustração: Kleber Azzy

Formação Paulinho Moska (22 anos), Luiz Guilherme (34) e Luiz Nicolau (25), vocais, Marcus Lyrio (26), guitarra; Lourival Franco (24), tecladista; Marcelo Marques (28), baixo; e Marcelo Cretier (25), bateria.
Discografia *Inimigos Do Rei*, 89, 150 mil cópias vendidas. O grupo lança seu segundo disco, *Amantes Da Rainha*, até o início de agosto. O LP é produzido por Luiz Carlos Maluly (RPM, Capital).
Perfil Os Inimigos do Rei são a banda mais detestada pela crítica musical brasileira no momento. São acusados de fazer um "pop besteirol", infantilizando elementos usados antes pela Blitz e por Fausto Fawcett. O público, no entanto, ama os Inimigos — desde o infantil, que adotou o grupo como seu preferido, até o mais roqueiro — como prova o *Prêmio BIZZ Melhores do Ano* em que os Inimigos ficaram em segundo lugar na categoria "Revelação do Ano".

Como foi a transição do trio vocal saído do Garganta Profunda para o status de banda nova que mais vendeu em 1989?

GUILHERME Depois que nós saímos do Garganta, passamos dois anos nos apresentando como trio em bares. Eram barzinhos pequenos do Rio, tipo o Piteu, em que a gente pode desenvolver nosso lado mais teatral.

PAULINHO Porque somos atores formados, nos conhecemos estudando teatro no Centro de Artes de Laranjeiras.

GUILHERME Esses shows eram superalternativos. Foi onde compusemos a maior parte do repertório do primeiro disco — nossa primeira música foi "Mamãe Viajandona". Na época, era *cult* ver o Inimigos. A crítica teria adorado se tivesse ido ver.

E como vocês acabaram sendo contratados pela CBS?

LIP Nossa primeira demo foi gravada num estúdio na casa do Sérgio Dias, que foi ver um show nosso e gostou. Mas todas as gravadoras ouviam e não achavam legal.

Nessa época, os músicos já tinham entrado na banda.

MARCUS É. Eu e o Marcelo, o baterista, éramos amigos há muito tempo e acompanhávamos o Garganta. Depois chamamos o baixista e o tecladista, que eu já conhecia das bandinhas de colégio.

PAULINHO Voltando às gravadoras, O Miguel Plopschi da BMG não curtiu e não deu motivo. O Midani foi assistir a um show e falou que não tinha maturidade. Tentamos levar na Warner, mas tudo ficou no papo. Dois anos nessa e quando a gente achava que não tinha mais jeito, apareceu nosso atual empresário com o contato da CBS. Ele disse que interessaria ter um grupo assim, para começar a mudar a cara da CBS.

PORTÁTEIS SONY
OS MELHORES AMIGOS DOS INIMIGOS DO REI.
SONY

Lançaram vocês num "pacote" de bandas novas com o Uns e Outros e o Rosa Purpura. Três bandas cariocas de quem ninguém nunca ouviu falar... ficou com a maior cara de armação.

LIP NO A CBS queimou a gente. Não na produção, mas no lançamento. Nos expusemos demais, tocamos demais na televisão, fazíamos playback em todo lugar, shows...

Quantos shows vocês fizeram desde o lançamento do disco?

PAULINHO Eu conto. Foram 87 shows, dez ou onze participações em shows com mais gente e milhões de playbacks.

GUILHERME Eu gosto de fazer playback em subúrbio. É a única forma de diversão da galera pobre da zona norte. Só a presença física dos artistas já faz a galera delirar, eles consomem todo mundo com o mesmo prazer, seja Legião ou Angélica.

Esses playbacks pagam bem?

GUILHERME Dá para salvar a semana.

O Inimigos nasceu para quê? Qual é o ideal pop de vocês?

GUILHERME Madonna, Michael Jackson.

LIP NO Na verdade nós não sabemos onde queremos chegar. É isso que torna a coisa interessante.

A ultima renovação veio através das bandas capitaneadas pelo Renato Russo — as bandas de Brasília, digamos assim. Capitaneadas porque ele é o mais importante daquele pequeno movimento. Os Inimigos têm um otimo som, gosto muito da banda em si, mas as letras são muito enpolivas, escatológicas e até digamos assim, sem muita importância. Fica enpolivo, da segunda vez já tem um cheiro ruim no ar. Uns e Outros têm pouco chão de estrada, mas podem crescer, vamos ver. Agora o Nenhum de Nós é relativamente bom, não tanto quanto os Inimigos como banda, mas as letras são pretensiosas, não pegam porque são como se fossem os Beatles, sem ser os Beatles, claro — no sentido em que as letras filosofam sem fundo de verdade. Acho que a nova geração ainda é o Renato Russo. Acho que vem ai uma geração muito diferente dessas três bandas citadas. Uma geração mais consciente, os filhos de Prince, digamos, daquele rock mais espiritual, mais evoluido mesmo. Mas essa geração ainda não fez sucesso. A gente sente em alguns conjuntos advindos de alguns punks, outras pessoas que evoluiram em São Paulo, pequenos grupos que mostram um trabalho de vez em quando, mas você não sabe nem o nome.

Eduardo Dusek

Que coincidência! Eu sabia que você ia citar esses três grupos. Considera-los a nova vertente do rock nacional é uma bobeira porque foram os unicos grupos que deram certo na peneira que as gravadoras fizeram. Não são representativos do que é o rock hoje em dia e sim artistas que deram certo a nivel de publico. O publico gosta desse tipo de musica. Não considerania nenhum dos três exatamente um grupo de rock, talvez só os Uns e Outros. Os Inimigos nem se propoem a isso. Não seriam a nova geração, e sim ainda reflexos do que já aconteceu.

Frejat (Barão Vermelho)

Você esta querendo que eu faça comentarios sérios sobre uma piada. Esses meninos estão brincando de serem artistas! Voce sabe que todos os musicos leem a BIZZ, então quando querem fazer picuinha e so falar mal um do outro na revista. Eu quero dar um recado a eles: eu os amo todos. Espero que continuem fazendo sempre o dever de casa, capinchando na cópia, no recreio. Assim, quando acabar o ano, a tia dá bombom para todos.

Marcelo Nova

"'Barata' é tão importante quanto 'Pais E Filhos'. Se o Renato ler e achar que eu sou um merda, merda é ele"

É, mas vocês estão entrando hoje em estudio para gravar o segundo disco. Vocês devem ter alguma ideia do que querem fazer.

GUILHERME Temos, claro. Já chegamos no estudio com todas as musicas arranjadas, prontas. Esse disco tem mais participação da banda, o primeiro foi quase todo composto pelo Guilherme e o Paulinho.

PAULINHO Esse disco tem dois objetivos: manter o publico que a gente já tem e expandir ainda mais, passar a atingir o publico de pop brasileiro mesmo, tipo Paralamas, Titãs.

PORTÁTEIS SONY
A MELHOR MANEIRA DE OUVIR A NOVA GERAÇÃO DO ROCK BRASILEIRO.
SONY

GUILHERME Não somos uma "banda engraçada". Somos engraçados *também*. A gravadora, sem querer culpar a gravadora.

PAULINHO ... que também é meio vitima do mercado.

GUILHERME ... nos utilizou mal, mercadologicamente, como se fôssemos so uma banda de humor.

PAULINHO Para eles estava ótimo, estava vendendo por esse lado do humor.

GUILHERME Esqueceram do outro lado, mais sério, de musicas como "Crime" e "Garotinha Do Front".

Não foram só as musicas que eles trabalharam, mas a maneira como eles fizeram isso.

EDUAU E você tem razão. O marketing do primeiro disco foi indiscriminado. Esse segundo não, vamos estudar melhor a coisa.

PAULINHO Também tem o seguinte: é porque é o Inimigos. Uma pesquisa essa semana (*ultima de maio*) disse que cada radio do Rio toca em media uma hora de Legião por semana, o que é um acinte. Mas como é a Legião, ninguem mete o pau. Se fosse uma hora de Inimigos...

Como é que vocês vêem essa geração do rock anterior a vocês — Legião, Paralamas e tal?

GUILHERME O pop brasileiro já avançou muito. As bandas criaram personalidades proprias. Eu, por exemplo, tenho referencias em Titãs, Paralamas — acho que até o Inimigos do Rei já esta criando um estilo.

PAULINHO O Inimigos é uma quantidade de informaçoes, e essa é a cultura dos 90. A "Barata" tem a mesma importancia que "Pais E Filhos", da Legião. Se o Renato ouvir isso e achar que eu sou um merda e que nossa musica é pior que a dele, ele é que é um merda. "Pais E Filhos" não diz nada a mais do que já foi dito e não vai mudar a vida das pessoas. Hoje em dia ninguem vai mudar nada com o que diz, essa coisa ridicula de achar que letra de musica tem de ter uma bandeira. O Renato não tinha o direito de atacar a gente pelo jornal, como ele fez. Admiro ele como cantor mas o cara acha que pode dizer o que as pessoas devem ou não ouvir.

GUILHERME E já dançamos muito "Geração Coca-Cola".

PAULINHO É um cara deprimido, com problemas, mas ficamos fodidos com o que ele falou da gente. E, veja bem, quando eu comparei, não estava levantando a bola da "Barata", e sim baixando a bola de "Pais E Filhos".

EDUAU Ainda o Russo a gente respeita. Duro é quando vem o Humberto Gessinger falar da gente. O cara acha que é o Bob Dylan e não passa de uma paquita.

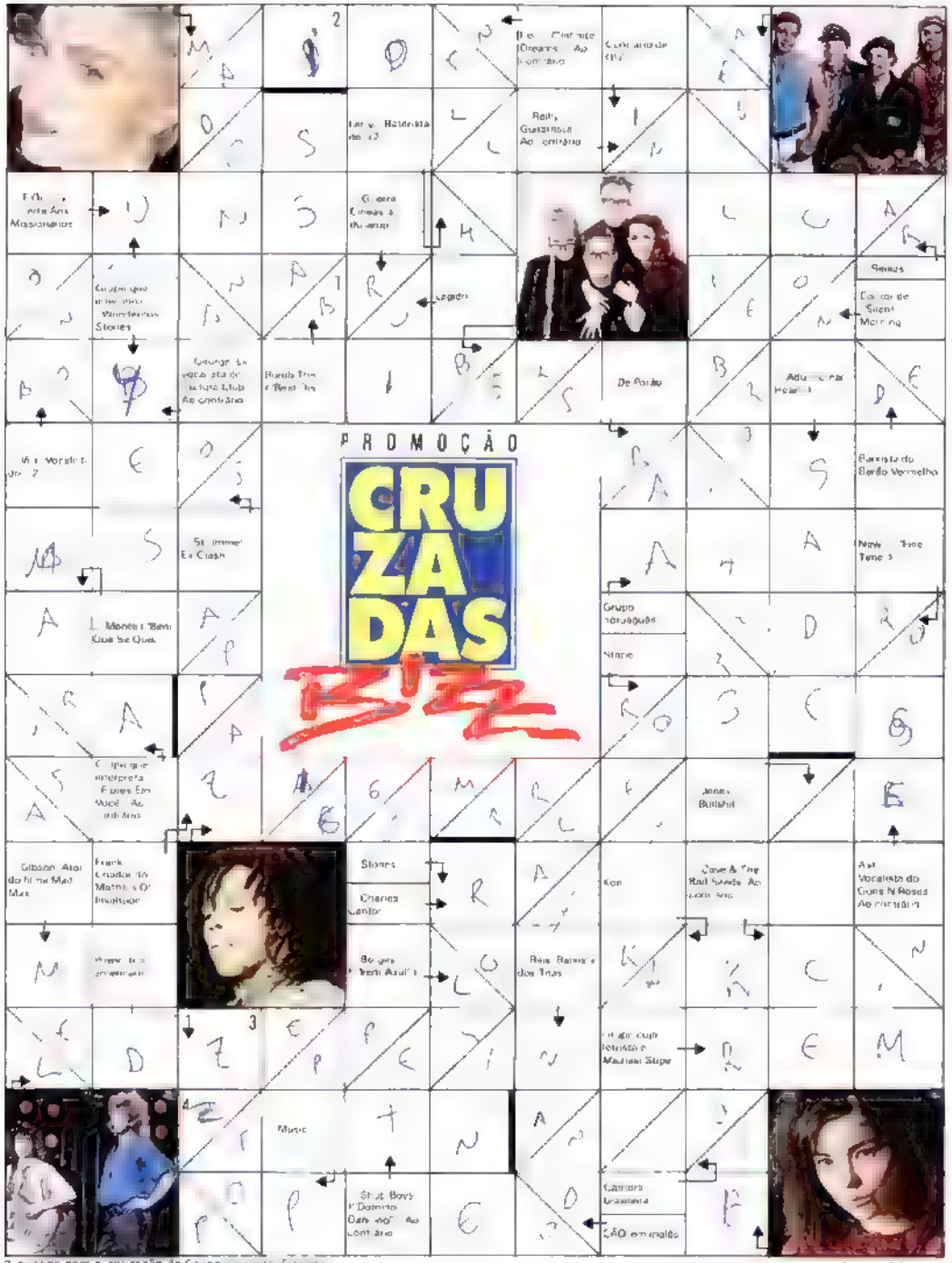
GUILHERME E no fim das contas, do ponto de vista do conteudo, tanto faz se é a "Barata" ou "Pais E Filhos" — é tudo consumido do mesmo jeito. Rock brasileiro é trash mesmo, são colagens do que é feito lá fora.

CEM/AI

CRUZADAS BIZZ

Chegou a hora de mostrar todo seu talento e criatividade. Cruzadas Bizz é uma superpromoção que vai apaixonar você com todas as letras. Vire a página e veja como participar.

PONHA NO PAPEL O QUE VOCÊ TEM NA CABEÇA.



Publicação com autorização do Grupo [illegible]

Criação: em pauta Assessoria e Projetos Editoriais

VOCÊ ENTENDE DE ROCK Então, é só resolver as palavras cruzadas da pagina ao lado e descobrir a palavra-chave. Ela é composta pelas letras que ficaram nos quadrinhos amarelos. Para quem conhece rock como você, vai ser moleza

VOCÊ TEM CRIATIVIDADE Agora, é só se inspirar na palavra-chave e deixar a imaginação voar. Crie a maior loucura: uma frase, um poema, uma ilustração, uma foto, uma colagem, uma música, o que você quiser. Para isso, use o espaço reservado no verso desta página ou tire uma xerox. Mas lembre-se: só concorrem as ideias que utilizarem a palavra-chave como tema.

VOCÊ VAI CRUZAR MUITOS PREMIOS

1º Discman Sony, uma coleção CD dos Stones e uma assinatura da revista Bizz
2º Radio Gravador Sony e uma assinatura de revista Bizz.
3º Bicicleta Bizz Tekcicle e uma assinatura da revista Fluir
4º Bicicleta Bizz Tekcicle e uma assinatura da revista Fluir.
5º Radio Gravador Semp Toshiba e uma assinatura da revista Bizz
6º Radio Gravador Semp Toshiba e uma assinatura da revista Bizz.
7º Guitarra Gianinni e uma assinatura da revista Bizz
8º Baixo Gianinni e uma assinatura da revista Bizz
9º Rema-rema Oceano e uma assinatura da revista Fluir
10º Relógio Cosmos Soviet e uma assinatura da revista Bizz.
11º Relógio Cosmos Soviet e uma assinatura da revista Bizz
12º Prancha Bodyboard Scott e uma assinatura da revista Fluir
13º Mochila Hands Off e um porta-fitas.
14º Oculos Escuros Spy e um porta-fitas.

Os primeiros 50 cupons que chegarem à Editora Azul ganham um porta-fitas.

REGULAMENTO:

O critério de avaliação do concurso levará em conta a criatividade e a originalidade usadas para a realização do trabalho.
O local de exibição dos prêmios: Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - S. Paulo.
Os trabalhos, classificados ou não, pertencerão à empresa.
Os prêmios ficarão disponíveis 60 dias contados a partir do dia da apuração.
Só serão válidos os trabalhos enviados no formato demarcado.
Os trabalhos serão escolhidos por um júri especial formado pela redação da revista Bizz

A lista de premiação será na Revista Bizz, edição nº 62, domês de setembro.
A apuração será realizada à Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - S. Paulo, no dia 15/08/90 as 14 horas.
Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 10/06/90.
Os prêmios serão entregues na Editora Azul, ou nos distribuidores locais, caso o premiado resida fora da Grande São Paulo.
O premiado receberá comunicação por telegrama do local e prazo para a retirada dos prêmios.
Será vetado a participação de funcionários ou parentes de funcionários da Editora Azul.

Participe enviando esta página, com o cupom abaixo devidamente preenchido, para a Cruzada Bizz
Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - São Paulo. A/C Depto. de Propaganda/Promoções Div. Segmentadas

Nome _____

Idade _____

Endereço _____

Bairro _____ Cep _____

Cidade _____ Estado _____

Telefone _____ É assinante de Bizz? Sim ☐ Não ☐

Assinatura _____

A palavra chave é: ☐☐☐☐

RESULTADO DO ULTIMO NUMERO

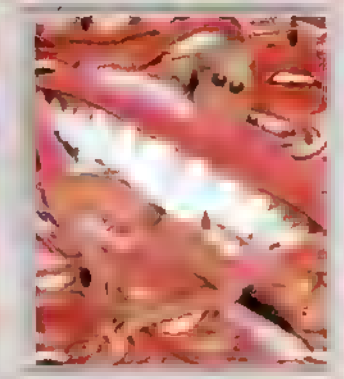
ESPAÇO RESERVADO PARA VOCÊ CRIAR A MAIOR LOUCURA.

COSMOS
MONTAG
SONY
SEMP TOSHIBA
Giannini
SPY sunglasses
TEKCICLO
Fabricante da Bicicleta Bizz
SCOTT
CBS

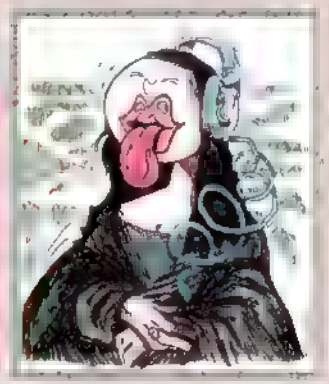
OLHA QUEM CRUZOU OS PRÊMIOS DA BIZZ

Estes foram os primeiros vencedores da promoção Cruzadas Bizz. Durante todo o mês, recebemos do país inteiro mais de três mil trabalhos de alto nível. Participe você também. Ponha no papel o que você tem na cabeça e cruze muitos prêmios de valor.

1º
Delfim Galisi Domingues
São Paulo/SP



2º
Jorge José Sant'Anna
São Paulo/SP



3º
Fernando Antonio Dias
Bauru/SP

4º
Uberlan Alves da Silva
Salvador/BA

5º
Aldefran Melo da Silva
Duque de Caxias/ RJ

6º
Marcio Roberto da Silva
São Paulo/SP

7º
João Vieira
Rio de Janeiro/RJ

8º
Ernani A. Pinheiro Garrido
São Luiz/Maranhão

FRONT 242

DANÇANDO AO SOM DO TERRORISMO ELETRÔNICO

Patrick Codenys ensina como conciliar subversão com marketing moderno e ainda fazer sucesso nas pistas de dança

Paulo Sztutman

ORIGEM

"Desde o começo, em 80, temos a mesma formação. Para falar a verdade, tudo aconteceu em dois anos. No começo... bem, aqui na Bélgica, assim como no Brasil e em grande parte do mundo, não existe um mercado para músicos como os da Inglaterra e Estados Unidos. Então, se você quer fazer música, tem de começar sozinho. Para isso, as pessoas compram máquinas. Se você não acha um baterista compra uma bateria eletrônica, e assim por diante."

"No começo éramos músicos autosuficientes, pesquisando música. Resolvemos então juntar nosso material e criar um conceito chamado Front 242. O Daniel B. estava construindo o som da banda — ele já tinha o nome — e eu estava trabalhando em música eletrônica com o cantor Jean-Luc. Nos juntamos e fizemos o single 'Human', o segundo do F242, que foi bem recebido pelas rádios livres daqui. Um ano depois, para tocar ao vivo, decidimos adicionar mais um membro, o Richard, que se tornou uma espécie de figura-símbolo da banda... porque o nosso forte é tocar ao vivo, somos melhores no palco do que em disco."

SAMPLERS

"A sampleagem é uma nova tecnologia, e, como sempre, no começo as pessoas erram muito e abusam da novidade. Nós tentamos cada vez mais integrar os *samplers* e torná-los mais precisos. Não queremos ser escravos do sampler: é parte de nossa música. Sempre consideramos a sampleagem como o *zapping* na TV ou rádio. Você obtem palavras, imagens, slogans, ruídos, tudo muito rapidamente. Esta overdose de informação é algo típico dos anos 90. Especialmente quando você vê crianças brincando com computadores... acho que a velocidade do cerebro está ficando cada vez mais alta, para poder assimilar símbolos, imagens, slogans."

TECNOLOGIA

"A tecnologia é muito importante para nós, como uma ferramenta. Uma ferramenta, não um deus (risos). Não somos escravos dela."

"Para nós a questão mais real é: será que devemos continuar indo na direção do rock, ou será que devemos usar esta tecnologia para criar um novo tipo de música?"

DANCE MUSIC

"É muito perigoso para nós seguir uma moda. As modas sempre acabam. O que posso dizer sobre house music e new beat é que nos interessamos muito pelo fenômeno em si, porque é algo que vem do povo, das ruas. Não foi criado por uma gravadora, para ganhar dinheiro. São as pessoas na pista de dança que estão decidindo o que vai ser um hit, e isto é muito positivo."

ROCK X TECHNO

"Há ótimas bandas fazendo *guitar rock* por aí. Por outro lado, a techno music representa um perigo para as grandes gravadoras, porque é algo fácil de se fazer em casa. Você obtem um resultado muito completo e não precisa de toda a merda que a gravadora te dá, tipo diretor artístico, empresário, todos estes parasitas. A techno music não precisa disto. Então as grandes gravadoras vão sempre querer manter esta idéia de *guitar rock* ou *garage band*, pois é algo fácil de manipular."

BUSINESS

"Sinto que a maioria dos astros de rock são realmente fracos quando se trata de vender sua arte. Nós, às vezes, mencionamos publicidade porque sentimos que para se ser um artista nos anos 90 você tem de vender sua arte."

"Não estou dizendo que tentamos explorar as pessoas ou ganhar dinheiro às custas delas, porque se quisesse-mos fazer isto era só lançar vinte remixes de cada música. Achamos que já foi o tempo em que o artista recebia 1 ou 2% das vendas, e a gravadora ficava com o resto. Nós estamos fazendo um produto! Quando vamos à Play It Again Sam, nossa gravadora, nos chegamos no escritório e botamos tudo na mesa: as fitas, a capa, as fotos. eles só têm de se encarregar da distribuição e promoção. É obvio que nossa porcentagem tem de ser maior. Techno música, techno métodos!"

MENSAGENS

"Os resultados de nossas mensagens não nos interessam e sim como transmitimos a informação. É um princípio de mídia. Assim como as pessoas no noticiário dão mais importancia às imagens e aos slogans do que ao conteudo que estão vendo ou ouvindo. Se eu te disser agora as palavras 'Nelson Mandela', elas não vão causar impacto nenhum, porque todo mundo está falando disto. Mas, se eu te disser que a África do Sul tem um dos exércitos mais modernos do mundo, isto vai te fazer pensar, vai criar medo. É a mesma mensagem, em níveis diferentes."

IMAGEM

Queremos impressionar as pessoas com o Front 242, não com os membros do Front 242. Eu não quero saber quem é o chefão por trás da Coca-Cola, mas sei que vejo o produto em cada esquina. É a mesma idéia."

PROJETOS

Estamos muito empolgados com a dance music. Com a nossa definição de dance music! Nosso interesse é pelo que chamamos de ritmos brancos, que são mais rigorosos e 'quadrados' do que ritmos latinos ou americanos. Estamos muito empolgados com o disco novo. É uma síntese: não é tanto uma demonstração de samplers, e é muito mais rítmico. Vamos abandonar um pouco o estilo do LP *Front By Front* e voltar a algo com mais espaço, mais silêncios... não é realmente silêncio mas algo com menos densidade e mais 'dançabilidade'" (risos).

Acabamos nosso disco novo e agora vamos passar um tempo preparando o show ao vivo. Queremos mudar tudo. Em 91 começaremos a turnê e então iremos ao Brasil."

AMAMARIA G. DE LEMOS

PERFIL

Formação Jean Luc De Meyer, vocal, Patrick Codenys, teclados; Richard, programação rítmica; Daniel Bressanutti, programações e imagens. Daniel é o "membro oculto" do grupo: só participa das gravações.

Discografia *Geography* (82)
No-Comment (85)
Official Version (87)
Front By Front (88)
Todos os LPs foram lançados pelo selo RSE, uma joint venture entre as gravadoras Play It Again Sam (belga) e Red Rhino (americana).

Estilo *Electronic Body Music* ou *EBM*, termo inventado pelo próprio grupo, que significaria "música de máquinas a serviço do corpo". Alguns críticos preferem o rótulo *industrial dance*. Principais antecessores: Kraftwerk, Cabaret Voltaire e D.A.F. Outros grupos que unem o som eletrônico-industrial à dance music: Yello (Suíça), Skinny Puppy e Ministry (canadenses), Revolting Cocks (Bélgica) e Nine Inch Nails (EUA). O Front 242 é considerado o pai do *new beat* belga, de grupos como o A Split Second e o Neon Judgement.

Imagem O Front 242 cultiva um look futurista e impessoal. Em aparições públicas, seus três integrantes sempre vestem roupas iguais — geralmente pretas, com muito couro —, óculos escuros e cortes de cabelo curtos, quase skinhead. Jean-Luc prefere o corte moicano. Nos shows, usam o que chamam de "uniforme de terrorista".

Conceito Mais que qualquer outra banda na história do pop, o Front 242 é um grupo-empresa. Seus integrantes controlam todos os aspectos do produto Front 242, dos músicos e letras até o acabamento gráfico das capas dos discos e o marketing utilizado em sua promoção. Ao mesmo tempo, o Front se considera um agente subversivo: seu objetivo explícito é se infiltrar no mercado fonográfico e impor sua música e sua mensagem.

Slogan predileto "Determinação, persistência, assimilação e infiltração".

FEIOS, SUJOS E MALVADOS

WAYNE HUSSEY revela os planos do MISSION para tomar o mercado dos EUA

Em sua casa no sul de Londres, o cantor e guitarrista do Mission, Wayne Hussey, está ocupadíssimo. Da uma entrevista atrás da outra, promovendo o novo disco do grupo, *Carved In Sand*. Não que o LP esteja precisando de ajuda: o próprio Wayne é o primeiro a confirmar que o disco vendeu mais cópias que seu antecessor *Children*, em todos os países em que foi lançado — "a não ser na Grã-Bretanha, o que diz muito a respeito do país!"

Isso não quer dizer que *Carved In Sand* traga grandes novidades. O Mission soa rigorosamente igual desde 86, quando Wayne Hussey e o baixista Craig Adams deixaram o Sisters of Mercy de presente para seu fundador, Andrew Eldritch, e fundaram seu próprio grupo, o que despertou amores e ódios instantâneos. De um lado, fãs fidelíssimos elegeram o Mission como a melhor banda ao vivo da Inglaterra. Do outro, a crítica enterrou o grupo sob expressões tipo "catedral gótica", "misticismo de araque" e "resultado de drogas mal digeridas".

Esse ano, o Mission tentara tomar de assalto o mercado americano, a exemplo do que já fez seu primo ideológico, o Cult. A invasão começou três dias após essa entrevista, com uma novidade. No lugar do guitarrista Simon Winkler estava Wolfie, do Red Lorry Yellow Lorry. Winkler, que acabava de se recuperar de um caso de escarlatina, deixou o grupo sem explicações.

No disco novo, o Mission voltou a trabalhar com o produtor Tim Palmer, de *God's Own Medicine*, enquanto em *Children* o grupo usou o baixista/tecladista do Led Zeppelin, John Paul Jones.

Você não acha que foi um passo para trás?

Estamos felizes com *Carved In Sand*, ele vai indo muito bem. Voltamos a trabalhar com Tim porque ele é um cara muito entusiasmado, muito espontâneo. Pela primeira vez, conseguimos nos divertir numa gravação. Além do que, com Tim trabalhamos mais rápido. Demoramos muito para gravar *Children*... não que tenha sido culpa de John Paul Jones, é que nosso disco de estréia tinha vendido bem, e estávamos nos sentindo sob uma pressão enorme. *Children* foi como um exorcismo, algo que tínhamos de fazer.

Por que vocês escolheram John Paul Jones, na época?

O fator mais importante foi gostarmos do Led Zeppelin, obviamente. Além disso, gosto de dar corda à imprensa (risos). Os jornalistas estão sempre apontando semelhanças entre nós e o Led Zeppelin.

Defina "gótico" (risos).

Cabelo preto ou vermelho. Cara branca, maquiagem preta nos olhos. Roupa preta. Bandas favoritas: Sisters Of Mercy, Fields Of The Nephilim e Christian Death.

Você acha que existe algo em comum entre as chamadas bandas góticas?

Não sei... não sei o que gótico significa musicalmente. Parece haver um estigma não muito positivo ligado a esse rótulo. Mas não me importo, podem me chamar do que quiserem!

O Mission costumava ter uma imagem bastante selvagem.

Houve uma mudança real. Em algumas ocasiões, nós passamos dos limites. As drogas e o sexo casual chegaram a ser uma obsessão. Num certo momento, essas coisas passaram a dominar nossas vidas e acabaram deixando de ser divertidas.

Qual foi a sua reação à notícia de que Tony James tinha entrado para os Sisters Of Mercy?

Não fiquei nada surpreso. Tony James e Andrew Eldritch são muito semelhantes: dois homens de negócios, e não dois músicos. Acho que eles farão um bom disco. Andrew sempre trabalhou com o intelecto, e não com o instinto, e isso tem seus méritos.

No final do ano passado, vocês tocaram sob o nome de Metal Gurus, com um repertório que ia de T. Rex a Sweet.

O Wonder Stuff tocou numa convenção do nosso fã-clube e em troca nos pediram para abrir para eles como convidados especiais num show antes do Natal. Decidimos usar o nome Metal Gurus e só tocar covers. Foi divertido tocar as músicas que nos influenciaram, músicas dos primeiros discos que compramos. Aliás, quando me sentei para ouvir música por música e checar as letras, percebi que vinha cantando errado as letras há anos (risos)!

O que você acha do estado atual da música pop?

Na Grã-Bretanha? Terrível! Mas talvez sempre tenha sido assim. A Radio One (*uma das emissoras da BBC*) tem o monopólio sobre a música pop, e agora eles estão com essa política de tocar muita dance music. 'Deliverance', por exemplo, foi considerada pesada demais para a Radio One, e o All About Eve é considerado leve demais! Mas essa é a música que é popular no momento, é o que está nas paradas... só não consigo entender por que. E toda essa onda do 'rock de Manchester' está indo longe demais. Há discos bons, como os dos Stone Roses e Happy Mondays, mas há muita merda — como os Inspiral Carpets, por exemplo.

E quanto à dance music?

Algumas faixas são boas, outras não. É igual aos anos 70, antes do punk, que aconteceu justamente como reação a este tipo de coisa e aos supergrupos.

Então você acha que devemos esperar outra reação.

Espero que sim! Acho que veremos cada vez mais bandas híbridas, e elas tornarão redundantes tanto o rock como a dance music.

O aumento da popularidade do heavy metal nos EUA, por exemplo, já seria uma reação?

Não, o rock sempre foi bem-sucedido lá mais que em qualquer outro país. Sempre houve os Aerosmiths e Whitesnakes da vida. Mas não sou um grande fã de heavy metal, acho a maioria das músicas muito ruim.

O Cult aproveitou a onda heavy nos EUA e fez um sucesso enorme lá.

Foi tudo muito bem planejado. O Cult estabeleceu planos e objetivos e os seguiu. Só não sei o quanto isso custou à banda... mas ainda acho que um dia eles farão um grande disco.

Qual é a situação do Mission nos EUA, hoje?

Está melhorando muito. A MTV tem mostrado nossos vídeos e tal. Mas talvez a turnê seja um fracasso, aquele país é muito estranho (risos)!

Depois da tour americana, vocês pensam em tocar no Brasil de novo?

Espero que sim, nos divertimos muito lá. O público foi muito mais exuberante e entusiasmado do que esperávamos. Eles sabiam a letra de todas as músicas, até as que eu tinha esquecido (risos).

ANAMARIA G. DE LEMOS

OS 10 ⊕ DE WAYNE

Perguntamos para Wayne Hussey quais são seus artistas favoritos. A resposta, sem ordem de preferência.

"Acho que seriam... os **Beatles** e **John Lennon**. O **Led Zeppelin**. **The Cure**, os **Stones**. **Prince** e **Madonna** gosto muito dos dois. **David Bowie** — sou a única pessoa que conheço que gostou do disco do **Tin Machine** (*risos*)! É claro que fui influenciado pelo fato de conhecer Tim Palmer e Reeves Gabrels. Ah, esqueci de **Iggy Pop**! Olha, ele me mandou um cartão de Natal no ano retrasado (*o cartão, devidamente emoldurado, ocupa um lugar especial na sala de estar de Wayne*).

USE A CABEÇA PRÁ

USE FREE LONDON

VESTIR SEUS PÉS

FREE LONDON

AV. ROLAND GARROS, 2364
(011)2016634
SÃOPAULO

O INVENTOR DA *ACID* ESTA DE VOLTA

Se **Marshall Jefferson** tivesse resolvido ser bancário, você não estaria hoje ouvindo **Technotronic**. Jefferson, um dos inventores da house (review à BIZZ de abril), é o cara que bolou aquele famoso riff de teclado do começo de "Pump Up The Jam" que também pode ser ouvido em muitas gravações de **Todd Terry**, em "Let It Roll" de **Doug Lazy** e em mil outras dance tracks. Marshall compôs o riff originalmente para a música "Move Your Body", de 86, que foi também um dos primeiros houses a contar com um solo de piano enlouquecido.

Desde então, Jefferson andou ocupadíssimo. Lançou e produziu **Ten City**, **Ce Ce Rogers**, **Kym Mazelle** e **The Truth**. Remixou nomes como **Dusty Springfield**, **Tom Tom Club** e **Cabaret Voltaire**. Mas nunca mais lançou single próprio, embora chovessem ofertas por parte das gravadoras. Agora, após quase quatro anos de espera, está para lançar seu segundo single próprio, o esperadíssimo "Rock Me".

Marshall também tem chamado atenção com algumas declarações polêmicas. Recentemente, afirmou à *Muzmag* (revista especializada em dance music, editada pelo DMC inglês) que todo mundo que andou emprestando suas idéias nos últimos anos vai ter... como se alguém pudesse impedir samplegens a essa altura do campeonato. Disse também que acha a atual cena de dance music repetitiva e pobre de imaginação. Aliás, já em 88, Jefferson declarou à *Face* que detestava acid: "Tudo soa tão mecânico. Onde estão os instrumentos reais? Eu odeio essa maldita batida mixada num volume superalto". Ele se referia ao som da bateria eletrônica TB303. O mágico é que Jefferson esteve envolvido na produção de "Acid Tracks", a primeira música a usar o tal som da TB303 — e, por conseqüência, o primeiro acid house da história.

Marshall Jefferson em cinco lições:

"MOVE YOUR BODY" Marshall Jefferson
"USELESS" Kym Mazelle (Prod. e Remix)
"THAT'S THE WAY LOVE IS" Ten City (Prod.)
"NOTHING HAS BEEN PROVED" Dusty Springfield (Remix)
"SOMEDAY" Ce Ce Rogers (Prod.)

APELAÇÃO ROQUEIRA

Últimas capitulações, oportunistas ou não, em favor do lado mais dançante da vida: os **Darling Buds** (fãs pouco talentosos do Blondie) e os **Soup Dragons** (da escola capa de chuva e guitarra barulhenta). Ambos estão providenciando remixes para pista de faixas recentes suas. E o **Everything But The Girl** lançou um remix à la Soul II Soul de seu novo single, "Take Me

MOTOWN ANOS 90

Por onde andará se debatendo no turbilhão da dance music de hoje a velha e querida **Motown**, que teve o mais fabuloso cast de estrelas da história do pop? Acredite: não está fazendo feio. Há dois anos, quando da comoração de boa parte da Motown pela MCA, sentiu-se que a única coisa capaz de reabilitar a gravadora seria engatar seu vagão no veloz expresso da dance music contemporânea. Já em 1989, a Motown deu uma tacada de mestre lançando a trilha sonora de *Faça A Coisa Certa*, de Spike Lee, contendo músicas de **Public Enemy**, **Guy** e **Perri**, entre outros. Desde então, o selo vem formando um novo cast que inclui o **Wrecks'N'Effect**, formado pelo produtor Gene Griffin e pelo irmão mais novo de Teddy Riley (um dos papas do *swingbeat*) **Markell** e o ex-vocalista principal do New Edition, **Johnny Gill**.

Mas o mais animador é que o genial **Blaze** (ver BIZZ de abril) acaba de ser contratado pela gravadora. E o vagão da Motown querendo voltar a ser de primeira classe.

O DJ **Irai Campos**, 31, lançou no ano passado com o também DJ **Marcelo Mansur** um mix com uma regravação do clássico das Freneticas, "Dancin' Days". O disco é creditado ao **Ponte Aerea** nome escolhido porque Irai é paulistano e Mansur, carioca. Irai já remixou **Kid Abelha**, **Titas** e **Tim Maia** e co-produziu **Fausto Fawcett** com **Limonha**. Tem seu próprio estúdio de detesséis canais e planeja para um futuro próximo seu primeiro LP. Abaixo, dez faixas favoritas de Irai.

Top 5 - 1990
"Spin That Wheel", **Hi Tec 3**
"Vogue", **Madonna**
"Get Busy", **Mr. Lee**
"Get Up", **Technotronic**
"Cinema", **Ice MC**

TOP 5 - Todos os Tempos
"Let's Groove", **Earth Wind & Fire**
"Instant Replay", **Dan Hartman**
"Can't Take My Eyes Off You", **Boys Town Gang**
"Don't Stop 'Till You Get Enough", **Michael Jackson**
"Let's Dance", **Donna Summer**

CLUB CLASSICS

"Think", **Lynn Collins** (1972)
Lynn Collins fazia parte da desvairada turma de James Brown nos anos 70, quando eles levaram o funk às últimas consequências. James Brown fazia tudo nos discos de Lynn Collins (produção, arranjos etc.). Quando chegava a hora de cantar, ele dava o microfone para ela e gritava: "Mostre o que é soul power!"
E como Lynn mostrava. "Think" é um funk irresistível, daqueles de sair pulando. Consegue ser mais atual que a maioria dos acid houses feitos em 1988. A faixa contém o primeiro e original "Uh! Yeah!" (respectivamente gritados por Lynn e Brown), ferozmente sampleados pela nova geração da dance music. A música pode ser encontrada no LP *Pretty woman*, de Lynn Collins, e na coletânea *Funk Explosion*, de 1983. Ambos são artigos de sebo.

"The Power", **Snap**
Há muito tempo um riff de guitarra não fazia tanto sucesso nas pistas. A base é funk, e lá pelas tantas uma histérica grita: "I've Got The Power!"

"Strawberry Fields Forever", **Candy Flip**
Esta magnífica versão dance-psicodélica da canção dos Beatles é a cara do momento que vivemos, atitude e idéias dos 60 somadas à musicalidade e festividade dos 70.

"Feel The Rhythm", **Jazzi P**
É impossível ficar parado com isso. Pudera, o groove que a rapper Jazzi P toma emprestado para este seu single de estréia é nada menos que "Le Freak", do Chic.

"Sweat", **Jay Williams**
Exalando garage house por todos os poros, Jay Williams deixa seu objetivo bem claro no refrão: "Eu quero suar, suar, suar, até ficar completamente ensopado".

"Vogue", **Madonna**
Obviamente é excelente, mas é indispensável ver o vídeo, de cair queixo, língua, dentes e tudo que estiver acima disso. Só Madonna tem o poder para levar *vogue dancing* e house music para o *Fantástico*.

"Harlem 90", **Bill Withers**
Remix excepcional de Ben Liebrand para uma grande faixa de Withers, um mestre do soul da década de 70.

"Ghetto Heaven", **The Family Stand**
O nome remete a Sly and the Family Stone. Tudo bem, não houve sacrilégio, porque a música é uma pequena obra prima. Mas um detalhe importantíssimo da capa, a frase "Produced and mixed by Jazzie B.", deixa uma dúvida: sozinho, o Family Stand (cujo segundo LP, *Chant*, acaba de sair) conseguiria honrar o nome?

"Mama Gave Birth To The Soul Children", **Queen Latifah e De La Soul**
Como se não bastasse, a produção é de Prince Paul (Stetsasonic) e o remix é de CJ Mackintosh (ex-MARRS).

"Dream's A Dream", **Soul II Soul**
Para ir sentindo o gostinho do segundo LP, enquanto ele não chega.

CAMILO G. ROCHA

CONEXÃO BRASIL

Com o lançamento da coletânea *Rock: Conexão Bahia* e do primeiro LP da Zona Abissal, Salvador sentiu o sabor, ainda um tanto tímido, do rock n roll disputando espaço com o tradicional circuito carnavalesco. Nos dois casos ainda não foi possível repetir a explosão do Camisa de Vênus. Mas há ao menos uma perspectiva. Criada em meados de 1986 para tocar punk rock/hardcore, a **Via Sacra** mostra, através de uma demo enviada à BIZZ, que soube abrir o leque e caminhar em outras direções. Poemas de Augusto dos Anjos, Enzensberger (!) e do soteropolitano Artur Ribeiro integram o repertório do grupo — que teve uma de suas músicas editada na coletânea *Ronda Alternativa* (Devil Discos). Confira.

A cidade de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, já sediou o *Blues Festival*, em 1989. Além de Buddy Guy, Etta James e Albert Collins, seus habitantes viram várias bandas de rock sendo montadas e dissolvidas, quase sempre pelos dois músicos que hoje fazem parte do **TSAS** (The Sampling Sport): Alex Patriarca e Mauro Bueno. Com eles, agora está o baterista Fernando Rassi. Influências do pop britânico e da dance music são mescladas em composições longas, sem muita complexidade — mas densas o bastante. As letras em inglês de Alex evitam riscos desnecessários.

De Goiânia vem uma boa surpresa para os fãs da house music. Trata-se da banda **The Burb's**, formada pelo baixista e guitarrista Bruno Eduardo, de apenas dezesseis anos. Para sua banda house/technopop, escalou o rapper Marden Jam (que também faz as programações de bateria), o vocalista Paulo Sérgio (que já integrou grupos góticos) e o tecladista Guilherme. Juntos, mostram que samplers, baterias digitais e teclados podem ser programados de forma a reproduzir fielmente matrizes norte-americanas, inglesas ou belgas — o que parece realmente a intenção dos quatro. O único problema fica por conta dos vocais, comprometidos pelo limitado conhecimento que Paulo Sérgio demonstra em relação à língua que escolheu para cantar. Perdoando a falha, dá para dançar a valer.

CELSO MASSON (SP)

Misturando harmonias de bossa nova com rock, funk e pop, o tecladista carioca Newton Nazareth compôs todo o repertório do **Fruto da Imaginação**. Provavelmente convicto da viabilidade comercial do grupo, procurou em fontes seguras a inspiração para letras bem adequadas ao formato simples de suas canções. Caos e revolução são dois dos temas prediletos. Tudo bem, rebeldia juvenil sempre fez, bem ou mal, o espírito do rock n roll.

Parece que a idéia colou. Ao menos para o público do Projeto Cultural Quarup, em Vila Velha (ES). Há um ano, cinquenta bandas, incluindo veteranos como Barão Vermelho, desfilaram seu repertório nos quatro dias do festival. A imprensa também endossou o Fruto.

O grande problema do grupo é o inevitável esbarrão nos clichês, com uma sonoridade que, sem querer, retoma um modelo de pop cansado. Caso o Fruto começasse a tocar nas rádios ainda hoje, já pareceria estar chegando com atraso. Mas... nunca se sabe o que vai pela cabeça do ouvinte.

C M (SP)

KMD-5

Quando David Okuefuna, produtor da BBC de Londres, veio ao Brasil em busca de material para o programa *Rough Guide From The World*, bateu à porta de grupos consagrados como Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Ed Motta & Conexão Japeri. Ao mesmo tempo, teve sensibilidade e astúcia para visitar a Baixada Fluminense, onde encontrou as bandas de reggae Lumiar (Conexão Brasil, BIZZ 50) e **KMD-5**. O grupo é formado por Dida (voz e guitarra), Marrony (teclados), Lauro Bicudo (baixo), Dikeu (percussão) e Marcelo Oiuca (bateria e efeitos digitais). Tempera com samba e batucada as influências do charm, soul e funk dos bailes da periferia carioca, chegando a uma espécie de reggae antropofágico, uma adequação do ritmo jamaicano à realidade da Baixada. Para o grupo, o reggae é "um grito de energia positiva nascido nos guetos, no lixo suburbano (...) revertendo em música todo um processo de opressão".

Buscando uma aproximação com o reggae primal que caracteriza os jamaicanos Sly & Robbie, o paulistano **Sinsemilia** abraçou o ritmo "por tudo que ele representa para os jovens das Américas na época atual: rebeldia e libertação". Como sugere a definição de Robba (voz e guitarra), a estética do grupo é marcada por uma emblemática procura da liberdade, vindo daí o símbolo do grupo, um ideograma chinês traduzível por "libertador do destino". Numa parceria de Marcio Werneck (Fábrica Faqus) com o Sinsemilia, podem ser ouvidos versos como "O homem corrupto está em toda parte/escola, política, igreja, arte". A formação oficial inclui, além de Robba, Fernando Shanaman (baixo), Ninho (bateria), Marcelo Mangabeira (sax), Gerson Surya (teclados) e João Grande (percussão). Ao vivo, é comum esta formação ser expandida, com as participações de Cláudio Boni (trombone) e do próprio Marcio, na segunda guitarra.

C M (SP)

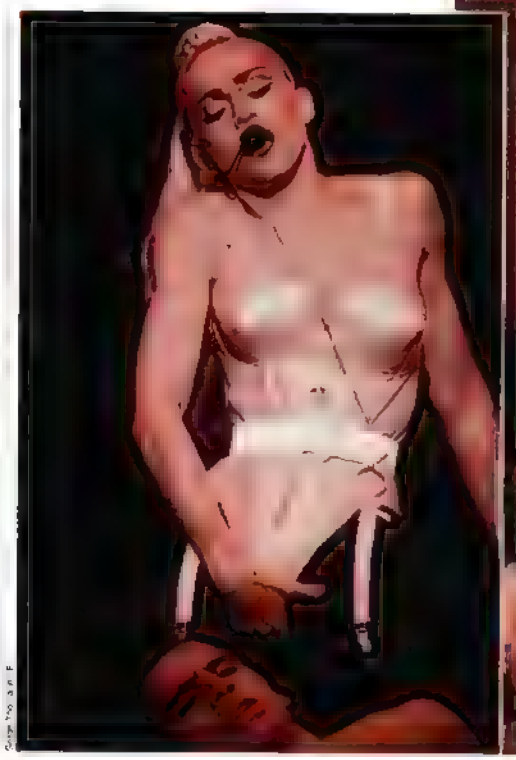
Assim que as Américas foram descobertas, os missionários tiveram a incumbência de espalhar o catolicismo por entre os povos que as habitavam. Séculos depois, um grupo de topetudos decidiu aproveitar o nome e a idéia e partiu para a catequização dos cunhãmenos novos de guerra — desta vez, com um estranho bé-a-bá musical. Em 1987, o grupo adotou o hardcore. Depois, conheceu os Cramps e caiu no psychobilly, misturando sexo e terror numa visão doentia.

Em 1989, a entrada do fanzineiro Alexandre para os vocais mudou a face do grupo. E para melhor. **Os Missionários** revelaram o pogobilly, unindo as duas vertentes às quais se dedicaram anteriormente.

Completam o grupo Gustavo, no contrabaixo; Maurício, na bateria, e Reinaldo, na guitarra. A última novidade vem dos estúdios de gravação. Uma fita com oito músicas deverá ser lançada até o final deste mês. Problemas gerados pelo plano Collor atrasaram a entrada do grupo no vinil.

FERNANDO TUPÃ (CURITIBA)

MADONNA



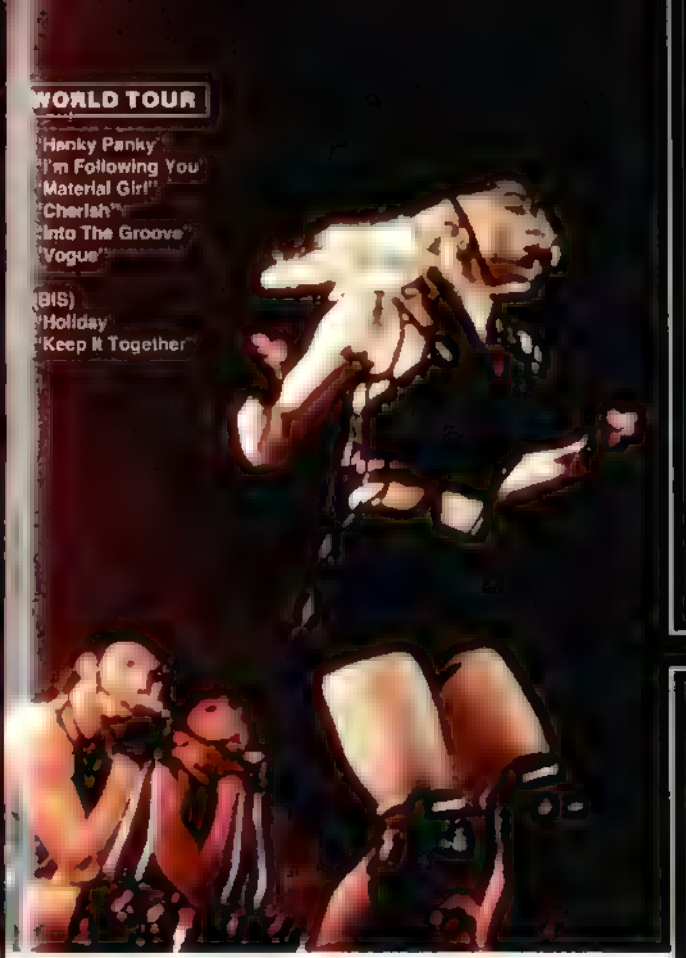
BLOND AMBITION

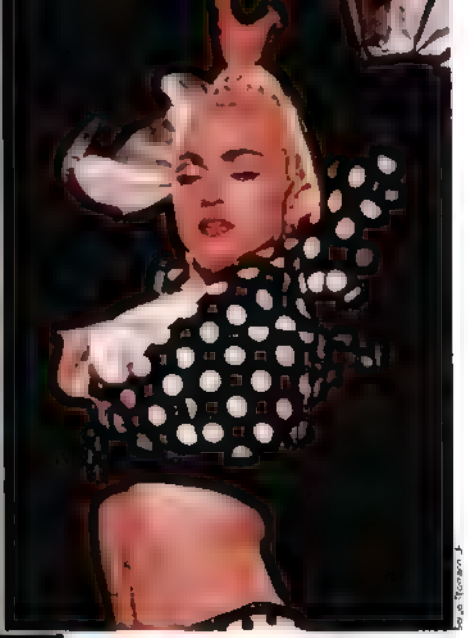
"Express Yourself"
"Open Your Heart"
"Causing A Commotion"
"Where's The Party"
"Like A Virgin"
"Like A Prayer"
"Live To Tell"
"Oh Father"
"Papa Don't Preach"
"Sooner Or Later"

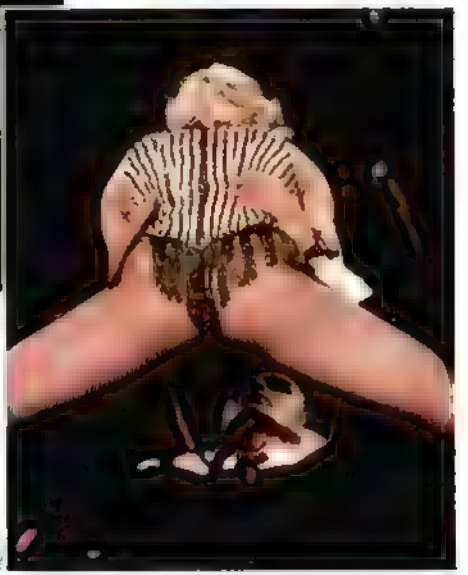
WORLD TOUR

"Hanky Panky"
"I'm Following You"
"Material Girl"
"Cherish"
"Into The Groove"
"Vogue"

(BIS)
"Holiday"
"Keep It Together"







Sexo, senhoras e senhores. Sexo para as massas. Sexo para os pobres de espírito. Sexo para os solitários. Sexo para os sofisticados. Sexo para os desviados. Sexo para os insaciáveis. Sexo para os *voyeurs*. No frigir dos ovos, a turnê *Blond Ambition* é um ambicioso e bem estruturado manifesto sobre sexo.

Apesar de poucos terem anotado este detalhe. A maior parte se atem com admiração aos muques fenomenais da "garota material" — como se eles não fossem parte do pacotão senso-carnal de que estamos falando —, ao guarda-roupa retro-futurista de Jean-Paul Gaultier (uma mistura de seis figurinos básicos e modulares que acaba resultando em uma dúzia de combinações ao longo de todo o show) e ao decepcionante cantinho da badalação criado no show para promover o filme *Dick Tracy* (com alguns ingênuos desprovidos de um mínimo de bom senso cultivando esperanças de ver Warren Beatty subir ao palco em determinado momento para cantar e dançar com Mme Ciccione. Pelamordedeus, caiam na real). O sexo, e suas interpretações, manifestações e consequências, é a mola-mestra do show, seu trampolim e ponto de exclamação.

O espetáculo abre num delicioso tom exibicionista com "Express Yourself", o primeiro strip-tease da noite e a primeira vez em que Madonna flexiona todo o esplendor de seus muques. Termina literalmente em surdina: enquanto Madonna mistura "A Family Affair" de Sly Stone com a sua própria "Keep It Together", ambas conclamações de harmonia universal, ergue-se detrás dela um enorme painel. Nele está pintada uma movimentada orgia, na qual se destaca a língua gulosa de um homem brincando com o mamilo de sua parceira no canto superior direito da pintura.

Madonna "surra" bem-humoradamente algumas bailarinas do noneto dançante que a acompanha durante todo o espetáculo. Madonna goza sobre uma cama forrada com uma colcha de veludo vermelho enquanto entoa uma versão neopsicodélica de "Like A Virgin" — em coro gestual os bailarinos afagam seus falsos seios descomunais, adereços desenhados por Gaultier. Madonna "arca com as consequências" de seus atos com as "Like A Prayer", "Papa Don't Preach", "Oh Father". Madonna vira cantora de cabaré ("Always Get My Man", o início da sequência *Dick Tracy*), melindrosa de vaudeville ("Hanky Panky", também do filme) e promove o uso de camisinhas — antes de "Into The Groove" ela avisa que "só se conhece bem um cara na hora em que a gente pede a ele que use uma camisinha".

O show não é desprovido de seus momentos de ironia. Madonna faz uma paródia de si mesma quando põe "bobs" nos cabelos e invoca um sotaque baixa classe-média (curiosamente muito parecido com o de Cyndi Lauper) para cantar "Material Girl" sentada sob um secador de cabelos num salão de beleza imaginário. Ela se cerca de tritões adoradores para reproduzir o efeito do clip de "Cherish", mas consegue mesmo é avacalhar com a noção de homens machos.

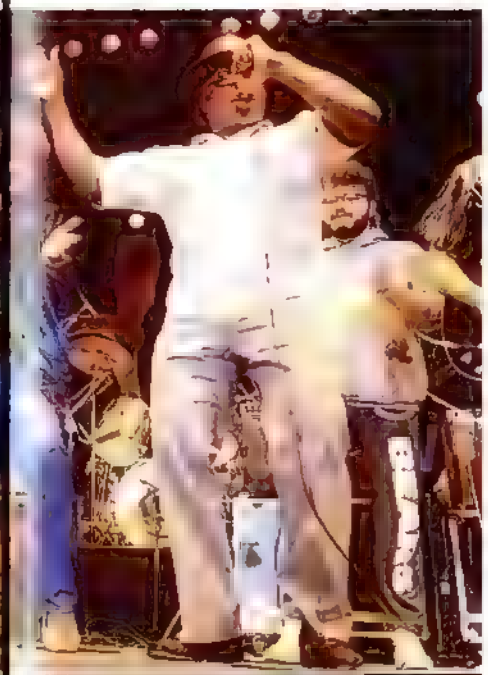
A única provável fraqueza de todo o espetáculo — no geral, de concepção mais sofisticada e arrojada do que foram os shows da turnê de 1987 — é justamente sua meticulosidade. Madonna percorre a hora e meia de apresentação, sem intervalos entre canções, parecendo preocupada demais em não errar a coreografia ou as "deixas" variadas. Daí, talvez, aparentar uma certa frieza ocasionalmente. Ou seria puro nervosismo por estar se apresentando para o primeiro mercado "exigente" na excursão, após três semanas no Japão e paradas em cidades americanas de porte médio? Ufa... suspirou. Madonna no meio do show, quando viu que seria mais trabalhoso do que esperava, ergueu o público do Sports Arena. "Que plateia difícil!

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

... E NO BRASIL?

Infelizmente, as chances são mínimas e só para 1991. A turnê estreou em 13/04 em Tóquio e percorreu os Estados Unidos e Canadá durante maio e junho. Este mês começa a temporada européia. Desde 1987 vários empresários brasileiros afirmam ter contatado a equipe de Madonna, mas os custos altíssimos e um cachê acima de dois milhões de dólares estão fora da realidade econômica brasileira.

BLUES FESTIVAL



Continua tudo bem com o blues, conforme ficou atestado no segundo *Blues Festival*, desta vez sediado em Sao Paulo. A exemplo de sua edição inaugural realizada em Ribeirão Preto no ano passado, as *jam sessions* e a postura despojada de seus participantes foram atrações extras do evento. Foi desta forma descontraída que, durante quatro noites consecutivas, Sao Paulo mergulhou fundo no mais autêntico blues.

QUINTA-FEIRA (10/05)

A estréia do festival nao podena ser mais promissora, reunindo o *bluesman* **Magic Slim** — a maior sensação em Ribeirao Preto — e nada menos que Mr. Elias McDaniels, mais conhecido pelo epíteto de **Bo Diddley**, um dos grandes criadores do rock'n'roll. A banda de Slim já começou arrebatando a platéia com seu blues simples e direto, a cargo da guitarra de John Primer e da eficiente cozinha do baixista Nick Holt (irmão de Slim) e do batenista Michael Scott. O delino se completou com a entrada do *band leader* arrancando de sua Stratocaster solos e riffs secos, entremeados por longas notas sustentadas. Como não poderia deixar de ser, a apresentaçao terminou com uma potente versao de "The Blues Is Alright", novamente eleita como uma especie de hino do evento. Estava armado o clima propício para a triunfal entrada de Bo Diddley.

Seria justo comparar esta vinda de Bo ao Brasil com a de John Lee Hooker ao *Free Jazz Festival* do ano passado: ambos, verdadeiras lendas vivas do rock e blues, tiveram suas apresentaçoes por aqui prejudicadas por bandas de apoio beirando a mediocridade. Mas no caso de Bo esta deficiencia foi devidamente minimizada por seu espetacular carisma. Empunhando sua guitarra "turbo" retangular, ele comandava o show num pique impressionante, de tirar o folego da audiencia e do proprio quarteto que o acompanhava (composto só por brancos, incluindo uma baixista de topete oxigenado). Clássicos como "Hey Bo Diddley", "Road runner", "I'm A Man", "Mona" e "Crackin Up" eram conduzidos por sua incontundível *beat*, ao mesmo tempo em que Bo pulava, conclamava o publico a cantar com ele, e chegava até a passar da guitarra para a bateria no meio de um dos numeros, terminando por chamar para dançar uma garota da platéia. Para o bis ficou reservado um tiro de misericórdia: uma frenetica versao de "Who Do You Love". *Hey, Bo Diddley*

SEXTA-FEIRA (11/05)

Apenas metade das dependências do ginasio do Ibirapuera estava ocupada na segunda noite do *Blues Festival*. O show de abertura coube ao *bluesman* **Big Daddy Kinsey** e **The Kinsey Report**, grupo formado por seus filhos Donald (guitarra/vocal), Kenneth (baixo) e Ralph (baterista), mais o guitarrista Ron Price. Na primeira parte da apresentação, o Kinsey Report provou que sua musicalidade deriva muito mais para o funk, o reggae e o rock, com arranjos elaborados, mas carentes de inventividade. Prova maior disso foi a cover de "Johnny B. Goode", com inflexoes reggae à moda de Peter Tosh. Com a entrada de Big Daddy, antecedida pelo gaitista Lester Davenport, o repertorio tendeu naturalmente para o blues, mas nem seu vozeirao conseguiu colocar mais *feeling* na performance da banda, que se encerrou de forma um tanto melancólica com uma cover de "I'm A Man".

Bo Diddley conseguiu superar seu show da noite anterior, incendiando a pequena platéia com uma apresentação exemplar. Novamente foram os *greatest hits* que impulsionaram a festa. No final, Bo assumiu a bateria (desta vez contando com a ajuda de Magic Slim) e encerrou o show em um bis apoteótico ao som de "Hey Bo Diddley", com direito à gaita de John Hammond.

SÁBADO (12/05)

Com tres atrações programadas, a noite de sábado começou com a grande sensaçao deste festival: o novaiorquino **John Paul Hammond**, filho do lendário produtor John Hammond. Na ativa desde 63 e com mais de duas dezenas de discos gravados (nenhum lançado no Brasil), ele impressionou muito com suas versões de blues tradicionais. Contando apenas com um violao, um dobro, uma gaita e um banquinho, o branco Hammond fascinou as mais de dez mil pessoas presentes com seu show de blues acustico — e especialmente com seu incrivel trabalho de *bottleneck* —, desfilando clássicos de Blind Willie McTell, Leadbelly, Robert Johnson e outros. No final, um bis especial com "Ramblin' On My Mind".

Depois desta abertura e com um publico bem maior do que o da noite anterior, **Big Daddy Kinsey** e **The Kinsey Report** encontraram boa recepção para seu coquetel sonoro, em que novamente o maior destaque coube às intervenções da gaita de Lester Davenport. No final, boas versoes de "Rock Me Baby" e "Got My Mojo Workin'".

Koko Taylor e o quinteto **Blues Machine** fecharam esta terceira noite do festival de forma brilhante. Descontando alguns timbres irritantes de teclados, seu grupo — com destaque para o baixista Jerry Murphy — forneceu uma moldura perfeita para os passeios vocais desta grande dama do blues de Chicago. Começando por "Let The Good Times Roll", a voz rasgada de Koko desfilou impecavelmente canções como "I'm A Woman" (sua versão para "I'm A Man"), "I'd Rather Go Blind" e "All Night Long", completando o show numa *jam* com John Hammond, Big Daddy e o Kinsey Report, cantando "Sweet Home Chicago".

DOMINGO (13/05)

A maior platéia deste festival — cerca de doze mil pessoas — estava presente na noite final do evento. O show de abertura coube à **Brazilian Blues All-Stars**, banda organizada pelo guitarrista André Christovam junto à cozinha do Golpe De Estado (o baixista Nelson Brito e o batenista Paulo Zinner); o gaitista Flávio Guimarães e o guitarrista Greg Wilson (ambos do Blues Etilico); mais a guitarra de Frejat, os teclados de Maurício Barros (ex-Barão) e as vocais de Ed Motta. Este ultimo, por sinal, foi o que mais impressionou (tanto o publico, como tambem os musicos estrangeiros), conduzindo um repertorio baseado em standards do blues e r&b como "Last Night" e "Rock Me Baby" levado com competencia pelos instrumentistas.

A segunda apresentação de **Koko Taylor** foi ainda melhor que a da noite anterior. Calorosamente recebida pelo publico, e com sua **Blues Machine** mais entrosada, ela novamente reinou absoluta com seu vozeirão, em interpretações de antigos classicos e canções de seu novo LP, *Jump For Joy*. O final se aproximava...

E claro que o encerramento teria de ficar por conta de **Magic Slim**, um dos convidados mais animados do evento. Depois de outro show empolgante — com destaque para a incendiária versão de "Mustang Sally" —, Slim só pisou na bola quando ficou insistentemente tentando apresentar o organizador do evento para o público. Mas esse escorregao foi rapidamente esquecido quando praticamente todos os parbicipantes do *Blues Festival* subiram ao palco, para o *grand finale*. Já com as luzes do ginásio acesas, a platéia não cansava de celebrar mais esta festa do blues. Para o ano que vem, estão quase certos os nomes de Johnny Winter, Steve Ray Vaughan e até de um grupo de blues japonês (!). É esperar para ver, e ouvir.

CELSO PUCCI

JANET JACKSON

PEDNA

As perspectivas eram as piores: o poderoso executivo da indústria fonográfica brasileira garantia ter visto Janet Jackson deixar cair o microfone no chão sem que as vozes sumissem das caixas de som — um forte indicativo de que Janet estava dublando o show inteiro, e não cantando. Jornalistas presentes à estreia da turnê *Rhythm Nation* saíram do Orange Bowl, em Miami, reclamando da frieza do show e da incapacidade de Janet interagir com uma platéia de carne e osso, depois de anos fazendo a conexão entre suas músicas e o público via disco ou videoclip.

Ora, pitombas: que show é este em que a segunda Jackson mais famosa do planeta se mostra tão chata e incapaz que faz você se arrepender de não ter ficado em casa assistindo aos antigos clips de Janet? Que show é este em que ela sequer canta?

Como costuma ocorrer nas situações em que alguém precisa formar uma opinião imediatamente após o consumo de um filme, um disco, um livro ou um show (e aqui se concentra parte do inferno do resenhista-crítico), as reações tipo "reflexo instantâneo" causadas pela turnê *Rhythm Nation* sobre a mídia que documentou o evento em primeira mão foram imensamente exageradas. A frieza e o nervosismo desengonçado de Miami foram substituídos por uma segurança quase total e por um clima de festa particular em família entre Janet, seus bailarinos (a festa A) e a platéia (a festa B). E, caso seu treino para clips não a tenha transformado em mestre suprema da dublagem, Janet pareceu cantar do começo ao fim (fita gravada gente na hora certa? sem tona também?).

Deixemos de lado as mesquinharias e vamos ao filé-mignon: os baixos do espetáculo (as baladas sem rosto "Come Back To Me" e "Let's Wait A While") comprometem a intensidade de cada clímax, mas ainda assim a chegada de Janet ao circuito de shows indica que daqui a pouco nem só de Michael viverá a lenda Jackson. Embora sem a aparência sobre-humana dos passos do irmão, Janet participa com entusiasmo e desembaraço das intrincadas coreografias engendradas para sua equipe de seis bailarinos. Ela sabe utilizar cada cantinho do gigantesco palco de alumínio puro que Mark Fisher (o mesmo da turnê *Steel Wheels*) gastou dois milhões de dólares para construir. Ela consegue o mais difícil num espetáculo realizado em ginásios: se comunica com todo mundo na platéia. Inclusive os infelizes que estão sentados lá onde Judas perdeu as botas. Ela é inteligente o suficiente para focar todo o show exclusivamente em seus dois últimos álbuns, *Control* e *Rhythm Nation* (apresentados no show de forma cronológica, como se estivessem sendo tocados um depois do outro e na ordem em que as músicas foram sequenciadas nos discos originais).

Como turnê estreante, *Rhythm Nation* tem falhas pequenas (o que é um mérito): em vez de deixar Janet se soltar e mostrar habilidades desconhecidas (o que ela faz, cantando rock'n'funk em "Black Cat"), a direção do espetáculo leva Jackson a reproduzir coreografias, gestos e marcações de cena que são cópias carbono de clips manjados ("Nasty", "Control", "Miss U Much", "The Pleasure Principle").

O toque irônico ficou para depois de Janet ter deixado o palco de vez. No teatro central, enquanto a banda tocava os últimos acordes de "Rhythm Nation", eram projetados créditos do show, dando um curto momento de glória a motoristas, advogados, seguranças e massagistas, todos citados nominalmente. Foi um perturbador reforço à já incômoda sensação de que tudo não tenha passado de um grandioso clip em 3-D.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

HAROLD & THE CARIBBEANS

Harold é um incendiário. Fez o melhor show de covers de reggae que São Paulo já viu. Abrindo com "You Can Get It If You Really Want" deixou com água na boca quem foi ver Jimmy Cliff no ginásio do Corinthians em 1984. Mas, com o cardápio que serviu em seguida, não deixou ninguém frustrado.

A casa estava entupida e havia pelo menos dois bons motivos. Primeiro, as *Disco Reggae Nights* do AeroAnta ganharam rápido a fama de *point* de "gente bonita", laso pesa. O suficiente para que a grana lambaregueira dispute espaço com surfistas e bodyboarders, empolerando-se nas arquibancadas e na pista. Uns vão dançar, outros gainhar. Segundo, uma banda jamaicana nunca se apresentou num evento desse tipo, com ingressos baratos — ainda que não fosse uma banda conhecida.

Elétrico, Harold foi vencido pelo cansaço após uma meia duzia de canções. Pediu um tempo, "just two fuckin' minutes", e deixou sua backing vocal assumir a linha de frente. Sem muito charme, mas afinada, cantou três músicas mais lentas, dando um respiro também para a platéia. Quem apostou que neste entreato Harold iria para o camarim, perdeu. Ele não saiu do palco. Ficou sassaricando por ali mesmo. Bebeu uns goles d'água, retomou o fôlego e voltou.

Começou o segundo tempo com a divertidíssima "Banana Boat" — um clássico hit caribenho na voz de Harry Belafonte. "Todo mundo conhece esta música", brincou. Quem não conhece pode ouvi-la no filme *Os Fantasmas Se Divertem*. "Mathilda" veio em seguida. Menos agitado, Harold voltou à carga com um curto repertório de merengues e fechou com mais uma de Cliff, a inevitável "Reggae Night". Um show para suar a camisa. E voltar para casa satisfeito.

CELSO MASSON

ROCK NO VIADUTO

O sol se punha atrás do palco e, pelas costas da platéia, a noite se aproximava carregada de estrelas. Em plena zona norte de Porto Alegre, berço do rock na cidade, a banda Cidadão Quem abria uma noitada de rock n'roll.

O grupo, liderado pelo guitarrista Duca Leindecker, com seu rock fácil, de olho no dinheiro, apresentava pela primeira vez para o grande público seu show superprofissional. Composto por músicos experientes, que têm a exata noção de como carregar de punch um sonzinho redondinho para as FMs, o Cidadão Quem (ó, nomezinho!) desfilou um repertório chegado em Eric Clapton, Van Halen e Pink Floyd. Agradou os mais afoitos com suas músicas para filhinho de papai cheio de grana no bolso. O que não deixa de ser um bom negócio.

A Barata Oriental foi a segunda banda. Completamente alucinados, eles detonaram algumas músicas de seu primeiro LP com uma gana surpreendente, mas que perdeu um pouco do pique depois da terceira música. Enquanto o vocalista Nenum arrebentava as cordas vocais, o guitarrista Deio Escobar destruiu sua guitarra com sucessivas porradas e encerrou atirando os cacos para o público.

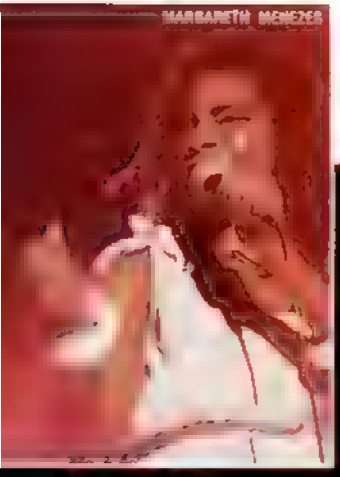
Literalmente tocando em seu próprio campinho, a Bandalheira, grupo que já é uma tradição do bairro IAPI, onde acontecia o show, chamou na chincha e colocou no gol com seu repertório de rocks que já se tornaram clássicos entre a rapazada. O duo de guitarristas Marcinho Ramos e Duca Leindecker (o mesmo do inefável Cidadão Quem) mostrou entrosamento e o mais legítimo *rock feeling*, enquanto o cantor Ronaldo comandava a cena com suas estripulias ao melhor estilo hard rock setentista. Muita honestidade em um som que pode soar deslocado no tempo e no espaço, mas só para quem não tem a idéia do que é amar o rock n'roll num canto perdido do mundo.

Os apresentadores Renato Campão e Eliane Steinmetz, a "Gorda" — um capítulo à parte na noite, com um repertório de bobagens mal-educadas capaz de causar inveja em qualquer letrinha metida a rocker — anunciaram a ausência da atração nacional da festa, o inimigos do Rei. Para surpresa geral, a multidão de seis mil pessoas vibrou com a notícia. Coisas de Porto Alegre.

Depois de tamanha demonstração de aversão ao pop fácil, o Nenhum de Nós entrou pisando em terreno perigoso, mas acabou agitando a massa com seus sucessos, devidamente testados e aprovados pelo Brasil afora. O guitarrista Veco Marques, eterno convidado especial do grupo e treinado na música gauchesca, enriqueceu os arranjos com solos virtuosos ao violão.

Os Cascavelletes entraram no palco para encarar uma platéia com gosto de fim de festa e incomodada pelo frio. Com seus requebros jaggerianos, Flavio Basso conseguiu esquentar os ânimos para mais uma hora de rock'n'roll. Sem a fúria iconoclasta do início da carreira e com uma precisão pop que afugenta os mais radicais, os Cascavelletes deram ares de que estão a fim de um público muito maior do que o gueto dos fanáticos do rock.

CARLOS EDUARDO MIRANDA



DAVID BYRNE

AO VIVO

Desde que os Talking Heads se infiltraram no mercado pop — treze anos atrás — seus fãs, então uma especie de sociedade secreta, temiam pela sanidade mental de David Byrne. Não precisavam. Esta noite, dentro de um caixotão de concreto lotado, temos uma banda extra *caliente* no palco e nao ha duvida de que, em todo o auditório, ninguem se diverte mais que o Dr. Livingstone do pop: David Byrne fecha os olhos em sorrisos largos, rebola e chacoalha com o molejo espasmodico que lhe é peculiar, sua litros, rasga a garganta e rodopia de ponta a ponta do palco. Eletroencefalogramas assimetricos e perturbados como "Psycho Killer" "Don't Worry About The Government", "No Compassion "I'm Not In Love", *Fear Of Music*, "Born Under Punches etc etc etc podem entrar para a historia como delicioso/catárticos "quadros clinicos" — ao contrario do profetico testamento de Ian Curtis.

Disseram que Margareth Menezes roubou o show. Sua abertura Pelourinho-*hot* com "Elegibô" e "Um Canto Pra Subir" cativa ainda mais se vista com olhos "estrangeiros", entediados com o rock'n roll anglo-saxão e com o bate-estaca bumbo/caixa/bumbo/caixa de 90% do pop negro americano e seus derivados. Mas talvez não tenha havido antes show tão fácil de roubar. A festa é de Byrne, mas as estrelas — por vontade dele proprio — estão mesmo é na afro-latina-baiana-caribenha *big band* que o acompanha neste disco/turne *Rei Momo*. O show só tem um problema: ate alguns petiscos reservados para o finalzinho (mais sobre isso depois), ele é bem chatinho.

Os cadernos ditos "culturais" de nossos jornais aproveitaram a visita para desfiar uma litania de besteiras mais grosseira que a habitual. Basicamente, duas correntes babando em lados diferentes da mesma gravata: (a) David Byrne é um saqueador imperialista do pobre terceiro mundo e suas incursoes etno-pop são oportunismos *fake* que ficam ridículos em comparação com mestres "autenticos" como Tito Puente, Willie Colon, Olodum e a Orquestra Tabajara; e (b) David Byrne é um gênio multidisciplinar, crânio "pós-moderno" de polivalencia renascentista e esta destilando uma combinação rítmico-cultural simplesmente supimpa, que deveria servir de lição aos caipiroes musicos patricios que tinham essa matéria-prima toda debaixo do nariz e foram fazer carreira imitando o Police ou o U2 ou o Frank Zappa ou... os Talking Heads.

Não há muito que responder aos anticosmopolitas da primeira facção, se insistem numa disputa tao burra quanto o bordão "autenticidade" versus "falsificação". Francamente, precisam de uma intensiva Introdução à Historia da Arte. Já o segundo time é melhor informado, mas de um cinismo atroz. anos antes de Mr. Byrne ouvir falar em Tom Zé, já existiam bandas nacionais explorando a area, bandas que receberam cobertura zero dessa mesma imprensa diária — e da radio e da TV, que sempre preferiram o ibope facil do rock'n roll nativo.

De volta, entao, ao show *Rei Momo*. Por que diabos o safari afro-latino-etc de Byrne não irradia um centesimo da luz e do calor da fase Mãe Africa, principalmente nas obras-primas *Remain In Light* e *Speaking In Tongues*? Parece simples: o repertório de *Rei Momo*, o disco, é fraco, fraco — como ja era o de *Naked* (canto-de-cisne dos Talking Heads?). Apesar de ao vivo, canções como "Make Believe Mambo" começarem a fazer sentido, o incêndio — no palco e, principalmente, na platéia — só começa com o resgate de "Burning Down The House", "Papa Legba" e "Psycho Killer" — esta num arranjo violao-berimbau (grande Charles Negrita!) de encarar os pelos.

Eu nao estou brincando: nestes tres momentos, tinha muita gente ali realizando um sonho cultivado, acalentado ha treze, doze, onze, dez, nove, oito anos (os discos dos Talking Heads só começaram a sair aqui em 83, e em ordem inversa à cronologica). Muita gente feliz que sabe que é impossivel nao gostar de David Byrne. Precisa ser ruim da cabeça e doente do pe

JOSE AUGUSTO LEMOS

DIGA SIM AOS HERÓIS.

DIGA NAO

DIGA NAO PRA QUALQUER CONTROLE
DIGA NAO PRA QUALQUER DESCASO
DIGA NAO PRA QUEM NAO TE OUVE
DIGA NAO
DIGA NAO PRA QUEM DESTRÓI O MUNDO
DIGA NAO PRA QUEM CONSTRÓI DEMAIS
DIGA NAO PRA FALTA DE VISAO
DIGA NAO
DIGA NAO PRO PRESIDENTE
DIGA NAO PRO SI MESMO
DIGA NAO PRA TUDO ISSO
DIGA NAO

DIGA NAO PRA SER OUVIDO
SEJA POSITIVO DIGA NAO

DIGA NAO PRA QUEM FAZ A GUERRA
DIGA NAO PRA QUEM FOGE À LUTA
DIGA NAO PRA TER PAZ NA TERRA
DIGA NAO
DIGA NAO PRA QUEM ENGOLE TUDO
DIGA NAO PRA FALTA DE APETITE
DIGA NAO PRA QUEM NAO TEM LIMITES
DIGA NAO
DIGA NAO PRA TANTAS LEIS
DIGA NAO PRA TANTOS CRIMES
DIGA NAO PRA FICAR LIVRE
DIGA NAO

DIGA NAO PRA SER OUVIDO
SEJA POSITIVO DIGA NAO

(SOLO)

DIGA NAO PRA QUEM TEM DEMAIS
DIGA NAO PRA QUEM SE DEIXA USAR
DIGA NAO PRA DESABAFAR
DIGA NAO

DIGA NAO PRA SER OUVIDO
SEJA POSITIVO DIGA NAO
SEJA POSITIVO DIGA NAO [4x]
NAO" [MUITAS X]

A VENDA EM LP E K-7
wea

HERÓIS TRES

Esta é a segunda noite lotada de Sinéad O'Connor de três shows de ingressos esgotados no Hammersmith Odeon. A causa direta é o single "Nothing Compares 2U", que foi número um durante algumas semanas. De uma hora para outra, Sinead virou a queridinha do público. Ironicamente, o autor da música, Prince, jamais conseguiu tal sucesso de vendas.

No começo ela aparece sozinha, descalça. Seu vestido de veludo vermelho com capuz a faz parecer uma freira. No pescoço ela carrega o símbolo egípcio da vida eterna. A banda vai aparecendo, mas mal percebemos, pois Sinéad já está cantando "Feel So Different", falando de suas mudanças pessoais. Para o quase hard rock de "The Emperor's New Clothes", ela empunha seu violão e grita. Depois do funk de "You Cause As Much Sorrow", vêm as baladas, que são o ponto forte de Sinéad. A banda desaparece e ficamos com ela e seu violão. A primeira é "3 Babies" — música da estreia cinematográfica da cantora — seguida de "Black Boys On Mopeds", com sua letra dolorosamente óbvia. Um pouco de sutileza ia bem. O ponto alto do show é "I Am Stretched On Your Grave". A música é uma ideia de gênio: a batida hip hop gravada em fita e Sinéad arrebentando corações com uma lindíssima melodia irlandesa. Durante o solo de violino, a cena no palco é inesperada: de um lado o gravador enorme, de outro a pequena irlandesa de cabeça raspada dança uma jiga desengonçada. Pode parecer cômico — mas foi comovente.

"The Last Day Of Our Acquaintance" marca a volta do resto da banda, enquanto Sinead lamenta um amor que chegou ao fim. É claro que o público guarda seu entusiasmo para "Nothing Compares 2U", mas infelizmente só Prince mesmo consegue elevar esta música a algo mais que o sentimentalismo adocicado que garantiu seu lugar nas paradas. O show é encerrado com a ótima "Jump In The River", "Troy" e "Mandinka" — o grande sucesso do primeiro álbum.

A figura assexuada de Sinead O'Connor — e não estou falando de sua falta de cabelo — chega a ser interessante, mas sua atitude defensiva no palco me impede de "entrar no espírito" do show. A garota se leva a sério demais. Sua marca registrada — quase sussurros seguidos de berros, muitas vezes desafinados — se torna irritante quando usada até a exaustão. Como compositora, porém, Sinead demonstra uma grande riqueza que precisa de tempo para amadurecer e desabrochar. Esse é o problema de crescer em público.

ANAMARIA G. DE LEMOS

AO VIVO

NAPALM DEATH E SEPULTURA

Para os registros: a primeira banda pesada a visitar o Brasil na década de 90 foi o Napalm Death. O grupo inglês interrompeu as gravações de seu novo disco para tocar dois dias em maio com o Sepultura, em São Paulo.

Mesmo tendo alcançado fama mundial nos últimos dois anos, os *thrashers* do Napalm Death provaram que mantêm seu caráter underground: não exigiram cachê, só o hotel e o rango. Na sexta, o show teve abertura retumbante dos Ratos de Porão, com João Gordo matando a vontade de tocar com uma de suas bandas favoritas.

Mas o show de sábado foi o mais *from hell* de todos. O ND tinha vôo marcado para antes da meia-noite, o que transferiu seu show para a abertura da noite. O público era grande e selvagem, com fãs de metal e hardcore se misturando. O ND é uma banda crua e rude, que vai do mais rápido *grindcore* ao mais funebre *death metal*, influências trazidas pelos dois novos guitarristas. Por mais de uma hora, a banda — com a voz de monstro de Barney à frente — ensurdeceu a platéia com clássicos como "Scum" e "Divine Death".

Só que a catarse final veio mesmo com o Sepultura, que se despedia do público brasileiro — o grupo vai ficar até o final do ano gravando seu novo disco nos EUA e tocando no exterior. Da abertura com "Primitive Future" até o bis, a banda transbordou competência adquirida nos palcos do hemisfério norte, com direito a licks furiosos de Andreas, despedidas de Max e uma sessão de covers, que incluíram "Highway Star" do Deep Purple e "Detroit Rock City" do Kiss.

BARNEY (NAPALM DEATH)

MARCOS CAMPOLIM

COMMODORES

Calcula-se em dezenas de milhares de dólares o prejuízo obtido com a turnê dos Commodores. Culpa da megalomania do empresário brasileiro, que merece parabéns pela iniciativa e pela profissionalíssima produção, mas que não precisava submeter os *soul men* a extensas temporadas em Rio e São Paulo, com dois shows por noite a preços um tanto salgadinhos.

Uma pena, pois apesar do grupo não preservar sua posição multiplatinada dos tempos em que era comandado por Lionel Richie, isto é apenas uma questão de fama e exposição na mídia. Musicalmente, o trio hoje abrigado pela marca Commodores — dois dos membros originais, William King (vocais, guitarra, sopros) e Walter Orange (vocais, percussão), mais o inglês J.D. Nichols (vocais, teclados) — dá no couro, sua a camisa e faz um show que nenhum aficionado do pop negro escola Motown deveria ter perdido.

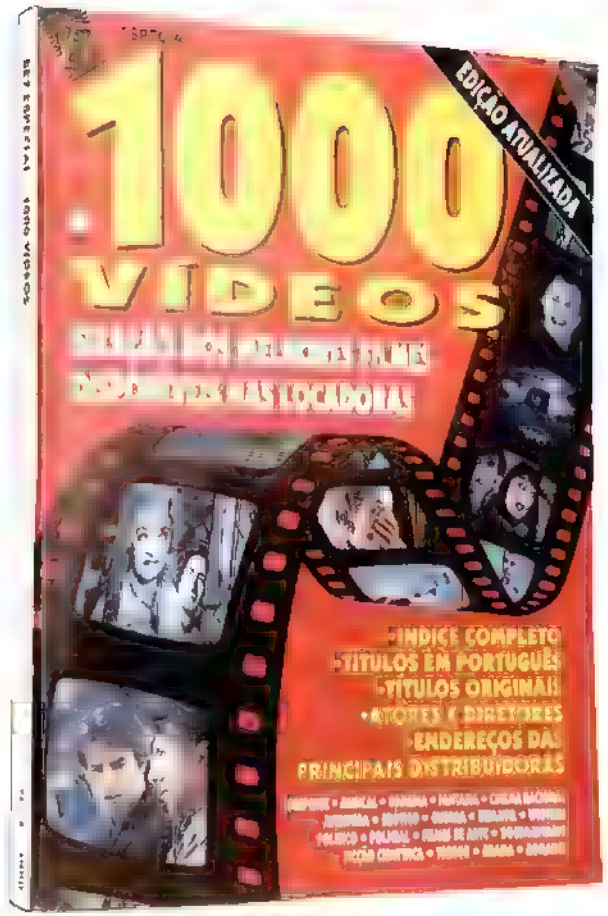
O ilustríssimo Lionel "Queixada" Richie é um rapaz talentoso, mas oscila como um beija-flor bebado: é capaz de dar à luz baladas de sacarina concentrada como "Endless Love" e pop antológico como "All Night Long". Mas, vendo os Commodores hoje, tem-se a impressão de que o que o grupo perdeu em estrelato com sua saída ganhou em coesão, espontaneidade, descontração e simpatia. Os caras amam o que fazem, celebram uma orgia dançante e não perdem uma fagulha do pique com o auditório vazio pela metade (isto numa noite de sábado, parece que durante a semana a bilheteria era catastrófica). E o segundo show da noite e os três capetas surgem com fogo no rabo.

Os hits estão todos presentes, começando com "Easy" (Nichols tira de letra, em interpretação bem mais suave que a gravada por Richie). Lá pela metade do show é a vez do maior sucesso da carreira dos Commodores — "Three Times A Lady", com um pé fincado firme no romantismo baba(ca), milhões de cópias vendidas em 78 e provavelmente a isca que atraiu tantos casais ao Hotel Nacional, na linha "Meu bem! Estão tocando a nossa música..." Um facho de laser verde atinge o globo espelhado e somos transportados para um território vizinho a Walt Disney e Doris Day. É o momento mais "gracinha" do show: Nichols convoca ao palco uma garotinha — onze, doze anos — que passará o tempo todo acenando com uma foto do grupo e canta em serenata, segurando sua mão e olhando fundo em seus olhos. Ela abraça suas coxas, emocionada, e a platéia ovaciona.

Na seqüência, o alucinado trio presta homenagens à "nova geração", coverizando Bobby Brown, Janet Jackson e Paula Abdul, em versões infinitamente superiores aos originais — em especial, "Straight Up" da coreógrafa aeróbica turquinha. Nova geração multiplatina, diga-se de passagem, mas basta para provar que não existe canção medíocre para um verdadeiro cantor de soul.

Para encerrar a festança, o último hit (pós-Lionel Richie), "Night Shift", uma linda homenagem a Marvin Gaye, colega de Motown do trio. Walter Orange conta que eram grandes amigos e que se Marvin estivesse ali, vendo tantas mulheres bonitas, provavelmente diria (começando a cantar): "Let's get it ooon..." Emenda com "Sexual Healing" e "What's Going On" — nenhuma das três encaixa na métrica de "Night Shift", mas tudo bem — e cita ainda "Lonely Teardrops", de Jackie Wilson (outro grande cantor morto em circunstâncias trágicas). Quer mesmo saber? Inesquecível.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS



OS MELHORES

A Editora Azul orgulhosamente apresenta Set Especial 1000 vídeos, uma superprodução que vai fazer o maior sucesso em sua telinha. Agora você está com tudo. Os filmes vêm divididos por gêneros, com títulos em português, títulos originais, atores, diretores e sinopse. E tem mais: endereço das principais distribuidoras e rede de assistência técnica para seu equipamento. Garanta seu exemplar o quanto antes. As edições anteriores esgotaram nas bancas.

SE VOCÊ TEM UM VÍDEO, VOCÊ PRECISA DE 1000 VÍDEOS

EDITORA AZUL

EM CARTAZ NA BANCA MAIS PRÓXIMA

ELLIE GREENWICH

Rainha dos anos dourados do pop norte-americano

Boa parte da produção musical realizada no eixo Nova York—Los Angeles nos anos 60 tem a marca de Ellie Greenwich. Definida por Alan Betrock como o "principal talento feminino da América", é uma das mais completas artistas e um dos raros talentos genuínos que a música pop já revelou.

Sem Ellie, Phil Spector não teria inventado seu *Wall Of Sound* com todo aquele charme e fascínio, o Brill Building — edifício na Broadway que concentrava selos, editoras, empresários, produtores, arranjadores e compositores — não teria o lustro histórico que tem, a Red Bird seria apenas uma entre tantas gravadoras independentes e, mais grave, jamais conheceríamos muitas das mais fascinantes canções já escritas. Pode-se imaginar a vida sem "Chapel Of Love" (Dixie Cups), "Hanky Panky" (Tommy James & Shondells), "Doo Wah Diddy" (Manfred Mann), "Leader Of The Pack" (Shangri-Las), "River Deep Mountain High" (Ike & Tina Turner), "Be My Baby", "Baby I Love You", "I Can Hear Music" (Ronettes), "Then He Kissed Me" e "Da Doo Ron Ron" (Crystals,)? A lista é infinita.

No mitológico Brill Building — onde dividia um escritório com outros compositores contratados pela editora Trio Music — Ellie estabeleceu parcerias com Tony Powers e Jeff Barry e contatos com todo o universo musical de Nova York. O ano de 1960 revelava uma drástica mudança na música pop. O rock'n'roll definhava. Surgiam os grupos vocais femininos. Phil Spector iniciava suas luxuriantes produções independentes, criando um ano depois sua revolucionária Philles Records. Ellie escrevia seu primeiro hit, "He's Got The Power", para The Exciters, ao mesmo tempo que a Jubilee Records editava comercialmente suas *demos* sob o nome The Raindrops. Depois, já integrados à profícua produção de Spector, Ellie e Jeff Barry passavam todo tempo trancados no estúdio Gold Star de Los Angeles, compondo e produzindo aqueles imaculados discos para Ronettes, Darlene Love, Crystals, Bobby B. Soxx e Righteous Bros.

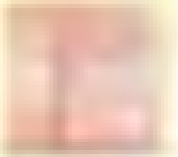
Dois anos e vários hits depois, Jeff e Ellie foram se juntar ao selo Red Bird de Nova York, criado por Mike Stoller, Jerry Leiber e George Goldner, no início de 64. Surgiu um brilhante compositor/produtor, George "Shadow" Morton, que, sob a proteção de Ellie, integrou o *staff* da Red Bird e produziu as Shangri-Las. Uma nova corrente de hits, com Dixie Cups, Butterfly, Shangri-Las e Jelly Beans, colocou a Red Bird entre os selos de maior sucesso da época. No final de 65, o casamento de Ellie e Jeff ruiu; Ellie criando sua própria editora musical (Tallyrand) e descobrindo um grande talento: Neil Diamond. Ela o levou para o selo Bang de Bert Berns, no qual produziu todos os seus discos. A associação Ellie/Diamond acabou numa batalha judicial pelos direitos das obras, que durou mais de dez anos. Em 67, Bob Crewe lhe ofereceu um contrato para gravar um LP e um single pelo selo UA. Em 68, iniciou seu envolvimento na produção de jingles, atividade que mantem até hoje. Somente em 73 Ellie foi ressurgir com um LP gravado pela MGM/Verve. Acreditava-se que poderia repetir-se o fenômeno Carole King, que, depois de muitos anos como compositora, se tornou um sucesso incomum como interprete, a partir do LP *Tapestry*. Fora um single, tirado do LP, que foi hit na Europa e no Japão, a "nova" carreira de Ellie não deu em nada. Em 85, estreou na Broadway a peça musical *Leader Of The Pack*, uma biografia de Ellie transposta para o palco, com a participação da própria Ellie, começando no teatro aos 45 anos de idade, mais a sublime Darlene Love. Uma magnífica homenagem. Ela é provavelmente a única personalidade da música pop a ter em vida, sua biografia encenada numa grande peça musical. Existe algum outro que mereça tal distinção? Não importa. Tudo que fizerem por Ellie Greenwich será mínimo, perto do que ela tem feito por nós. Suas atividades mais recentes tem sido esporádicas, participou do primeiro LP do Blondie e de *She's So Unusual*, de Cyndi Lauper, para quem compôs mais algumas canções, além de colaborações com Clarence Clemmons e Ellen Foley, entre outros. No mais, continua escrevendo seus jingles, como a maioria dos seus colegas do Brill Building.

RONE FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

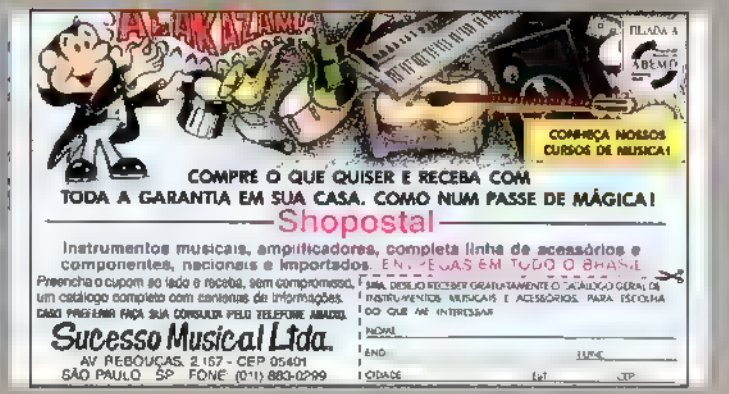
O trabalho de Ellie como compositora e produtora pode ser apreciado num sem-número de discos, dos Ronettes, Manfred Mann, Ike & Tina Turner, Crystals, Shangri-Las e muitos mais. Como cantora e intérprete, ela nos deixou somente um punhado deles, sendo mais representativos os LPs:

The Raindrops (Jubilee, dez.'63)
Composes, Produces & Sings (UA, abr.'68)
Let It Be Written, Let It Be Sung (MGM/Verve, maio'73)
Leader Of The Pack
(álbum duplo/trilha original da peça, com Ellie, Darlene Love e outros — Elektra, 85)



Em esplendor azul, o trio vocal Ronettes, para quem Ellie, seu marido Jeff Barry e o lendário Phil Spector compuseram gemas como "Baby, I Love You" e "Be My Baby". Abaixo, Ms. Greenwich de óculos escuros

SHOPPING



DISCOS

JAMMIN' VARIOS (MANGO/POLYGRAM) / TAXI FARE SLY & ROBBIE / GUESS WHO'S COMING TO DINNER BLACK UHURU (HEART BEAT ELDORADO)

Prepare-se para um lauto banquete de reggae da melhor qualidade, capaz de apetecer ate quem não se entusiasma muito pelo genero. O prato principal não poderia deixar de ser a coletânea dupla *Jammin'*. Ela traz um excelente painel do ritmo jamaicano ao longo de suas 23 faixas que, independentemente de sua importancia historica ou de estarem dispostas em ordem cronológica, formam um conjunto que beira a perfeição em sua diversidade. Numeros considerados classicos convivem em absoluta harmonia com canções gravadas quase duas decadas depois, mostrando as mais variadas matizes do reggae.

No setor das reliquias, pode-se citar três joias, todas gravadas em 68 e levando a assinatura do produtor Leslie Kong (o primeiro a registrar os trabalhos de Jimmy Cliff e Bob Marley). "Israelites", de Desmond Dekker, aborda o êxodo biblico sob o ponto de vista dos rastafaris e foi o primeiro reggae a figurar nas paradas americanas e inglesas. Por sua vez, Toots & The Maytals apresentam-se com "54-46 (That's My Number)", que relata a experiencia do vocalista Toots Hibbert na prisão por porte de *marijuana*, enquanto "Long Shot Kick De Bucket", dos Pioneers, completa o trio de registros antológicos do álbum. Estas gravações retratam apenas alguns dos primeiros passos do reggae, com suas raizes fundamentadas no *ska* e no *rock steady*, mas ainda há muito mais. Outros veteranos estão representados por músicas mais recentes, como The Slickers e The Heptones, respectivamente com "Johnny Too Bad" (72) e "Book Of Rules" (73), além de uma canção de Cliff ("You Can Get It If You Really Want", de 72) e outra de Marley ("Jammin'", de 77).

Um ponto de destaque do álbum são as versões de músicas de outros compositores. Não só uma resposta àqueles que se inspiraram diretamente no reggae, como Eric Clapton ("Wonderful Tonight", com Kotch) e Sting ("The Bed's Too Big Without You", com Sheila Hylton), mas também em criativas releituras de canções de Randy Newman ("Baltimore", com The Tamlins) e Sly Stone ("Somebody's Watching You", com o Black Uhuru).

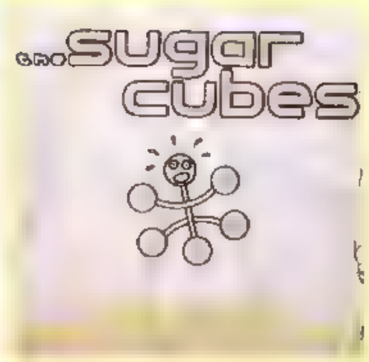
O desfile de grandes produtores/arranjadores continua com Lee "Scratch" Perry — na versão original de "Police & Thieves", gravada pelo Clash, com Junior Murvin —, Bunny Wailer (em "Electric Boogie", com Marcia Griffiths) e em cinco faixas guiadas pelos "riddims" de uma das melhores cozinhas do reggae: o baterista Sly Dunbar e o baixista Robbie Shakespeare.

E chegada a hora da sobremesa e ela segue ao sabor dos *dubs* de Sly & Robbie com o LP *Taxi Fare* (86). Trata-se de uma compilação de faixas que a dupla gravou com vários vocalistas — inclusive "Sitting And Watching", de Dennis Brown e a versão dos Tamlins que também constam do *Jammin'* —, além de vários números instrumentais que eles editaram pelo seu selo e produtora Taxi (fundada no fim dos anos 70 e responsavel pelo lançamento de varios músicos jamaicanos).

A última porção de quitutes chega através do primeiro LP produzido por Sly & Robbie para a Taxi: a compilação *Guess Who's Coming To Dinner*, do Black Uhuru. Lançada originalmente em 79 com o nome de *Showcase*, ela foi reeditada dois anos depois, apresentando os primeiros *singles* da fase áurea do trio — quando a vocalista americana Sandra "Puma" Jones se agregou a "Duckie" Simpson e Michael Rose, imprimindo personalidade definitiva ao som do grupo. Para comprovar, basta ouvir "General Penitentiary", "Abortion", ou mesmo a faixa-título.

Em resumo, um cardápio repleto das mais finas iguarias da musica jamaicana, mais que suficiente para saciar qualquer apetite musical. Ideal para ser digerido junto a um bom punhado de *ganja*. E, por falar nisso, alguem aí disse "legalize it"?

CELSO PUCCI



HERE TODAY, TOMORROW NEXT WEEK! — Sugarcubes (One Little Indian/WEA) ▭

Em primeiro lugar, é preciso desfazer um equívoco, alardeado pela imprensa inglesa e imediatamente assimilado por aqui: este segundo LP *não* sepulta definitivamente a carreira da "grande revelação" de 87, até então considerada a última esperança de salvação para o pop.

Todos os elementos que fizeram do Sugarcubes um fenômeno do final da década continuam presentes: uma revisão dos clichês da música pop, temperados com tons exóticos e misteriosos; letras desconcertantes, entre o surreal e o infantil; e, sobretudo, a voz magistral de Björk, portadora de um fascínio incomparável.

O que falta a *Here...* é equilíbrio e perspectiva. A impressão geral é de que o grupo errou na dose, apostando na anarquia sonora, e pecando pelo excesso.

Dois fatores contribuíram decisivamente para a mudança: a entrada da tecladista Magga e, principalmente, o novo papel assumido pelo vocalista e trompetista Einar. Suas intervenções — breves e contidas em *Life's Too Good* — ganharam um destaque injustificável em quase todas as faixas, soterrando a voz de Björk com gritos e imprecações dignas de um LP de heavy metal. Magga, por sua vez, sobrecarrega leves canções pop com uma overdose de teclados, geralmente a serviço de efeitos supérfluos ou francamente deslocados. O resultado é uma poluição sonora sem precedentes no trabalho do grupo, destruindo faixas promissoras como "Nail", "Speed Is The Key", ou "Pump" — a canção que mais sofreu com a participação vocal de Einar.

É possível, porém, resgatar quatro bons momentos — que não chegam a tocar o brilhantismo de "Birthday" ou "Deus", ainda as melhores canções dos islandeses. "Planet" é a que chega mais perto, privilegiando as cordas num clima de mistério que lembra em muito o primeiro álbum. O encanto infantil de Björk reaparece em "The Bee" ("A Abelha") — desta vez, Magga acerta em cheio, emprestando a leveza necessária à canção. Restam ainda "Regina" e "Eat The Menu", ainda instigantes, apesar dos excessos.

Parece que, dessa vez, os cubinhos decidiram nos brindar com um bom compacto duplo. Mesmo assim, ainda estamos esperando um segundo LP...

Marisa Adán Gil

VIOLATOR — Depeche Mode (Virgin/WEA) ▭ ◯

Quebrando um silêncio de dois anos desde a gravação de *Music For The Masses*, os magos da sofisticação eletrônica chegam ao seu sétimo álbum de material original. Em dez anos de carreira, desde o galante futurismo inicial até seus flertes com a vertente pós-industrial, o grupo sempre primou pela exacerbação da técnica e com este LP lacra o seu ápice. Embora sem apresentar grandes novidades ou incursionar por aspectos mais inusitados, *Violator* cumpre com perfeição as diretrizes lançadas a partir de *Black Celebration* (86). Estão definitivamente exploradas todas as influências e reciclagens do Kraftwerk, numa releitura que une as facilidades do pop com experimentalismo.

F.N.

IN-A-GADDA-DA-VIDA — Iron Butterfly/MANASSAS — Stephen Stills (Atlantic/WEA) / **(TEN) YEARS TOGETHER — Peter, Paul And Mary** (Warner/WEA) / **HOTEL CALIFORNIA — The Eagles** (Elektra/WEA) ▭ ◯

Sinceramente, só uma falta absoluta de critérios para começar uma série alcunhada de "Discoteca Básica" com estes quatro álbuns. Talvez algum deles pudesse figurar na lista de algum fanático por grupos obscuros de hard rock ou *country music* diluída, mas daí a ser considerado essencial em nossas prateleiras, vai uma enorme distância. Para começar, a maior façanha conseguida pelo Iron Butterfly foi fazer da faixa-título (com dezessete minutos) deste LP, seu maior hit. Para quem aguentar, como brinde um solo de bateria de dois minutos e meio. Ainda dos anos 60, vem a coletânea do trio vocal Peter, Paul And Mary, bem conhecido por suas versões açucaradas de Bob Dylan, Pete Seeger e outros. Nada de excepcional. Ao adentrarmos pela década de 70, as coisas não ficam mais animadoras, o álbum duplo *Manassas*, infelizmente, não é dos melhores na irregular discografia solo de Stephen Stills, enquanto o platinado *Hotel California* só prova que os Eagles nunca transcenderam o comercialismo rasteiro em seu *country rock*. Sabendo-se que na próxima fornada está incluído o LP *Dirty Mind*, de Prince, ficam registradas aqui mais três sugestões da *Discoteca Básica* BIZZ, o primeiro álbum dos Doors, *Forever Changes*, do Love e *Astral Weeks*, de Van Morrison, todos do catálogo da mesma WEA.

CP

GENERATE — Vários (Play It Again Sam/Eldorado) ▭

Até o fim dos anos 70, a Bélgica era tida como mero apêndice cultural da França, carente de qualquer expressividade. Hoje, graças à EBM, *new beat* e outras formas autóctones de pop e eletrônico, sua situação é outra. Nesse sentido, tal coletânea serve para atestar a força das bandas belgas e também permite uma breve avaliação das formações estrangeiras lá "exiladas". Há de tudo um pouco: *dance music* eslava (Borghesia), *synth rock* aciduiado (Legendary Pink Dots), *cyberpunk* (Cassandra Complex), industrialismo gay (à: GRUMH...), folk bretão (Bill Pritchard) e — o melhor — a porrada sônica dos Young Gods.

A.G.C.D.

CHARMED LIFE — Billy Idol (Chrysalis/EMI-Odeon) ▭

Billy, o cara para quem foi inventado o termo "punk de boutique", escapou do "Los Angeles Way Of Life" e encanou que é Jim Morrison. Descontada a discreta pretensão, até que o disco é legal, rock'n'roll básico semieletrônico com as letrinhas "sou durão, mas no fundo tenho coração de praxe. "Pumping On Steel" é a trilha perfeita para "enfiar seu carro num poste e "Loveless" é bacaninha. Até a cover de "L.A. Woman" não é o horror que se esperava. Se o teu negócio é velocidade, compre sem pensar.

AF

PUMP UP THE JAM (THE ALBUM) — Technotronic (Toco/PolyGram) ▭ ◯ / **ITALIA (DANCE MUSIC FROM ITALY) — Vários** (RCA BMG-Ariola) ▭

Alexandre, Napoleão e Hitler só não conquistaram o mundo porque não sabiam cantar em inglês. Os novos aspirantes a líderes do mercado de música pop mundial, ao contrário, sabem que até mesmo países de Terceiro Mundo, como o Brasil, sucumbem ao dialeto yankee. É desse modo que uma coletânea de *italian disco* consegue parecer tudo, menos música italiana, enquanto o projeto de um produtor belga e uma cantora do Zaire acaba sendo confundido com a última novidade da *dance music* britânica. O Technotronic é um coquetel de *new beat* e *house music* que pode ser servido como opção às saladas da *acid house*. Já a coletânea *Italia*, distante de lembrar a *latinidad* da lambada, sampleia Chic, Kraftwerk e tenta soar como uma antologia de cantores negros nova-iorquinos produzidos nos estúdios de Chicago. Black Box, Dr Zarkhov e Kekkotronics se destacam. Os demais testam as fronteiras entre o mau gosto e o gosto nenhum.

M.P.

VIGIL IN A WILDERNESS OF MIRRORS — Fish (EMI-Odeon) ▭

Apesar da boa estreia do vocalista Steve Hogart no Marillion com o LP *Seasons End*, deu para se notar que o grupo perdeu muito, pois Fish era a marca registrada de sua linha progressiva. O que se confirma neste primeiro álbum solo do ex-Marillion, com direito ao som, capa e letras, a lembrar os caminhos já percorridos com muito mais criatividade pelo Genesis (vide "Big Wedge" e "Family Business", em que até a seção de metais lembra Phil Collins). Só para fãs incondicionais.

LR

I'M STILL HERE — Eartha Kitt (BMG-Ariola) ▭

Devemos esta surpresa à agência que pescou a faixa "My Discarded Men" ("Meus Homens Descartados") para embalar um comercial para a TV de uísque nacional. Mas o clima de cabaré esfumaçado desta canção — mais próximo da Eartha Kitt que nos anos 50, seduziu uma metade do planeta e escandalizou a outra — não predomina em *I'm Still Here*. Em conjunção semelhante à recente união Liza Minelli/Pet Shop Boys, a pantera negra se contorce, recosta e espreguiça numa cama tecnotrônica armada pelos Bronski Beat. Ou seja: sob encomenda para estimular desvarios nas pistas de dança dos clubes gay mais sofisticados do planeta.

J.A.L.

JOIN TOGETHER — The Who (Virgin/Emi-Odeon) ▭

De qual geração eles estão falando? Será a de seus contemporâneos *mods* que também envelheceram e não morreram ou a dos fãs que os acompanharam já como supergrupo a partir do final dos anos 60? Será que da geração de Paul Weller ou a da garotada fascinada por velhos dinossauros tocando em arenas? Na certa, só esta última é capaz de não se indignar com este registro em vinil da *tour* de 25º aniversário que eles empreenderam pelos EUA, em 89. O próprio Pete Townshend confessou: "Eu realmente não sei o significado deste álbum... não sei se quer dizer alguma coisa na história do Who". Três de seus seis lados trazem uma versão semi-integral da ópera *Tommy*, ficando o restante dividido entre velhos hits, babas dos últimos LPs do grupo, trabalhos solo de Townshend e uma inevitável canja de John Entwistle. Com Roger Daltrey completando o trio remanescente, eles executam burocraticamente este material, secundados por mais de uma dúzia de músicos acompanhantes. Melhor esquecer esta gororoba e colocar para rodar o LP *Live At Leeds* (70). Ou então ler a *Discoteca Básica* desta edição.

CP

CLANDESTINO — Ira! (WEA) ▭

Esse disco é muito chato. Excruciantemente chato. Ninguém que não seja fã de carteirinha do Ira! suportará mais que uma audição de *Clandestino*. É simples assim.

É um trabalho sujo dar um pau no Ira!, mas alguém tem de fazê-lo, e eu sou o cara indicado para isso. Sempre tentei gostar do Ira! e costumo me divertir paca nos shows deles — pelo menos nas partes rápidas. Nada de preconceitos idiotas, portanto. Segundo, não sou músico, o que quer dizer que eficiência técnica não me impressiona em nada. Três e importante: não sou amigo de ninguém do Ira!, não bebia com eles oito anos atrás nos Napalms da vida. E, finalmente, se o Nasi quiser me dar um soco depois de ler isso como fez aquela vez com o Pepe Escobar, saiba que sou alto, forte, luto caratê e não saio de casa sem minha Magnum.

Credenciais apresentadas, vamos lá. *Clandestino* é o pior disco do Ira!. Não tem os ocasionais elementos redentores de seus antecessores e mantém todos os defeitos — a saber, letras variando entre o amor juvenil e a militância secundarista, derivações de Who e Jam (e também de Led Zeppelin em "Efeito Bumerangue") e mais tentativas insistentes de André e Nasi de enfiarem hip hoppices onde não devem. Gravem um disco de hip hop pela Baratos Afins e parem de amolar, pô! A tara dos dois por música negra, aliás, ganhou agora uma variante hilária: o Ira! resolveu fazer um samba, quá quá quá. É "Cabeças Quentes", Paulinho da Viola com solos de guitarra. Que é que há, baixou o Lee Jackson e seu samba-rock?

"Tarde Vazia" você já ouviu no rádio e é o tipo de coisa que Edgard escreve quando está dormindo. "Consciência Limpa" xeroca "Pobre Paulista". "Boneca De Cera" é uma baladinha acústica soporífera. "Patroa" é frouxa.

Tudo é ruim, então? Não. Tirando as letras, "Efeito Bumerangue", "O Dia, A Semana, O Mês" e "Clandestino" são OK — rockões rápidos e pesados que lembram Made In Brazil e Harpia. É muito pouco para quem já fez "Farto De Rock'n'Roll". Ah, e supremo ridículo: o disco fecha com a velhusca "Nasci em 62".

Clandestino mostra um Ira! obsoleto e irrelevante. Tenho poucas esperanças para o próximo disco — mas todo mundo merece o benefício da dúvida. Vamos lá, rapazes. Façam o impossível. Me surpreendam.

André Forastieri

ELVIS VIVE — Jerry Adriani (Eldorado) [LP]

Primeiro, Jerry Adriani bolou um espetáculo: um musical-tributo a Elvis no qual cantaria alguns dos sucessos do "rei" branco do rock'n'roll. Em inglês, naturalmente. Depois, perdeu a chance por problemas com patrocinadores. Restou este disco, uma pseudo-trilha sonora da peça — com treze das quatorze faixas, cantadas em português. Se Elvis vive ou não, é uma outra história. Morto, deve se debater no túmulo ao ouvir "Cheque Sem Fundo" (versão de Mongol para "Blue Suede Shoes"). Vivo, deve preferir certamente a morte. *C.M.*

LLOYD COLE (Polydor/PolyGram) [LP]

Espertinho, Mr. Cole! Depois de abandonar suas comoções, ele estreia em carreira solo recrutando nada menos que o baterista Fred Maher (também co-produtor do LP) e o guitarrista Robert Quine, bem conhecidos por seus trabalhos com o Material e o grupo de Lou Reed, entre outros. Acontece que, mesmo secundado por esta dupla e gravando seu álbum em Nova York, Cole não conseguiu ir muito além da sonoridade de sua antiga banda. Daí a decepção ao se notar que, ao longo das treze faixas do disco, não houve nenhum rompante maior de ousadia ou inventividade tanto por parte dos músicos como de Cole. Um consolo: ele continua um *crooner* muito competente, mesmo por detrás daquela barbinha-por-fazer à la George Michael. *C.P.*

NOW IT CAN BE TOLD — Devo (Enigma/EMI-Odeon) [LP]

O Devo sempre foi um grande conceito de banda, que raramente cumpriu tanto quanto prometia — como os Tubes. Esse duplo ao vivo mostra bem isso. Apesar de delícias "Uncontrollable Urge", "Whip It Good" e "Shout", a redundância abunda, com as versões ao vivo fugindo muito pouco dos originais. Para possíveis fãs novos que o Devo possa ter ganho após seus shows no Brasil, vale mais a pena explorar os sebos em busca de LPs antológicos tipo *Are We Not Men?* e *Duty Now For The Future*. *A.F.*

COLUMBIA RIVER COLLECTION — Woody Guthrie (Rounder/Eldorado) [LP]

Assim como Leadbelly ficou para o blues, a voz e o violão de Woody Guthrie amarraram a linha-mestra do folk americano, sem a qual sequer existiriam Bob Dylan, Richie Havens, Bruce Springsteen e outros menos cotados. A importância desta coletânea reside em reunir gravações raras de Woody, feitas em 41 quando ele (então com 28 anos) registrou algumas canções para um documentário sobre uma companhia hidrelétrica do rio Columbia, no Oregon. Dentre elas, maravilhas como "Pastures Of Plenty", "Roll On Columbia", "Ramblin Blues" e "The Biggest Thing That Man Has Ever Done". Não perca. *C.P.*

11 — The Smithereens (Capitol/EMI-Odeon) [LP]

Curioso o mundo do rock'n'roll. Enquanto é feito o maior carnaval em torno dos Stone Roses, o novo "melhor grupo do planeta", os Smithereens seguem sua trilha num sentido absolutamente inverso e muito mais autêntico: o da despretensão. A comparação não é vã, pois assim como os mancebos de Manchester foram buscar seu modelo-mor nas harmonias e vocalizações dos Byrds, este quarteto de New Jersey também mergulhou fundo no som dos *sixties*. Só que suas influências principais — Who, Kinks, Searchers e principalmente os Beatles — não foram só assimiladas pelo grupo, mas revalorizadas e incorporadas com muita personalidade.

Este mérito decorreu não só das inspiradas composições do vocalista/guitarrista Pat DiNizio mas, de forma especial, pela extraordinária integração conseguida com os outros membros da banda — o guitarrista Jim Babjak, o baixista Mike Mesaros e o baterista Dennis Dicken —, guiando-se muito mais pela coesão do que por qualquer firula instrumental. Tais itens projetaram o grupo (depois de mais de oito anos de carreira) do restrito circuito *underground* para um público muito mais amplo neste seu terceiro álbum, *11*.

Com o título aludindo a uma obscura comédia com Frank Sinatra, Dean Martin e Sammy Davis Jr. — *Ocean's Eleven* (60) —, os Smithereens reafirmam neste disco sua intenção primeira: antes de arrogar-se qualquer tipo de "inovação", eles se rendem com integridade à cultura pop, simplesmente produzindo belas canções com riffs e refrões marcantes. Pode não parecer muito, mas os resultados desta postura despojada já são suficientes para colocá-los bem acima da média de grande parte das "novas sensações" do pop que são descobertas pela mídia especializada a cada dois meses.

De maneira diversa de seus dois LPs anteriores, produzidos por Don Dixon (R.E.M., Let's Active), *11* teve esta função a cargo do *expert* metálico Ed Stasium. Isso contribuiu para aumentar o peso do grupo, sem contudo prejudicar sua verve melódica, o que fica claro em faixas como "A Girl Like You", "Blues Before And After" e "Cut Flowers", sem contar as delicadas baladas, como "Blue Period" e "Kiss Your Tears Away". No fim, eu sei: é apenas *pop music*, mas eu gosto... *Celso Pucci*

WILD — Erasure (Mute/WEA) [LP] [CD]

Este álbum comprova que, sem dúvida, Vince Clarke descobriu a fórmula do tecnopop "rapidinho" que satisfaz plenamente o ouvinte de FM e ainda segura o pique numa pista de dança. Mas não tente prolongar o prazer: o longo convívio com as batidas repetitivas ou os teclados sem imaginação do Erasure pode levá-lo ao tédio absoluto. Na verdade, a única coisa que resiste a uma audição cuidadosa é a voz de Andy Bell, que transforma a festiva "Drama!" e a depechiana "Brother And Sister" nas faixas mais curtíveis desse disco. *M.A.C.*

STAIRWAY TO HEAVEN, HIGHWAY TO HELL — Vários (Mercury/PolyGram) [LP]

Metaleiros reunidos num disco em prol de uma cruzada americana-soviética contra as drogas e o álcool é algo que, a princípio, já soa meio suspeito. Ainda mais interpretando canções de músicos afetados por estes "problemas". Entre os escolhidos, vivos (Pete Townshend, Little Richard) ou mortos (Hendrix, Janis Joplin, Tommy Bolin), a ausência de Keith Richards foi sentida. No mais, podem causar profunda depressão drogas pesadas como Ozzy Osbourne entoando "Purple Haze" e Bon Jovi com "The Boys Are Back In Town", do Thin Lizzy, além do Drum Madness e o "filho ingrato" Jason Bonham (junto ao Skid Row, Motley Crue e Zakk Wylde) trucidando dois clássicos do Led Zeppelin: "Moby Dick" e "Rock'n'Roll". Diga não! *C.P.*

THE CAUTION HORSES — Cowboy Junkies (RCA/BMG-Ariola) [LP]

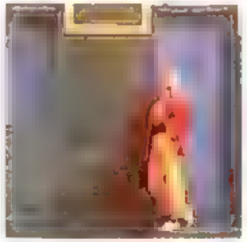
Retoma o *fading* tristonho dos Cowboy Junkies. Tendo se revelado em 89 com o rarefeito *The Trinity Session*, este segundo álbum mostra o grupo canadense dirigindo seus impulsos líricos rumo ao ponto neutro onde imanência e transcendência se confundem num único jogo de metamorfoses, inquietação e morte.

Ainda que o apuro técnico se instale através de um equipamento Sony PCM-3348 (na luxúria *state of the art* de seus 48 canais digitais) e — novamente — do microfone Calrec Ambisonic, *The Caution Horses* retém a espontaneidade que tanto nos encantou no LP anterior. Ou seja: nada de limagens ou *overdubs*, apenas os músicos tocando juntos no estúdio, num registro concluído basicamente em um só dia.

Em termos melódicos, desta feita os "vaqueiros viciados" viram o *country'n'western* que lhes recobria a pele ser absorvido até os ossos. Por sua vez, a trama quase evanescente dos instrumentos encorpou-se, ganhando tensão e palpabilidade. E embora o timbre cândido da voz de Margo Timmins continue sendo o charme da banda, as letras de seu irmão Michael já fazem por merecer igual atenção. Amargo cronista do cotidiano, seus versos matizados abrigam toda a sorte de personagens-perdedores; gente comum que, deslocando-se em *slow motion*, esbarra em desejos à deriva e imagens abismadas de uma subjetividade retalhada pelas lâminas da paixão.

É o que ocorre em "Where Are You Tonight?", em que a dor do abandono só se atenua à custa de um porre e do calor de um corpo fortuito. "Thirty Summers" expõe com perplexidade o dissipar do amor, "Mariner's Song" navega em lembranças perdidas, enquanto "Witches" traz uma Margo Timmins siderada, entregue à balbucios que externam prazer e medo. Consumando essa doce perturbação, o grupo dispara duas covers: primeiro, "Powderfinger" (de Neil Young), transmutada aqui numa comatosa balada rural, seguida de "You Will Be Loved Again" (Mary Margaret O'Hara), ambas guardiãs da mesma essência, da mesma obsessão sorumbática do amor visto como vício, que os Cowboy Junkies impõem sobre quaisquer resistências, com a sutileza da hipnose.

Arthur G. Couto Duarte



ENGUIÇO — Adriana Calcanhoto (CBS) [LP]

É um monumento à mediocridade dos tempos e ao poder da Rede Globo que pessoas sem talento como Marisa Monte e Adriana Calcanhoto façam algum sucesso. A estreia de Adriana é dolorosamente ruim e previsível, com a araponga dos pampas empurrando um repertório "eclético" com a barriga. Entre as "pérolas" estão uma versão acústica de "Caminhoneiro" e "Sonífera Ilha" em clima de piano-bar. Os vocais são uma espécie de "o pior de Gal Costa", e o instrumental é puro jazz-rock "brasileño", com Wagner Tiso e as habituais feras de estúdio. Nova Elis Regina? Nem em sonhos, querida. *A.F.*

ON AND ON (A RAPPERA INTRODUCED BY DOCTOR DRE & ED LOVER) — The Fat Boys (Tin Can Apple/PolyGram) [LP]

Ninguém leva a sério os Fat Boys. Especialmente agora, que o rap resolveu assumir ares de papo sério. Suas bocas grandes continuam contando vantagem. Dessa vez, descobriram como é fácil enrolar o ouvinte com uma faixa acid, um reggae, alguns *samples* carecas e imitações do Public Enemy. Tudo jogado entre seu tradicional campeonato de cuspe à distância e as inevitáveis piadas machistas. Rap eclético não é novidade: vide sete em cada dez LPs do gênero. Mas os patetas acham que estão abafando. Não são umas gracinhas? *M.P.*

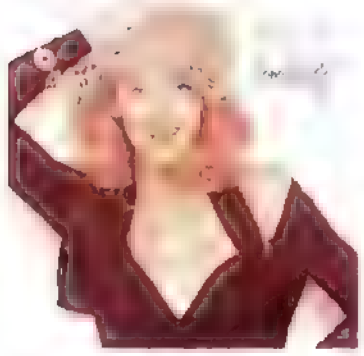
NEW ORLEANS BRASS BANDS — Vários (Rounder/Eldorado)

Reunindo quatro bandas praticantes do mais autêntico *dixieland*, esta coletânea traz um significativo painel deste estilo que, das ruas de New Orleans, foi o ponto de partida de todo o jazz. Esta tradição mostra-se devidamente preservada — e até atualizada — no som destes grupos, com especial destaque para The Dirty Dozen Brass Band misturando "Mardi Grass In New Orleans" com o tema dos Flintstones. *C.P.*

CARVED IN SAND — The Mission (Mercury/PolyGram) [LP] [CD]

O Mission está para o Black Sabbath como o Cult está para o Led Zeppelin: é menos um herdeiro espiritual e mais um pasteurizador. Mesmo assim, de vez em quando acerta, apesar da falta de senso de humor. No passado, deram dentro em "Tower Of Strength" e na cover de "Hurricane". No novo disco, é a vez da baladinha sombria "Butterfly On The Wheel" e das porradas "Into The Blue" (o elo perdido entre o Rainbow da fase Blackmore/Dio e os Bunnymen) e "Deliverance". Mas três boas músicas em dez é muito pouco. *A.F.*

Uma volta ao mundo em quatorze LPs, começando pela conexão África/Jamaica, a grande pedida é o LP **THE LION** (Virgin/EMI-Odeon), onde **Youssou N'Dour** demonstra em nove canções (a maioria cantada em senegalês) como é possível mesclar ritmos tradicionais e tecnologia sem cair nos clichês fáceis da *world music*. Destaque para a participação de Peter Gabriel na faixa "Shakin' The Tree". Na mesma vertente, mas com bem menos inspiração, aparecem [illegible] com [illegible] (EMI-Odeon): um insosso coquetel de som afro com elementos de reggae e pop, agregado a letras com mensagens "políticas". Já [illegible] vêm novamente co-produzidos por Chris Frantz e Tina Weymouth em seu segundo álbum [illegible] (Virgin/EMI-Odeon). O disco mostra que Ziggy ainda não conseguiu se livrar da imensa sombra musical do pai, mesmo quando se aventura pelo *toast* (como em "Look Who's Dancing"). **D**ois campeões de vendagens — o americano **Billy Joel** e o australiano [illegible] — comparecem com seus mais recentes LPs: **STORM FRONT** (CBS) e **ENJOY YOURSELF** (PWL/Stiletto). O primeiro traz a habitual ladainha romântica com tons políticos de Joel, enquanto Kylie apenas reedita a mesma fórmula musical pasteurizada de seu álbum de estreia, mais uma vez produzida pela tria Stock, Aitken & Waterman, os "Sullivan & Massadas" britânicos. **U**ma cubana radicada nos EUA — [illegible], ex-vocalista do Miami Sound Machine — e um cantor americano (**Sydney Youngblood**) associado a um produtor alemão (Claus Zundel) tentam fazer do *dance music* seu trampolim para o sucesso, respectivamente em [illegible] (Epic/CBS) e **FEELING FREE** (Circa/EMI-Odeon). A pobre Gloria tropeça leia em três baladas cantadas em português que lembram uma Fala de Belém com sotaque *cucaracha*, ao passo que a melhor coisa do disco de Sydney é sua versão *house* para "Ain't No Sunshine", de Bill Withers. **O** selo independente Musix coloca no mercado quatro discos de grupos italianos que, apesar das tendências diversas, têm ao menos um ponto em comum: a mediocridade [illegible], da banda [illegible] é uma baba com intenções dançantes, **SONG FOR LAURA** e **BODY MUSIC** dos **Elio's Friends** trazem um *musak* adequado para salas de espera em consultorios dentarios e [illegible], do quinteto heavy [illegible], não passa de uma copia mal ajambrada de seus similares americanos. **N**a área do metal, bom mesmo é o relançamento pela Vertigo/PolyGram do [illegible] de 86, um dos melhores álbuns do **Metal** [illegible] já editado por aqui anteriormente pela RGE. No fim da viagem, a aterrissagem é meio tolçada com os LPs **CLANDESTINOS** (E&A), do duo mineiro [illegible] uma espécie de encontro entre Beto Guedes e Chitãozinho & Xororo — e **CARAS** (Continental), do grupo **Roma**, uma prova capaz de que os inimigos do Rei atinal encontraram rivais à altura em termos de babaquice (vide faixas como "Macreia" e "Elefunk").



GRAVADORAS INDEPENDENTES

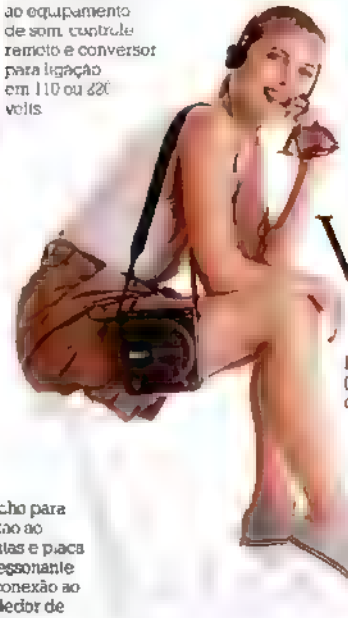
Discman

O mais versátil e único CD Player portátil do Brasil.

COMPACT disc DIGITAL AUDIO

Vai pra casa.

Cabo de ligação ao equipamento de som, controle remoto e conversor para ligação em 110 ou 220 volts.



Vai com você.

Fone de ouvido (opcional), alça e pilhas comuns.

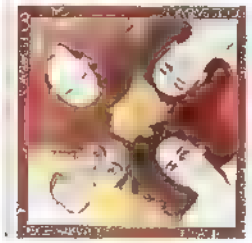
Vai pro carro.

Cartucho para conexão ao toca-fitas e placa anti-ressonante com conexão ao acendedor de cigarros (opcional)

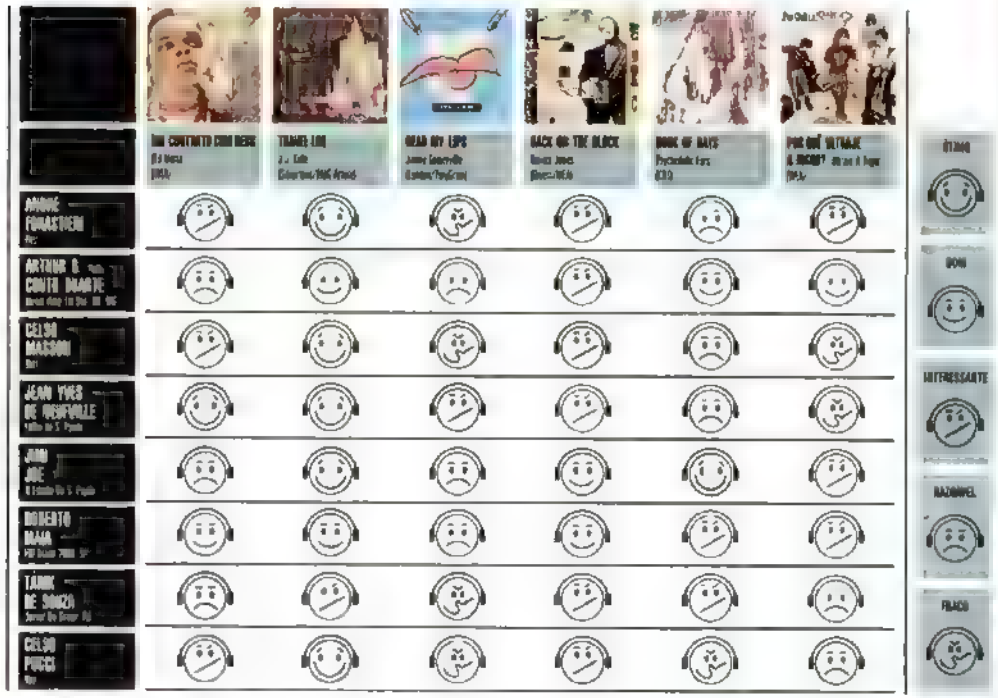
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

SONY
LÍDER MUNDIAL EM DIGITAL AUDIO

Na seleção deste mês, o conjunto de lançamentos de maior destaque fica, indubitavelmente, por conta de quatro títulos da Island/WEA. Para começar, dois CDs do **U2**, da tempo em que o messianismo bocó ainda não havia dominado totalmente a música de Bono Vox & cia. e o som do grupo apontava para direções promissoras. O melhor deles é seu álbum de estréia, **BOY** (80), talvez o mais inspirado do quarteto irlandês, seguido pelo disco ao vivo **UNDER A BLOOD RED SKY** (83), com versões de músicas de seus três primeiros LPs. Outra edição relevante é a de **KAYA** (78), de [illegible] **And The Wail**— um dos pontos altos de sua discografia, enquanto a também jamaicana **Grace Jones** comparece com seu primeiro LP — **PORTFOLIO** (77) — que a projetou como a musa das pistas de dança em pleno florescimento da era *disco*. Além disso, convém notar o lançamento do mais recente LP de [illegible] (Polydor/PolyGram), um trabalho digno apesar de não se comparar ao melhor da produção do compositor irlandês. Por sinal, uma edição bem melhor que a de **REI MOMO** (Warner/WEA), apresentando **David Byrne** e seu som latino "para americano ver". Melhor ficar com **OS DOCES BÁRBAROS** (Philips/PolyGram), de **Caetano, Gal, Gil** e **Bethânia** ou com [illegible] (Warner/WEA), de



CELSO PUCCI

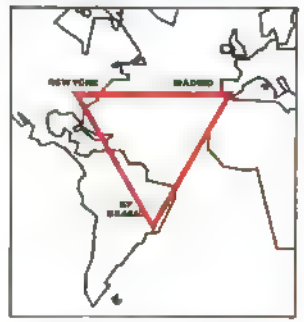


Record Runner

TUDO PARA QUEM TEM DISCO NA VEIA.

- Só importados, dos anos 50 aos 90.
- LP's, Maxi-singles, CD's, vídeos e posters.
- Raridades: pictures disks, edições limitadas e reedições exclusivas.
- Encomendas especiais. Lançamentos simultâneos.

New York: 5 Jones St.



Madrid: San Bernardo 5.

- Sedex a cobrar. Entrega urgente.

Sintonize o nosso espírito: PROGRAMA RECORD RUNNER, toda quarta-feira, às 20:00 hs, na Brasil 2000-FM 107.3, com a programação mais exclusiva da rádio brasileira.

AV. FARIA LIMA, 1684 - SHOPPING VITRINE - SOBRELOJA 37 - TEL.: (011) 813-3017 - CEP 01452 - SP - BRASIL.

Diskrunner: (011) 815-0630 Ligue e faça sua ficha. Você vai receber pelo correio uma listagem com os estilos e títulos de sua preferência.

Record Runner A LOJA DE QUEM ENTENDE.

O quarteto **Trip Shakespeare** parece saído de algum canto dos anos 60, com uma sonoridade *country folk* que vai dos Byrds ao Buffalo Springfield, passando por ingleses como Stealers Wheel e Incredible String Band. Na verdade, a banda saiu de Minnesotta e tem muito mais a oferecer do que simples nostalgia, apesar do título sintomático do seu álbum, **ACROSS THE UNIVERSE** (A&M). Quando deixa as "influências" de lado e mergulha em alguns *grooves* de r&b, o grupo dá esperanças de novos ares ao rock americano. Só a meditativa "Snow" já vale o preço do disco.

JOSÉ EMÍLIO RODRIGUES

Não é só da grande projeção alcançada pelos Sugarcubes que vive o *cult label* One Little Indian. Ao lado de seus novos contratados — What Noise?, Hearthrobs, Hame Mute Drivers — brilha a onírica sonoridade dos **Kitchens Of Distinction**. Sua estréia no LP **LOVE IS HELL** mostra-se como uma lisérgica sombra do Teardrop Explodes refletindo a sonoridade dos Cocteau Twins e as perturbações de Monochrome Set e Jesus & Mary Chain. O resultado é a sinuosa e por vezes fulminante magia do trio.

Após excelentes gravações pelo selo Homestead, o trio americano **Volcano Suns** se picou para o SST, onde fez sua estréia com um tremendo álbum duplo. **THING OF BEAUTY** reúne vinte canções que exorcizam os fantasmas do rock tradicional para depois reencarná-los em formas nada usuais. Insuspeitas melodias líricas, uma insofismável tendência *punkster* e lembranças do Husker Du são alguns dos ingredientes desta convivência mágica e surpreendente.

FERNANDO MAFORANO

Imagine que os portugueses conseguitam seu intento: anexaram o Japão às suas colônias e, para trabalhar nos arrozais, importaram escravos da África. Os séculos se passam, e agora, em 90, do novo Japão luso-afro-asiático emerge... **Ryuichi Sakamoto**. Se este curto-circuito histórico — não de todo implausível — tivesse acontecido, o LP **BEAUTY** (Virgin) teria mais explicações, mas não seria a refrescante surpresa que é. Num mundo em que a *world music* em geral significa ou um glossário de "exotismos" ou um manual de expropriação cultural, Sakamoto, seus sambas nipônicos e reggaes asiáticos (com a ajuda de Arto Lindsay e Youssou N'Dour, entre outros) tem a delicadeza da inteligência.

[illegible]

Engatando-se através de uma região absurda e extremamente inóspita, o trio canadense **Skinny Puppy** faz do choque sua principal arma. **BABIES** (Nettwerk), o mais recente LP da gangue, propaga seu peculiar meta-ruído por meio de vocais desagregados, colagens metálicas, rajadas de *synths* e guitarras de rapina (cortesia de Al Jourgensen, do Ministry). Nesse pesadelo em nove partes, merece citação a faixa "Worlock", que ganha ar sinistro ao incluir a voz sampleada de Charles Mason recitando nada mais nada menos do que a letra de "Helter Skelter", dos Beatles, a famigerada canção que o "inspirou" para o assassinato da atriz Sharon Tate.

ARTHUR G. COLTO DUARTE

GRÁTIS
TODOS OS
MESES.
FICHAS DO ROCK
PARA VOCÊ
COLECIONAR.

A revista Bizz está trazendo a história do rock em fichas, para você destacar e colecionar.
Em cada edição, você tem 8 fichas variadas, com uma foto incrível na frente e a história dos ídolos no verso.
As fichas do rock são mais uma novidade dos 5 anos de Bizz e, a partir de agora, fazem parte integrante da revista.

REVISTA
BIZZ

EDITORA
AZUL

PARADA BZ

EMI-Odeon

LEITORES

1. *As Quatro Estações* (2) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
2. *Alívio Imediato* (3) — **Engenheiros do Hawaii** — BMG-Ariola
3. *Big Bang* (7) — **Paralamas do Sucesso** — EMI-Odeon
4. *O Blésq Blom* (1) — **Titãs** — WEA
5. *The Album* (N) — **Technotronic** — PolyGram
6. *In Brazil* (6) — **Bon Jovi** — PolyGram
7. *Information Society* (R) — **Information Society** — Stiletto
8. *Stay* (4) — **Oingo Boingo** — WEA
9. *A Night To Remember* (11) — **Cyndi Lauper** — CBS
10. *Todos Os Lados* (4) — **Capital Inicial** — PolyGram
11. *...But Seriously* (N) — **Phil Collins** — WEA
12. *Moon To Moon* (13) — **Kon Kan** — WEA
13. *Alive* (R) — **Oingo Boingo** — WEA
14. *All Or Nothing* (R) — **Milli Vanilli** — BMG-Ariola
15. *The Stone Roses* (N) — **Stone Roses** — BMG-Ariola
16. *Look Sharp* (N) — **Roxette** — EMI-Odeon
17. *Italia* (N) Dance Music From Italy — **Vários** — BMG-Ariola
18. *Cosmic Thing* (N) — **B-52's** — WEA
19. *Summer House Hits* (N) — **Vários** — PolyGram
20. *Candleland* (N) — **Ian McCulloch** — WEA

Fontes: Billboard (EUA), Melody Maker e New Musical Express (GB), de 5 a 15/05/90. Para a Parada dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 25/05/90

LOJAS

1. *ChangesBowie* (N) — **David Bowie** — EMI-Odeon
2. *Slip Of The Tongue* (1) — **Whitesnake** — EMI-Odeon
3. *As Quatro Estações* (6) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
4. *The Album* (14) — **Jive Bunny & The Mastermixers** — BMG-Ariola
5. *The Album* (R) — **Technotronic** — WEA
6. *Worldbeat* (N) — **Kaoma** — CBS
7. *The Stone Roses* (16) — **Stone Roses** — BMG-Ariola
8. *Plural* (N) — **Gal Costa** — BMG-Ariola
9. *Violator* (N) — **Depeche Mode** — WEA
10. *Still* (N) — **Joy Division** — Stiletto
11. *Brasil* (19) — **Ratos De Porão** — Eldorado
12. *GN'R Lies* (5) — **Guns N' Roses** — WEA
13. *Travel-Log* (18) — **J.J. Cale** — BMG-Ariola
14. *Pump* (R) — **Aerosmith** — WEA
15. *Trial By Fire* (2) *(Live In Leningrad)* — **Yngwie Malmsteen** — PolyGram
16. *Here Today, Tomorrow, Next Week!* (N) — **Sugarcubes** — WEA
17. *Wild!* (N) — **Erasure** — WEA
18. *Lloyd Cole* (N) — **Lloyd Cole** — PolyGram
19. *Reading, Writing And Arithmetic* (N) — **Sundays** — Stiletto
20. *Rotting* (N) — **Sarcófago** — Cogumelo

LPs (EUA)

1 (N) *I Do Not Want What...* — **Sinead O'Connor** (Ensign)
2 (N) *Please Hammer Don't Hurt 'em* — **M.C. Hammer** (Capitol)
3 (2) *Rhythm Nation 1814* — **Janet Jackson** (A&M)
4 (4) *Soul Provider* — **Michael Bolton** (Columbia)
5 (N) *Brigade* — **Heart** (Capitol)
6 (5) *Nick Of Time* — **Bonnie Raitt** (Capitol)
7 (1) *Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
8 (N) *Violator* — **Depeche Mode** (Sire)
9 (N) *Poison* — **Bell Biv Devoe** (MCA)
10 (N) *Pump* — **Aerosmith** (Geffen)

LPs (GB)

1 (4) *...But Seriously* — **Phil Collins** (Virgin)
2 (N) *Only Yesterday* — **The Carpenters** (A&M)
3 (N) *Now That's What I Call Music 17* — **Vários** (EMI/PolyGram)
4 (N) *Behind The Mask* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
5 (3) *Vivaldi Four Seasons* — **Nigel Kennedy** (EMI)
6 (N) **Allanah Myles** (Atlantic)
7 (N) *Life* — **Inspiral Carpets** [illegible]
8 (N) *Brigade* — **Heart** (Capitol)
9 (N) *Charmed Life* — **Billy Idol** (Chrysalis)
10 (N) *Labour Of Love II* — **UB 40** (DEP International)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Life* — **Inspiral Carpets** (Mute)
2 (6) *Bummed* — **Happy Mondays** (Factory)
3 (N) *The Good Son* — **Nick Cave** (Mute)
4 (2) *The Stone Roses* — **Stone Roses** (Silvertone)
5 (N) *Repeater* — **Fugazi** (Dischord)
6 (N) *Lovegod* — **Soup Dragons** (Big Life)
7 (6) *Violator* — **Depeche Mode** (Mute)
8 (N) *Alvin Lives In Leeds* — **Vários** (Sperm)
9 (N) *The Internationale* — **Billy Bragg** (Utility)
10 (N) *We Care A Lot* — **Faith No More** (Slash)

Compactos (EUA)

1 (N) "Nothing Compares 2 U" — **Sinéad O'Connor** (Ensign)
2 (N) "Vogue" — **Madonna** (Sire)
3 (N) "All I Wanna Do Is Make Love To You" — **Heart** (Capitol)
4 (N) "I Wanna Be Rich" — **Calloway** (Solar)
5 (N) "Hold On" — **Wilson Phillips** (SBK)
6 (N) "Sending All My Love" — **Linear** (Atlantic)
7 (N) "Alright" — **Janet Jackson** (A&M)
8 (N) "How Can We Be Lovers" — **Michael Bolton** (Columbia)
9 (8) "Don't Wanna Fall In Love" — **Jane Child** (Warner Bros.)
10 (N) "Poison" — **Bell Biv Devoe** (MCA)

Compactos (GB)

1 (N) "Vogue" — **Madonna** (Sire)
2 (N) "Opposites Attract" — **Paula Abdul** (Siren)
3 (N) "Killer" — **Adamski** (MCA)
4 (N) "Dirty Cash" — **Adventures Of Stevie V** (Mercury)
5 (N) "A Dream's A Dream" — **Soul II Soul** (10)
6 (N) "Black Velvet" — **Alannah Myles** (Atlantic)
7 (N) "Better The Devil You Know" — **Kylie Minogue** (PWL)
8 (N) "Something Happened On The Way" — **Phil Collins** (Virgin)
9 (N) "Wild Women Do" — **Natalie Cole** (EMI)
10 (N) "November Spawned A Monster" — **Morrissey** (HMV)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Step On" — **Happy Mondays** (Factory)
2 (N) "Glider" — **My Bloody Valentine** (Creation)
3 (N) "Play" — **Ride** (Creation)
4 (N) "Stepping Stone" — **The Farm** (Produce)
5 (N) "Staring At The Sun" — **Ultra Vivid Scene** (4AD)
6 (N) "Big" — **New Fast Automatic...** (Play Time)
7 (N) "Flibberdy Dibberdy Dob" — **Snuff** (Play Hard)
8 (N) "Peel Sessions" — **Happy Mondays** (Strange Fruit)
9 (N) "Pro-Gen" — **The Shamen** (One Little Indian)
10 (N) "Quilted" — **The Edsel Auctioneer** (Decoy)

Lojas consultadas: Cemitério Negro e Cogumelo Discos, Belo Horizonte), Baratos Afins, Musical Box e Woodstock Discos (São Paulo), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound e Sub Sombras do Janeiro

CONVENÇÕES
(R) Retorno
(N) Novidade
( ) Posição na Parada anterior

Qual é sua participação e impressionante? Escreva para BIZZ — Parada dos Leitores, Caixa Postal 60981, CEP 05063, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a contatá-lo.

LETRAS

MIDNIGHT OIL

BLUE SKY MINE

There'll be food on the table tonight
there'll be pay in your pocket tonight

My gut is wrenched out
it is crunched up and broken
my life that is lived
is no more than a token
who'll strike the flint upon the stone
and tell me why?

If I yell out at night
there's a reply of blue silence
the screen is no comfort
I can't speak my sentence
they blew the lights at heaven's gate
and I don't know why

But if I work all day on the blue sky mine
(there'll be food on the table tonight)
still I walk up and down
on the blue sky mine
(there'll be pay in your pocket tonight)

The candy store paupers lie to the shareholders
they're crossing their fingers
they pay the truth makers
the balance sheet is breaking up the sky

So I'm caught at the junction
still waiting for medicine
the sweat of my brow
keeps on feeding the engine
hope the crumbs in my pocket
can keep me for another night

And if the blue sky mining company
won't come to my rescue
if the sugar refining company won't save me
who's gonna save me?

But if I work all day on the blue sky mine
(there'll be food on the table tonight)
and if I walk up and down on the blue sky mine
(there'll be pay in your pocket tonight)

And some have sailed from a distant shore
and the company takes what the company wants
and nothing's as precious as a hole in the ground

Who's gonna save me?
I pray that sense and reason brings us in
who's gonna save me?
we've got nothing to fear

In the end the rain comes down
washes clean the streets of a blue sky town

MINA DO CÉU AZUL

Haverá comida sobre a mesa esta noite
haverá pagamento em seu bolso esta noite

Meu estômago foi torcido para fora
esmagado e partido
minha vida vivida
não mais que um vale
quem golpeará a pedra com a lasca
e me dirá o porquê?

Se eu grito à noite
há uma resposta de silêncio azul
a tela não é nenhum conforto
não posso dizer minha sentença
eles apagaram as luzes no portal do paraíso
e eu não sei por quê

Mas se eu trabalhar o dia todo na mina do céu azul
(haverá comida sobre a mesa esta noite)
ainda eu caminho para cima e para baixo
na mina do céu azul
(haverá pagamento em seu bolso esta noite)

Os mendigos da lojinha de doces mentem aos acionistas
estão cruzando os dedos
eles pagam aos fabricantes de verdades
a folha de balanço está partindo o céu

Assim sou aparhado no cruzamento
ainda à espera de um remédio
o suor de minha testa
continua alimentando o motor
espero que as migalhas em meu bolso
possam me manter por outra noite

E se a companhia de mineração do céu azul
não vier me resgatar
se a companhia de refinação de açucar não me salvar
quem vai me salvar?

Mas se eu trabalhar o dia todo na mina do céu azul
(haverá comida sobre a mesa esta noite)
e se eu andar para cima e para baixo na mina do ceu azul
(havera pagamento em seu bolso esta noite)

E alguns vieram velejando de uma margem distante
e a companhia toma o que a companhia precisa
e nada é tão precioso quanto um buraco no chão

Quem vai me salvar?
eu rezo para que o bom senso e a razão nos façam chegar
quem vai me salvar?
não temos nada a temer

No final cai a chuva
lava totalmente as ruas de uma cidade de céu azul

(Todos os direitos reservados)

ENTRE NO RÍTMO COM AS OFERTAS DA LOJA MÚSICOS.

Bateria Saema Roll Star I	28.000,-
Bateria Saema Prof. Line	39.000,-
Bateria Músicos Jr. Stage	66.500,-
Tumbadoras Raul (par) c/estante	41.000,-
Timbales Raul Prof. completo	22.000,-
Pedal Duplo Octagon (thin)	9.080,-
Bongo Luthier (amador)	2.300,-
Prato Zildannan 15" 5 Star	5.100,-
Prato Zildannan 18" 5 Star	7.900,-
Hi Hat Octagon 14" (par)	3.500,-
Prato Octagon 16" Crash	2.600,-
Prato Octagon 20" Ride	4.900,-
Prato Octagon 18" China	3.900,-
Caixa Músicos 6½ Stage	11.000,-
Caixa Gope 5½	5.900,-
Caixa Rodrigues 5½	3.900,-
Camiseta Fio Duplo	800,-
Jogo Peles Remo P. Stripe (5 peles)	11.200,-
Guitar GT 3020XR Dolphin (cap. ativo)	48.200,-
Guitar Pro Line I Giannini	34.600,-
Guitar 901 Strat Spanish	23.750,-
Guitar Strat Dolphin	16.150,-
Bass Precision Spanish	28.900,-
Bass Stratosonic Giannini	22.000,-
Ampli. Guitar AC Works 100W	35.140,-
Ampli. Bass Wector 350W	86.900,-
Ampli. Guitar Kute 15W	19.800,-
Pedal Super Over Drive Oliver	6.080,-
Pedal Chorus Oliver	7.790,-
Pedal Heavy Metal Chorus	3.250,-
Pedal Flanger Chorus	6.200,-
Cabo Sto. Angelo AC 10 5m	900,-
Microfone SM 58 Le-Som	8.900,-
Microfone 48 SD Vox	6.850,-

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ 30.07.90

Gostaria de receber a correspondência da Loja Musicos

Nome: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Tel.: _____

Cidade: _____

Estado: _____

Instrumento que toca: _____

CARTAS

NASI X ALEX

Eu concordo que é um saco alimentar polêmicas na seção *Cartas*, mas esta eu não agüentei. É sobre o Nasi, e são dois os motivos que me fizeram entrar nessa: primeiro porque o Nasi não é apenas um *leitor* da revista e, segundo, porque são totalmente infundadas suas acusações para cima do Alex Antunes (logo quem! Este que é o crítico mais razoável desta "adorável cafonália". Não me admiro que o Alex não tenha entendido patavina dos delírios do Nasi). Sobre a primeira parte da carta, bem, "o que passou, passou"... Mas vale registrar que o principal motivo que me faz leitor da BIZZ é ela não se intrometer em assuntos políticos.(...) Quanto a artistas se manifestarem, pude ver o Gil, o Djavan, o Paulinho da Viola e dezenas de outros. Já o Nasi...
Tudo bem, passemos à "gota d'água". As adjetivações torpedeadas contra o Alex não procedem. Mal consegui conter as gargalhadas quando surgiu a pérola "estilo stalinista" e a sinestésica "perfume yuppie". Dava até para sentir o aroma! (...) Desconfio muito de um cara cuja alcunha é "Nasi".

Frederico F. Fonseca, Belo Horizonte, MG

Muito esclarecedora a carta de Nasi, do Ira!, na edição de abril. Sim, ela é esclarecedora. O sr. Nasi fala em "democracia", mas se vê no direito de cercear a revista de falar o que quiser. (...) Eu sei que a BIZZ não é palanque, mas para analisar a "obra de arte" que é a carta do sr. Nasi é preciso notar conotações políticas. Ele quer "democratizar" a BIZZ. Já sabemos o que isso significa: tirar os críticos e colocar a "sociedade livremente organizada" no lugar. Eu sempre achei que as letras do Ira! fossem só ingênuas. Nunca imaginei que quem as canta fosse um sujeito desses.

Fabrício Müller, Curitiba, PR

PROTESTOS

Quero protestar contra a forma ofensiva e antiética com que a revista BIZZ tratou o grupo UHF na primeira vez em que se referiu ao nosso trabalho. O arrogante crítico Arthur G. Couto Duarte, através de poucas e mal traçadas linhas, prestou um desserviço ao UHF e aos leitores da revista (...) externando uma opinião preconceituosa e subjetiva, além de demonstrar grande ausência de sensibilidade, educação e cultura. (...) Isto só atrapalha o relacionamento dos músicos com a imprensa especializada e não contribui para a evolução da arte e da cultura num país tão carente.

José Barreto, Grupo UHF, Rio Claro, SP

Discordo em parte da crítica feita pelo sr. Arthur G. Couto Duarte sobre a banda gaúcha Cascavelletes (BIZZ 56). Concordo que o disco em si tenha sido mal elaborado, mas daí a dizer que "é inacreditável que uma gravadora possa perder tempo com tamanha bobagem" e taxar o grupo de "Polegar metido a besta", é uma crítica um tanto quanto exagerada e distorcida. Quem puder ouvir a fita dos Cascavelletes lançada pelo selo Vórtex poderá constatar que se trata de uma excepcional banda de rock e dona de um estilo inconfundível...

Alex Sandro Rodrigues, Sapucaia do Sul, RS

Arthur G. Couto Duarte, que fez a crítica do quarto disco do Capital Inicial, certamente não deve ter ouvido o disco todo. Se ouviu, foi sem a devida atenção. (...) A.G.C.D. cita a falta de identidade sonora, mas os tempos mudam assim como os arranjos e batidas das músicas. Uma coisa boa, pois os discos não ficam parecendo cópias de outros. É a voz que se destaca, dando a verdadeira identidade. (...) O crítico diz que o álbum é fraco. Para mim, fraca foi, sem dúvida, a crítica.

Carlos Perrone Pinheiro, Belo Horizonte, MG

Arthur G. Couto Duarte agradece todas as cartas e responde, pela ordem: *José Barreto, o choro é livre. Se a crítica não contribui para a evolução da arte e da cultura no país, o que dizer de versos como "De 60 a 90 tudo mudou/anta anos de batalha, muito rock'n'roll"? A fita dos Cascavelletes lançada pelo selo Vórtex eu realmente desconheço. Fiz a crítica de* Rock'A'Ula, *e não do primeiro trabalho do grupo. Quanto a "Polegar metido a besta", isso fica claro desde a capa até o encarte do disco. Quem se interessar pode conferir a foto e o nome do tecladista. Em relação à falta de identidade do Capital Inicial, é um fato que venho apontando desde a crítica que fiz de* Independência, *o segundo LP. Você tem o direito de não concordar, Carlos.*

Foi muita ignorância do crítico Carlos Eduardo Miranda dizer que o som do Cólera é infantil. A banda é excelente e superior a muitas outras do cenário punk internacional. Quanto às letras, serão de "extrema ingenuidade" os ideais pacifistas, ecológicos, e outros diretamente ligados ao movimento punk? (...) Pense um pouco mais e verá que sua crítica foi abjeta demais.

Rafael Mardini, Jaú, SP

Carlos Eduardo Miranda agradece sua carta e responde: *Sua opinião somente reitera minha idéia de que o Cólera faz músicas ingênuas para pessoas ingênuas.*

MELHORES DO ANO

Confesso ter ficado enjoado quando vi o mau gosto dos leitores no *Prêmio BIZZ Melhores do Ano*. A crítica foi perfeita. Mas os leitores têm de aprender a separar as coisas. Toni Bellotto não passa de mero arranjador. Se ele toca guitarra, deve tocar em casa. Além de várias outras coisas impensadas, isto me chocou bastante. Gostaria ainda de acordar o Ronaldo (Uns e Outros) de seu retardamento mental e dizer que a Legião Urbana já está em seu quarto disco e não pode ser revelação.

P.A.E.S.F., Belo Horizonte, MG

Honestamente, foi com imensa decepção que deparei com os vencedores do prêmio *Melhores de 89* segundo vossos (nós!!!) leitores (?). Ao que tudo indica, não aprenderam muito com a leitura da revista nestes seus cinco anos de adorável existência. (...) A total ausência de informação musical e senso de observação por parte dos leitores foi notada até pelos artistas eleitos. Eles só esqueceram de dizer que até esse pessoalzinho que compra a BIZZ se deixa manipular pela canalhice milenar da nossa mídia, limitando-se a escolher apenas os que estiverem em maior "evidência", bleargh! É muito chato constatar por exemplo que o "roquinho brasileiro" vai parar mesmo por aí, Titãs, Legião, quem mais? Ah! E o martinho dos pampas, aliás, do Havaí. Já que a tão esperada renovação dessa "tchurma" vai (segundo os leitores) ficar a cargo dos Amiguinhos do Rei, Um e Outro qualquer, afinal, quem se importa? A crítica talvez... mas só ela. (...) Por tudo isso, caros amigos, volto a expor minha profunda chateação em ver tanto esforço e empenho de vocês profissionais indo por água abaixo.

Marcos Salgado, Pindamonhangaba, SP

Li o encarte referente aos *Melhores do Ano* e me decepcionei. Categorias como melhor *LP*, *música*, *letrista*, que eu considero superimportantes, parece que não foram valorizadas pelos críticos. (...) Tirando pessoas como Fernando Naporano, Tárik de Souza e Leopoldo Rey que, se votaram bem ou mal, pelo menos expressaram sinceridade em suas votações, o resto parece que pegou um listão e entrou em uma fila única para votar. Se em um ano, doze meses, 365 dias, a melhor música que encontraram foi "Miséria", eu não sei se o Brasil está numa miséria em termos de músicas ou críticos. (...) Tudo bem, quem sou eu para criticar os críticos? Só que, de repente, eu olho a lista dos críticos e vejo o disco *As Paquitas* sendo votado como um dos melhores do ano!!! Se o Kid Vinil quis "pagar um sapo", ele o fez. Só que eu achava que era uma votação séria para os melhores discos, e não para as melhores "pernas" do Brasil! (...) Na relação dos dez melhores letristas, havia pelo menos quatro nomes melhores que o Arnaldo Antunes. Até nós, os leitores, "que sabemos menos sobre música", concordamos que o Renato Russo é melhor. (...) Por outro lado, aplaudo a crítica por várias razões: pela colocação de João Barone, Bi Ribeiro, John (Sexo Explícito), a do Renato Russo como melhor vocalista e por terem lembrado do Júlio César (Gueto) nessa categoria.

[illegible], Rio Claro, SP

Juro que fico espantada quanto aos atos da crítica desta ótima revista. (...) No suplemento *Prêmio BIZZ Melhores do Ano*, realmente deu para notar (em alguns casos) como a crítica é surda. (...) Na categoria show, vejo que os leitores escolheram o A-ha, com 26,3%, como o melhor (o que é bem justo) — eu votei no A-ha. E a crítica... ahhh... escolheu, em primeiro lugar, Nick Cave & The Bad Seeds, com 39 pontos. (...) Espero um dia entender vocês, críticos (...) Enquanto isso o A-ha prova ser o melhor à custa dos leitores.

Luciana Lauren Salcanha, São Paulo, SP

Os críticos (?) do Brasil parecem ainda não ter ouvido *Big Bang*. Continua o puxa-saquismo com os Titãs que, apesar de ser uma banda boa, não é a melhor. Ver "Adocica" entre as preferidas de Lorena Calabria é algo curioso!

Alessandra L.B.S. Andrade, Araçaju, SE

ED MOTTA, PARTE II

Ed Motta só disse bobagens na entrevista publicada pela BIZZ em março. Nas entrelinhas de sua verborragia desmedida, o clone de soulman demonstra possuir uma limitadíssima visão de música e arte. Afinal, ao insistir em uma pretensa inferioridade dos músicos de rock, ele insere-se na lista daqueles que ainda permanecem no limbo do anacronismo e da redundância. A história da música pop já nos demonstrou que não é o número de acordes o ponto determinante a fim de se ter um bom grupo de rock. Mais importante é a coesão e a originalidade. Três acordes bem construídos são mais importantes que cinquenta mal alinhados... Talvez o grande problema de Ed Motta seja o mesmo do tio Tim, na medida em que ambos desperdiçam seus enormes talentos através de excessos de estrelismo e de uma grandiloqüência técnica vazia e pasteurizada.

Marcos D. Teixeira, Caraguatatuba, SP

GRAVAÇÕES RARAS

Catálogo New Express - Raridades nacionais e internacionais. Francisco Ricardo da Silva, QI 6, cj. Z, casa 2, Guará I, CEP 71010, Brasília — DF

FANZINES

Zine Animal Racional A/C Luiz Carlos, r. II, 241/303, bl. A-12, CEP 31760, Belo Horizonte — MG

PARA TORMENTO DOS VIZINHOS, A LOJA MÚSICOS CRESCEU.

MUSICOS

Brazil Wholesalers - Rua Teodoro Sampaio, 825 Tel.: 282-6002/280-2556 - Pinheiros - Cep.: 05405
Percussion Center - Rua Teodoro Sampaio, 783 - Loja 20 Tel.: 883 0882/282 9582 - Pinheiros - Cep.: 05405
Distribuidora Nacional - Rua Barão de Melgaço, 222 Tel.: 843-6535/842-4273 - Morumbi - Cep.: 05684

DISCOTECA BÁSICA

THE WHO

THE WHO SELL OUT (1967)

Na definição de Pete Townshend, eles eram no começo "meramente caras com narizes grandes e genitais pequenos tentando estar nas manchetes". OK, mas eram *mods*, com suas roupas impecáveis e ar invocado, membros de um grupo da juventude britânica que afirmava sua personalidade através de um modo estilizado de se vestir, de um comportamento intempestivo, das gírias e, é claro, das preferências musicais — o soul da Motown e Stax.

Foi nesse ambiente onde circulavam no final de 63, ainda com o nome The High Numbers, que foram descobertos pelos então cineastas Kit Lambert e Chris Stamp. A dupla decidiu empresariá-los e, para isso, trocou seu nome pelo que usavam anteriormente — The Who. O próximo passo foi realçar a aura de rebeldia e violência que impregnava suas apresentações. Assim, Townshend — que já impressionava por suas incríveis peripécias no palco — passou a deixar um rastro de guitarras destruídas por onde o grupo tocava, assim como Keith Moon literalmente demolia o seu kit de bateria após cada show. O complemento ideal era garantido pela técnica calculada do baixista John Entwistle e a presença e voz potente de Roger Daltrey.

Ao longo de 65, surgiram os primeiros compactos da banda, clássicas composições de Townshend, como "I Can't Explain", "Anyway, Anyhow, Anywhere" e "My Generation", que, ao lado do álbum de estréia — *My Generation* —, os consolidaria como uma das sensações do rock britânico. No ano seguinte, uma nova sucessão de compactos, o segundo LP — *A Quick One* — e uma arrasadora tour pelos EUA projetaram definitivamente o nome daquele bando de malucos que tocavam incrivelmente alto, detonando os equipamentos e mesmo os hotéis por onde passavam. Eles estavam nas manchetes.

De volta à Inglaterra, o Who começou a preparar o terceiro LP, com a principal preocupação de abordar o relacionamento entre sua música e os meios de divulgação e consumo a ela associados. O resultado foi *The Who Sell Out*, que já revelava suas intenções a partir da capa: os quatro membros do grupo em anúncios (Pete com um desodorante, Roger mergulhado em feijão enlatado, Keith com um creme antiacne e John promovendo um curso de musculação). A banda assumia que era só mais um produto à venda.

Musicalmente, o LP foi concebido como se fosse um dos programas das rádios piratas que na época proliferavam em solo inglês, com as canções intercaladas por *jingles* e anúncios diversos. Desde a abertura, com o psicodelismo de "Armenia City In The Sky" (composta por Speedy Keen) até a longa canção final, "Rael (1 And 2)" — que prenunciava as óperas-rock que se seguiriam —, ficava claro que Townshend direcionava o Who para outras aventuras sonoras, além de suas obsessões *mod*. Músicas como "Tattoo", "I Can See For Miles" e, especialmente, a etérea "Our Love Was, Is" mostravam uma natural expansão da musicalidade do grupo, sem nunca perder contato com suas raízes.

Esse processo alcançaria a consagração popular com *Tommy* (68) — um fantasma que iria acompanhar a banda pelo resto de seus dias — e resultaria em mais dois álbuns essenciais: *Who's Next* (71) e *Quadrophenia* (73), este um derradeiro tributo à geração *mod*. A partir daí, apenas mais dois LPs menos expressivos até a morte de Keith, em 78. Os discos e *comebacks* realizados desde então só serviram como um triste e interminável epitáfio para uma carreira tão gloriosa. Uma pena.

CELSO PUCCI

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Eduard de Silvio Fara
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: André Forastieri
Editores Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil, Lorena Calábria (Rio de Janeiro)
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
ARTE
Editora: Deise Bilinas
Diagramação: Angelo Assan, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Arabiana G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: Ana Carmen Foschini, Arthur G. Couto Duarte, Ayrton Mugnaini Jr., Camilo G. Rocha, Fernando Naporano, Fernando Tupã, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marcus Pereira Carvalho, René Ferri
Fotos: Gladstone Mendes Campos, Jorge Rosenberg, Patrícia Arde
Arte: Antonio Fernando Moura, Eduardo Barreto
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Projeto Gráfico: OZ Desenho & Associados
Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Casseb

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araujo
SP - Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Carla Covolo, Marcelo de Almeida
RJ - Diretor: Jairo Carneiro
Contatos: Eduardo Barros, Romualdo Ayres Costa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho
Representantes:
Região Sul:
Pool Sul (0512) 23 9528 - RS, (0482) 33 7622 - SC
Centro - Oeste:
Publicentro (061) 223-0421 - Brasília - DF
SP-2
Intermídia (016) 623-4252 623-4291 - Ribeirão Preto - SP
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press - Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Abril Press - Gerente: Judith Barros. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex: 237070. Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex: 660731 ABRILPA. Fax: (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Susana Camargo - Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarini
Gerente de Circulação: Gilberto Finotti Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araujo, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** [illegible] **Telegrama:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Assinatura anual:** [illegible] **Números atrasados:** [illegible]

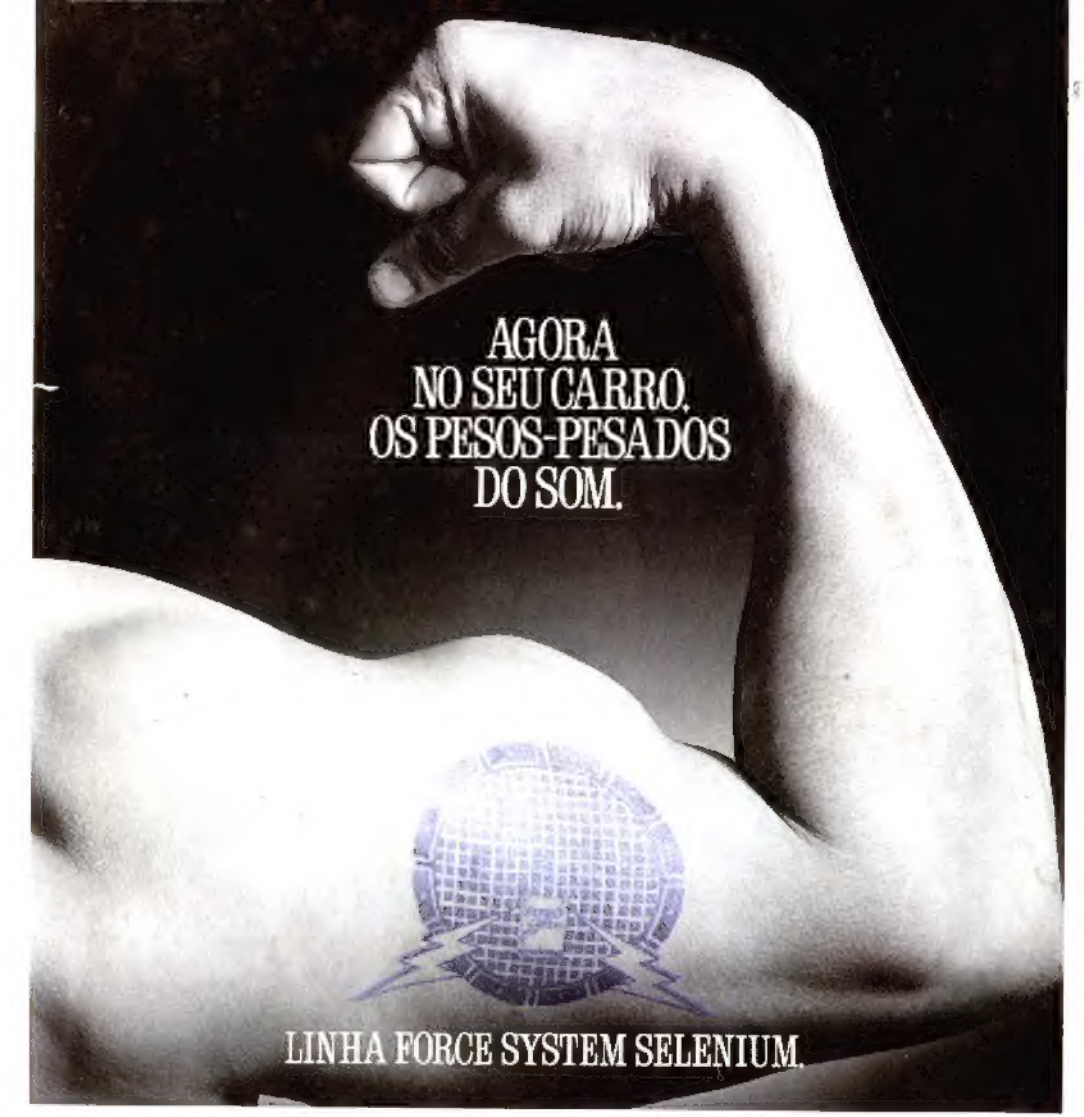
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

HÁ 5 ANOS

Entre maio e junho de 85, as rádios do planeta estão tomadas por "We Are The World". A canção do USA For Africa, produzida por Quincy Jones e composta por Lionel Richie e Michael Jackson, era uma extensão norte-americana do Band-Aid, projeto beneficente de Bob Geldof para as vítimas da fome na Etiópia, que culminaria com o Live Aid. No Brasil, a maciça execução da faixa revela para o grande público a voz rouca e áspera de **Bruce Springsteen**. O interesse em torno do Boss é tal que não deixa muitas dúvidas na escolha do capa de nossa primeira edição. A abertura da matéria, assinada pelo "bruceólogo" *José Emílio Rondeau*, ganharia o Prêmio Abril 86 🖐 O outro

Cristina Granato

grande estouro do ano — **Madonna**, com o polêmico *Like A Virgin* — agracia o poster duplo da edição, uma bela foto de *Helmut Werb* 🖐 Pela primeira vez no Brasil surge uma revista com correspondentes no exterior e entrevistas exclusivas de astros internacionais. Na primeira edição, **Tina Turner** conversa em Londres com *Bel Bicalho* e, em Paris, *Silvana Michelino* cobre a coletiva de lançamento da banda Blue Turtles, o primeiro projeto solo de **Sting** pós-Police 🖐 Já os **Titãs** lançavam seu segundo LP, *Televisão*, gancho para o repórter *Luiza de Oliveira* acompanhá-los em sua via crucis por programas de auditório como *Chacrinha* e *Hebe Camargo*, junto à fotógrafa *Cristina Granato*. 🖐 Na seção *Lançamentos* (atual *Discos*): "Letras sensíveis e inteligentes, melodias pop inesquecíveis e poderosas hecatombes sônicas [...] A adesão do **RPM** à ponta do ariete rock que vem arrombando as portas do mercado fonográfico nacional é mais do que bem-vinda. É vital". Assim Zé Emílio saudava o primeiro LP da banda de Paulo Ricardo e Schiavon. 🖐 Na seção *Ao Vivo*, Silvano flagrava em Paris a turnê *Brothers In Arms*, que transportou os **Dire Straits** ao topo do Olimpo pop 🖐 A seção *Porão* destacava bandas novas que a Redação acreditava, em breve, estarem em evidência. A maioria das profecias no mosca, como atesta a seleção de BIZZ 1: **R.E.M.**, **Jesus And Mary Chain**, **Biquini Cavadão** e **Capital Inicial** 🖐 A *Discoteca Básica* não poderia deixar de ser *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (**Beatles**, 67), por Zé Emílio: "Rock'n'roll misturado com vaudeville, ragas indianos entremeados a cravos renascentistas, atmosferas psicodélicas combinadas com climas circenses" 🖐 Por essas e outras, BIZZ havia chegado para ficar.



FORCE System SELENIUM

Se o som mais potente do seu carro vem do motor, você precisa escutar o novo lançamento da Selenium.

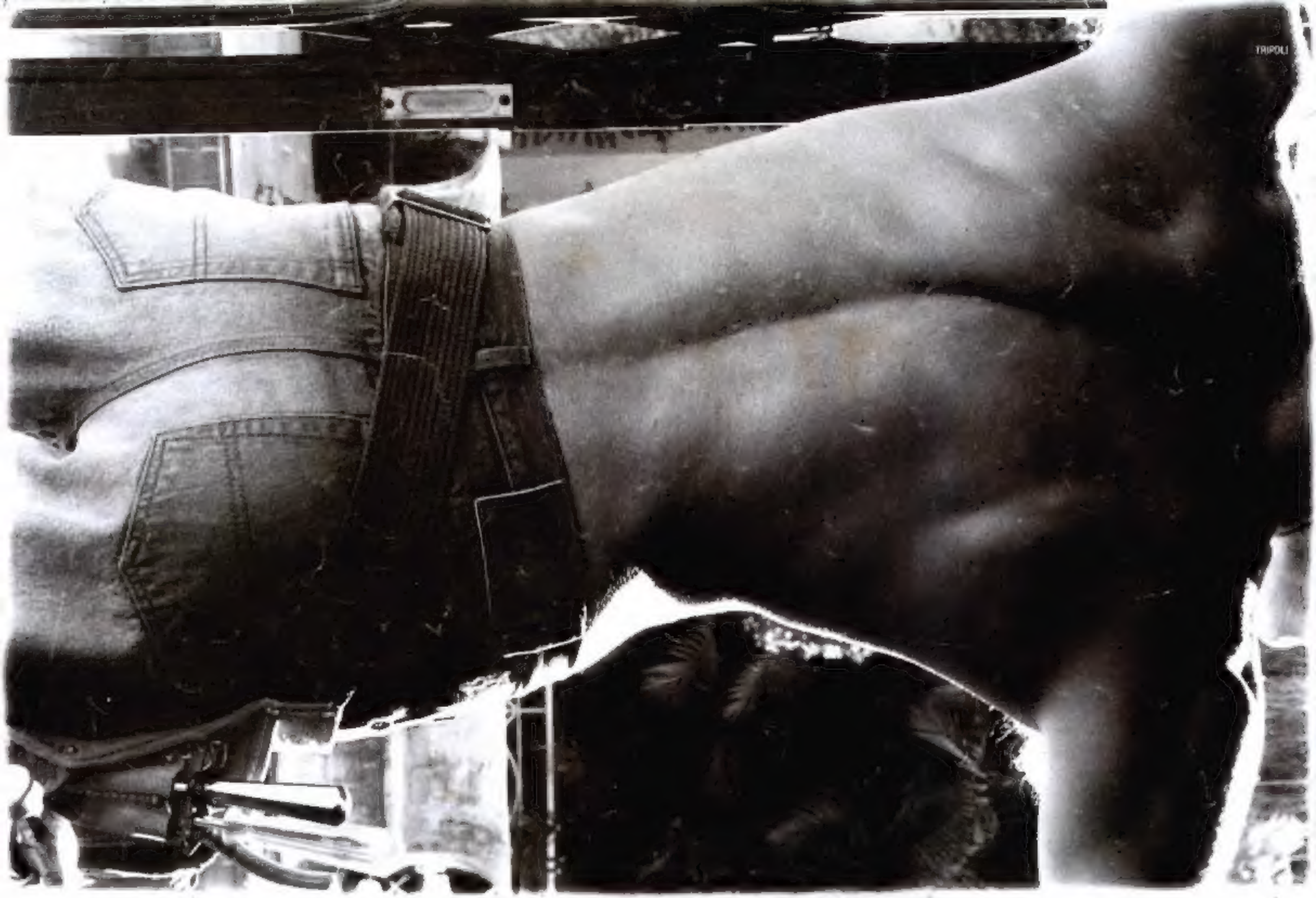
Force System é uma linha onde a potência fala mais alto.

Uma evolução da conhecida resistência dos teclados Selenium, com novo design, agora em Tweeters, Midranges e Woofers de 6, 8 e 10 polegadas.

Você põe o volume no máximo e eles respondem com a máxima qualidade, detonando até 120 Watts do mais poderoso som.

Se você gosta de um som forte, encare um peso-pesado. Instale o Force System no seu carro.

SELENIUM
A EVOCAÇÃO DO SOM AO VIVO



SETE SETE CINCO BRASIL

(011) 828 1716